



PUC
RIO

ANA MARIA STINGEL

A CONSTRUÇÃO DO PAPEL PATERNO

Dissertação de Mestrado

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

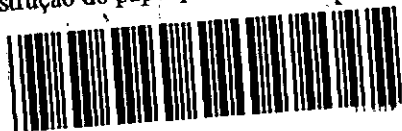
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, julho de 1991.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 S859c TESE UC
Titulo A construção do papel paterno



Ex.1 PUCB

0054612

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A CONSTRUÇÃO DO PAPEL PATERNO

ANA MARIA STINGEL

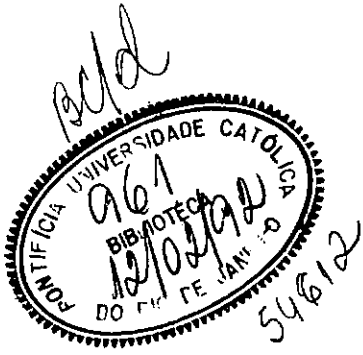
Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia
da PUC/Rio como parte dos
requisitos para obtenção -
do título de Mestre em Psi
cologia: Psicologia Clíni-
ca.

Orientadora: MARIA EUCHARÉS DE SENNA MOTA

Rio de Janeiro, Julho de 1991.

34997

UC 35288-4



150
S859c
TESE UC



A

ANTONIO, EDUARDO E LEONARDO:

PAI, companheiro e filho.

AGRADECIMENTOS

- Aos casais entrevistados, pela confiança e disponibilidade em compartilhar suas histórias de vida familiar e tornar possível este trabalho.
- À Profª Alice Reis Rosa, pelo apoio e estímulo sempre amigo e presente e pelas contribuições tão valiosas ao longo deste trabalho.
- Aos Drs. Monira Proença e Roberto Ayres e Psic. Estela Ferman, pelo acesso e participação da rotina nas enfermarias para bebês e grupos de sala de espera do Instituto de Puericultura e Pediatria Margot Gesteira, da UFRJ.
- Ao Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus, da Gávea, por permitir e facilitar o acesso a algumas famílias que contribuíram neste trabalho.
- Ao Dr. Nadir Farah pela gentileza, atenção e confiança com que recebeu a mim e ao meu trabalho.
- Aos Profs. Pedro Solberg, Vera Lemgruber, Maria Tereza Maldonado, Monique Augras, Terezinha Féres Carneiro, Ana Carolina lo Bianco, Everardo Rocha e Bernardo Jablonsky pela leitura do projeto, comentários e sugestões ao trabalho.
- À Valéria Schilling, presença amiga de todas as horas, pelo acesso ao material de informação da ONU e por oferecer-me "um teto todo meu" aonde este trabalho pôde ser redigido.

- Ao Prof. Clementino Fraga Filho, pela discussão do projeto e presença estimulante, mesmo quando silenciosa.
- À contribuição sempre carinhosa de Sônia Costa.
- À Psic. Flávia Cole, pela colaboração na transcrição das entrevistas e discussão de todo o material.
- À Advogada Lúcia Maria Ribeiro, que gentilmente pesquisou a legislação brasileira referente à Paternidade para este trabalho.
- Ao corpo docente e aos funcionários do Departamento de Psicologia da PUC/RJ, nas pessoas da Profª Maria Helena Novaes Mira, à época Coordenadora da Pós-Graduação e Secretária Vera Lúcia Lima da Silva que me fizeram sentir sempre bem vinda ao Departamento de Psicologia.
- À Leonor Stingel e Zazá Fraga, pelo apoio e estímulo sempre presente de mães, principalmente em situação de "dupla jornada".
- À Joana, filha que entrou na história de minha vida ao mesmo tempo que este Curso de Mestrado e que compulsoriamente cedeu grande parte do seu primeiro tempo de vida em companhia materna, para que o trabalho se tornasse possível.
- À Profª Maria Euchares de Senna Motta, por sua orientação e confiança depositada em mim e em meu trabalho.
- À Célia Regina Moreira de Oliveira e Benedita Paráσιο de Souza, pela datilografia deste trabalho.
- À CAPES, FAPERJ e PUC/RJ pelo apoio financeiro recebido durante o curso.

"Three passions, simple but overwhelmingly strong, have governed my life: the longing for love, the search for knowledge, and unbearable pity for the suffering of mankind. These passions, like great winds, have blown me hither and thither, in a wayward course, over a deep ocean of anguish, reaching to the very verge of despair.

(...) Love and knowledge, so far as they were possible, led upward towards heavens. But always pity brought me back to earth. Echoes of cries of pain reverberate in my heart. Children in famine, victims tortured by oppressors, helpless old people a hated burden to their sons, and the whole world of loneliness, poverty and pain make a mockery of what human life should be. I long to alleviate the evil, but I cannot, and I too suffer.

This has been my life. I have found it worth living, and would gladly live it again if the chance were offered me".

BERTRAND RUSSEL, in *Autobiography*; 1967

(...) "Gosto muito de criança. Criança é a coisa que eu mais gosto na vida. O que eu posso fazer por uma criança, assim, eu faço. Criança e velho. O que puder fazer. Tenho pena (...) tanto sofrimento. Tenho paciência, não sou de ficar gritando. Gosto muito".

O mais pobre dos entrevistados deste trabalho; 1991.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a construção do papel paterno e sua importância universal em termos humanos, além de suas particularidades em duas camadas urbanas distintas e características de determinada região do Rio de Janeiro.

Seu solo teórico é a Sociologia do Conhecimento conforme explicitado por BERGER & LUCKMAN; no entanto, devido à especificidade do tema, são utilizados outros referenciais como a Sociobiologia, a Antropologia e a Psicanálise como contrapontos para discussão.

A opção por um tratamento amplo do tema deve-se principalmente à sua característica introdutória, já que o assunto tem sido relegado em nossos meios acadêmicos, políticos e sociais, como demonstra o trabalho.

A partir do recorte teórico e de entrevistas sobre a história de vida familiar com casais socioeconomicamente classificados como de classe média-alta e classe popular, residentes na Zona Sul carioca, o material obtido em relação à construção do papel paterno foi discutido a partir das seguintes categorias ou temas: Provedor; O Desejo de um Filho; Autoridade e Lei Social; Liberdade e Identificação; Protetor-Figura de Apego; O Vínculo de Sangue; Parto, Gravidez e Primeiros Cuidados.

ABSTRACT

This work aims at discussing the construction of the father's role and its universal importance in human terms, plus its particularities in urban groups which are typical of the most important region of Rio de Janeiro.

Its theoretical basis is the Sociology of Knowledge, as stated by BERGER & LUCKMAN, although due to the specificity of the theme other approaches such as Sociobiology, Psychoanalysis and Anthropology work as counter points for discussion.

The choice for a broad approach of the theme is justified by its novelty, as it has been relegated by academic, political and social milieus, as this work demonstrates.

The above theoretical ground and entreviews on history of familial life with couples from two socio-economic strata living in the South area of Rio, led to a discussion on the construction of the father's role based on seven categories or themes: Provider ; Longing for a Child; Authority & Social Law; Freedom & Identification; Protector & Attachment Figure; The Blood Bond; Delivery, Pregnancy and First Care.

CAPÍTULO 1	INTRODUÇÃO	1
1.1.	O Esvaziamento da Paternidade no Brasil-Uma Justificativa.....	4
CAPÍTULO 2	EXISTE PAI NA FAMÍLIA NATURAL?.....	12
CAPÍTULO 3	O PAI E SUAS REPRESENTAÇÕES	28
3.1.	Teorias de Concepção e Gravidez.....	31
3.2.	A Simbolização da Figura Paterna	35
3.3.	Os Resguardos Ritual (Couvade) e Patogênico	38
3.4	A Palavra Pai	47
CAPÍTULO 4	A PATERNIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO	53
CAPÍTULO 5	METODOLOGIA	63
5.1.	Instrumentos	69
5.2.	Procedimentos	70
5.2.1.	Contato	70
5.2.2.	As Entrevistas	71
CAPÍTULO 6	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	75
6.1.	Características dos Grupos	77
6.2.	Características Gerais do Material	82
6.3.	Categorias Surgidas no Campo	84
6.3.1.	O Provedor	84
6.3.1.a.	O Pai Provedor na Família de Origem e Atual no Grupo <u>P</u>	86
6.3.1.b.	O Pai Provedor na Família de Origem e Atual no Grupo <u>MA</u>	91
6.3.2.	O Desejo de Um Filho	98
6.3.3.	Autoridade, Respeito, Educação e Lei Social..	113

6.3.3.a. Os Pais de Origem-A concepção de Autoridade na Razão Inversa do Castigo Corporal	114
6.3.3.b. O Meio como Influência Negativa para os Pais Atuais	118
6.3.4. Liberdade, Desejos, Escolhas e Identificação..	132
6.4. Considerações sobre Categorias Surgidas na Teoria ...	145
6.4.1. Protetor, Figura de Apego	145
6.4.2. O Vínculo de Sangue	157
6.4.3. O Parto, a Gravidez, Primeiros Cuidados	162
CAPÍTULO 7 A CONSTRUÇÃO DO PAPEL PATERNO	174
CAPÍTULO 8 CONCLUSÃO	184
BIBLIOGRAFIA	187
AUTORES CITADOS	191

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

(...) "Os grupos de extermínio do Rio de Janeiro, particularmente na Baixada Fluminense, vêm criando uma paternidade trágica e inusitada: a adoção de um menino morto".

GILBERTO DIMENSTEIN in A Guerra dos Meninos (1990)

"O que é um pai?" pergunta GENEVIÈVE DELAISI DE PARCEVAL. "A resposta está longe de ser evidente. Trata-se do genitor, do educador ou do companheiro da mãe?"

Essa é, fundamentalmente, a questão que desenvolvo ao longo desta dissertação, porque pareceu-me que havia na literatura e discussões acadêmicas, no discurso e na prática do campo, um elemento ausente, uma ausência apontada, insinuada, porém nunca enunciada ou admitida como falta: o pai. Para empreender uma pesquisa sobre tema pouco estudado, pareceu-me adequado utilizar a Sociologia do Conhecimento segundo BERGER & LUCKMAN como referencial teórico, na medida em que privilegia o dado empírico - descritivo na compreensão da realidade cotidiana, da qual o personagem pai participa com seus semelhantes.

A partir de alguns posicionamentos discutidos na parte teórica, transcrevo e analiso trechos de entrevistas realizadas com 14 casais que residem na Zona Sul do Rio de Janeiro, sendo que sete deles são classificados aqui como pertencendo a uma classe socio-economicamente diferenciada, que chamei de média-alta e outros sete classificados aqui como pertencendo a uma classe popular. São 14 famílias nucleadas, que podem ser ainda categorizadas como socio-econô

micamente ascendentes em relação à família de origem. Podem ainda ser consideradas pessoas originárias de outros meios socio-culturais que não o Rio de Janeiro, já que, as pessoas entrevistadas, seus pais e mães, ou ainda, seus avós, vieram de outros Estados ou mesmo de outros países.

Ao abordar dois grupos distintos de pais, tive o propósito de refletir a ampla estratificação sócio-econômica em área urbana circunscrita, característica da Zona Sul carioca, onde os contrastes sociais fazem parte do dia-a-dia de ricos, "intermediários" e pobres que nela residem. Ao repartir a amostra, tenho o objetivo de evidenciar aspectos que são importantes para o grupo - como grupo geográfico e socio-economicamente ascendente - e aspectos próprios de estrato sócio-econômico específico, que se refletem no cotidiano da vida familiar dessas pessoas.

O objetivo da análise é "iluminar", em contexto, como postulam BERGER & LUCKMAN, aspectos gerais que constroem a identidade do papel paterno para esses homens, a fim de oferecer representações - palavras, idéias, sistemas ou símbolos - que, por sua vez, permitam compreender a vivência de tal papel.

A abundância de produção teórico-empírica na área da Psicologia sobre o papel da mãe e do vínculo mãe-filho reproduz e reforça esse aspecto das relações familiares; no entanto, como fenômeno, também oblitera o pensamento sobre a relação que o homem tem com a prole em nível relacional, contribuindo para sua redução ao personagem familiar que apenas representa a família na vida pública (através do nome, do trabalho, da responsabilidade civil dos filhos, etc.)*.

Este estudo permite pensar na relação pai-filho com a dimen-

* CLULOW & MATTINSON, diretores da TAVISTOCK INSTITUTE OF MARITAL STUDIES, afirmam em trabalho publicado em 1989: "the role of fathers in families is relatively neglected in Psychological writing".

são de reciprocidade, de um processo dialético aonde não somente o filho sofre o impacto do pai como na Psicanálise clássica, discutida no capítulo 4, mas também revelando o pai sensível ao impacto relacional dos filhos.

A vinculação reforçada da mãe com o filho é, em geral, justificada por características biológicas humanas, já que a mulher, através do corpo, vive a gestação, o parto e a amamentação.

Em termos de "sangue", ou de cargas genéticas, no entanto, é entendido no mundo ocidental que a criança é formada por partes iguais de material genético do pai e da mãe. Esse conhecimento proporciona, por sua vez, a possibilidade de simbolizar o filho como produto tanto do homem como da mulher, na reprodução humana.

Se, entre espécies sociais próximas ao homem, como é discutido no capítulo 2, o macho tem um papel relacional específico com os filhotes - em geral de proteção, às vezes de provisão - como mecanismo biológico que assegura a perpetuação da espécie, há que se reconhecer que o *homo sapiens* não foge à regra, ainda que o faça de forma diversa, extremamente complexa e desenvolvida ao longo da vida.

Dessa forma, o comportamento protetor de machos dominantes nas espécies sociais em relação aos filhotes do grupo, contrasta com a condição miserável em que vivem (e morrem) milhões de crianças em nosso país que é um grupo social hierarquizado, sob autoridade e proteção de governo.

Se a dificuldade relativa a "uma percepção imediata" do filho pelo seu genitor humano cria um espaço para simbolização - individual ou grupal - privilegiado, como descrito no capítulo 3, também é

espaço passível de esvaziamento em seus conteúdos simbólicos no grupo que não reconhecer a sua importância.

Apesar da dificuldade que significa detectar essa falta em uma sociedade complexa e urbana como a nossa, duas autoras, EUNICE DURHAM e ANA MARIA GOLDANI atentam também para o mesmo fato; é com reflexões dessas duas autoras e dados demográficos recentes do país produzidos pelo IBGE e pela ONU, que pretendo construir a justificativa deste trabalho e demonstrar a pertinência de promover o vínculo homem-criança e não apenas mulher-criança.

1.1. O ESVAZIAMENTO DA PATERNIDADE NO BRASIL - UMA JUSTIFICATIVA

Estudar a relação de um homem com seus filhos é certamente algo não ortodoxo no Brasil. Em todo o sistema de atendimento em saúde pública, por exemplo, pensa-se o tempo todo somente na mãe e na criança, em razão dos cuidados obstétricos e pediátricos - na medida em que "é a mãe que cuida da criança" - dirigem-se à mãe na gravidez, no parto e na troca de informações sobre os cuidados de saúde da criança.

Também os perfis estatísticos sobre a fecundidade, referem-se exclusivamente às mulheres pela óbvia razão que seria muito difícil fazer um estudo sobre a fecundidade masculina, o que não significa que ela não exista, ou não seja importante. O fato de ela não ser explicitada pode inclusive levar a uma falta no nível de ideias, falta como categoria a ser pensada. Um exemplo: no caso de uma mulher que tenha filhos de um homem só. Essa situação pode dar a ideia de que a recíproca seja verdadeira, quando de fato esse homem

pode muito bem ter filhos de outras mulheres; tal situação é encontrada, inclusive, com relativa freqüência entre mulheres mais pobres, ou seja, terem filhos de homens com outras famílias, não necessariamente pobres.

De qualquer forma e apesar das pesquisas sobre a população falarem apenas de "famílias", "mães" e "filhos", poderemos, indiretamente, tirar algumas conclusões importantes sobre o pai, um verdadeiro "sujeito oculto" na família brasileira, a partir desses dados.

Em *Evolutions de la Famille* (nov/1990) ANA MARIA GOLDANI, citando recenseamento da população feminina no Brasil, mostra que a porcentagem de mulheres como chefes de domicílio aumentou em 57% entre 1960 e 1984 (de 10,6% para 18,4% do total de domicílios). No entanto, a porcentagem de mulheres solteiras com filhos* aumentou quatro vezes no mesmo período (de 2,7% para 10,7% do total de solteiras). Ainda, a taxa de fecundidade global caiu para quase a metade (de 6,3 para 3,6 filhos para cada mulher em vida fértil, no mesmo período). Ou seja, apesar de as mulheres estarem tendo menos filhos - podemos concluir que os homens também - quatro vezes mais mulheres solteiras tinham filhos.

Outro dado mais recente acentua essa tendência. Segundo o IBGE, em 1984, 25% das crianças que nasceram no país eram de mães solteiras, portanto uma em quatro. Em 1985, 26%, em 1986, 28%, em 1988, 31% **, o que significa mudança de um em quatro, para um em três, num período de quatro anos (REVISTA VEJA, 16/01/1991).

*Representando as mães com filhos sem registro de pais.

** Compreendendo 900.000 casos.

Se, além de tudo isso, levarmos em consideração que o efetivo total de mulheres em idade fértil dobrou, podemos dobrar o resultado numérico representado pelas estatísticas acima (total de 20 para 40 milhões de mulheres).

Não são dados desprezíveis para um trabalho sobre a paternidade: indicam que há um movimento estatístico crescente no Brasil, acentuado no último período, apontando para a possibilidade de genitores que não se vinculam à prole biológica, ou seja, em 1988, eram um em cada três. Podemos supor que, em níveis estatísticos, o homem brasileiro está perdendo o vínculo com seus filhos biológicos.

É, de certa forma, à esse problema que EUNICE DURHAM se refere, já em 1980, quando apresentou a versão preliminar de *Família e Reprodução Humana*. Pautada no tema da divisão sexual do trabalho público e doméstico - na maior inclusão da mulher no mercado de trabalho*, DURHAM discute mudanças de comportamentos femininos, especialmente a liberação da sexualidade, notando que:

(...) "persiste, entretanto, o conflito básico entre, de um lado, a livre expressão da individualidade, tanto na carreira profissional como na vida amorosa, que enfraquece o vínculo conjugal, e de outro, a responsabilidade conjunta em relação aos filhos comuns, que exige o seu fortalecimento". (p. 40)

GOLDANI, afirma, que en sua analyse *Evolution da famille et demande de politique publique au Brésil* (nov.1990):

*O contingente de mulheres no mercado de trabalho triplicou no período de 60 a 84, segundo tabela de GOLDANI (1991).

"Au cours des vingt-cinq dernières années, la proportion de ménages dirigés par une femme, tout en demeurant faible, a beaucoup augmenté. Le nombre a presque quadruplé entre 1960 et 1984, pour atteindre 5,7 millions, soit une famille sur cinq. Dans le même temps, celui des ménages dirigés par un homme augmentait à peu près du double, pour passer à 25,3 millions". (p. 586)

A esses dados, GOLDANI, acrescenta a variável "pobreza":

"L'accélération, ces dernières années, de la progression des ménages placés sous l'autorité d'une femme est préoccupante, car un de ces ménage sur deux, contre un sur quatre pour ceux dont le chef est un homme, vit au niveau ou au-dessous du seuil de pauvreté, c'est-à-dire avec un revenu inférieur au salaire mensuel-minimal. En comparant les données de 1980 et celles de 1960, une sur quatre de ces familles seulement vivait dans la pauvreté, définie comme précédemment, contre une sur six des familles dirigées par un homme". (p. 586)

Ao concluir a sua análise, a autora afirma:

"Le nombre croissant des familles dirigées par des femmes, non-Banches en particulier, le pourcentage plus élevé des ménages pauvres dont le chef est une femme, l'absence d'organismes publics d'aide aux familles pour les enfants, l'allongement de la période que les femmes passent dans la situation de mères d'enfants dépendants et le fait qu'il y a davantage d'enfants appelés à passer une partie de leur existence dans une famille monoparentale sont autant de signes tangibles d'un alourdissement des responsabilités des charges qui pèsent sur les chefs de ménage".(p. 589)

Essa sobrecarga alocada à população feminina certamente se reflete na situação da população infantil do país; como veremos, existe um grande numero de crianças que são abandonadas, exportadas e assassinadas, apesar da queda de fecundidade, em nosso país.

Segundo a FUNABEM, em 1987, havia no Brasil 63 milhões de pessoas de até 19 anos (47% da população total). Cerca de 37 milhões eram carentes e 7 milhões eram abandonadas. Dessas, 42 mil eram atendidas pela FUNABEM; ou seja, em cada 10,6 eram carentes e 1 abandonada, e a FUNABEM assistia 0,006% do total.

É impressionante notar que, se a taxa de mortalidade infantil no Brasil nos últimos anos está em torno de 57 para cada 1000 nascimentos, por outro lado, das 1000 crianças que sobrevivem, 100 são abandonadas.

Se as taxas de fecundidade vêm decrescendo sistematicamente, mesmo assim as taxas de abandono, em relação aos sobreviventes, são muito altas.

É drástico equiparar tais dados estatísticos com um comentário que PARCEVAL faz, quando fala das "artimanhas" engendradas em sistemas de parentesco classificatório, para que ninguém fique sem descendência, descritas no capítulo 3:

(...)"Somente em razão da pobreza de nosso próprio sistema familiar é que tivemos de inventar (e ainda muito recentemente) o laborioso sistema de inseminação artificial com doador nos casos de esterilidade masculina e que ainda nada foi encontrado para remediar a esterilidade feminina*, exceto a adoção, que, como se sabe, é muito problemática na época atual, em virtude do número reduzido de crianças adotáveis".** (p. 42)

É nesse momento que a realidade brasileira se impõe e exige

* PARCEVAL escreve em 1981, quando os casos de "barrigas de aluguel" ainda não eram difundidos.

** Grifo meu.

uma análise mais local, menos pautada numa concepção de "mundo ocidental", para se tornar mais o "centro urbano brasileiro" já que 76% de nossa população é urbana.

Somos um país que exporta crianças legal ou ilegalmente para países desenvolvidos, apesar da clara oposição do Estado em admitir tal fato, dificultando a adoção legal e criminando aquelas quadrilhas que agem com a adoção ilegal, ganhando de 10 a 20 mil dólares por criança, como noticiado pelos meios de comunicação.

Além disso, nos últimos anos, vêm aumentando as práticas de assaltos e furtos por menores de 18 anos, e mais recentemente, o extermínio desses menores. GILBERTO DIMENSTEIN, em *A Guerra dos Meninos* (1990) faz o relato de uma pesquisa que envolveu 315 entrevistas com menores, familiares, policiais, autoridades, educadores, psicólogos, religiosos, etc., sobre o extermínio de menores em seis das principais capitais brasileiras.

No segundo capítulo - "Os mortos também são adotados" - afirma que:

(...) "os grupos de extermínio do Rio de Janeiro, particularmente na Baixada Fluminense, vêm criando uma paternidade trágica e inusitada: a adoção de um menino morto". (p. 35)

Depois de adotado por pessoas que nem ao menos o conhecem ou a seus familiares, o menino, pode, enfim, ser enterrado com um nome, para que possa cumprir as formalidades do IML. Se um corpo com marcas de violência não é reconhecido por familiares, não tem um nome, ele não é, oficialmente, "uma vítima". Há casos inclusive onde a família não aparece devido às ameaças feitas por esses grupos*.

*DIMENSTEIN enfatiza ainda que, na sua maioria, os menores assassinados não tem passagens pela polícia.

DIMENSTEIN cita o jesuíta CLOVIS PIAZZA, de Salvador, que trabalha com menores infratores, ao observar que, devido aos seus conhecimentos de Psicologia, ele procura entender a linguagem da agressividade e tenta estabelecer uma ponte afetiva, o que pode demorar a nos e em vários casos não acontece. Quando esta ponte é estabelecida:

(...) "o garoto começa a te ver como pai, a proteção. E inconscientemente, passa a te agredir. Ele te responsabiliza como se você fosse o pai que jogou ele na rua, que o colocou no enfrentamento com a violência. Se o educador não entender essa fase e rejeitá-lo, expulsando-o, tudo estará perdido". (p. 28)

Vale lembrar ainda que nesse fenômeno encontram-se envolvidos em grande parte elementos masculinos, na medida em que tanto exterminadores quanto exterminados pertencem ao sexo masculino.

As meninas abandonadas, em geral, são iniciadas na prostituição, cuja violência "per se" escapa ao escopo deste estudo, porém cria novamente uma situação em que os filhos dessas mulheres provavelmente não terão pais.

Quando levamos em conta que as experiências infantis são importantes na reprodução de determinado fator social, fica claro que não estou tratando de fatores isolados, não articulados e passageiros, pelo curto espaço de tempo que vêm ocorrendo. Conforme DURHAM:

(...) "a família como qualquer outra instituição, se altera historicamente em sentidos muitas vezes imprevisíveis; entretanto, essas alterações não se dão em função de um planejamento racional, mas estão condicionadas a concepções e valores ancorados na tradição histórica". (p. 39)

Dessa forma, a família, como núcleo social que se reproduz, passa a ter características crescentes de um enfraquecimento na participação da figura masculina "possessiva e protetora" da qual fala MORIN, citado no capítulo 2. Os fatores que levaram a tal situação são múltiplos, valendo lembrar aqui apenas que este é um fenômeno de característica circular, realimentadora do individual para o social e vice versa; são fatos que reafirmam, mutuamente, a sua incidência.

Se, a partir de dados demográficos e de suas alterações nos últimos anos, podemos afirmar que o vínculo com o pai biológico - privilegiado em nossa cultura, como demonstrado no capítulo 3 e nos dados da pesquisa de campo - é um vínculo que vem se enfraquecendo ao diminuir a sua incidência no Brasil, e partindo do princípio que "a realidade subjetiva de uma coisa da qual nunca se fala torna-se vacilante", como BERGER & LUCKMAN, optei, neste trabalho, por ouvir pais e mães sobre as suas histórias de vida familiar e observar como, nessas histórias, "o pai" é representado verbalmente por esses homens para depreender então a construção do seu papel paterno.

Posso adiantar aqui, a partir da análise empreendida na segunda parte desta dissertação, que a maioria dos pais entrevistados consideram o fato de serem pais como algo "natural" e parte intrínseca às suas vidas.

Considerarei pertinente, portanto, iniciar a explanação dos aspectos teórico - empíricos sobre a Paternidade, que precedem a pesquisa de campo, discutindo a existência do homem no grupo humano "natural", como considera DURHAM.

CAPÍTULO 2 - EXISTE PAI NA FAMÍLIA NATURAL?

"A partir das condutas biológicas ditas 'naturais', distantes das tradições humanas ditas 'culturais', trataremos de compreender como se re partem os papéis ditos 'paternos' e 'maternos' na variabilidade dos comportamentos parentais.

Um trabalho como este surpreenderia aqueles que pensam que o problema está resolvido: o macho fecunda, planta sua semente na terra-mãe, pois é o genitor, a fêmea leva os germes em seu seio, protegendo e nutrindo sua cria.

Esta afirmação repousa unicamente sobre o imaginário dos humanos, a partir de um fantasma unitário: 'na origem, sendo muito, muito pequeno, eu formava um com minha mãe, eu fazia parte de seu corpo e me confundia com ela e nela'.

BERNARD THIS, in O Pai: Ato de Nascimento; 1980.

EUNICE DURHAM, antropóloga brasileira, afirma em Família e Reprodução Humana (1983):

"Se existisse algum grupo natural na sociedade humana, não seria a família, mas aquele formado por uma mulher e sua prole imatura.* Com efeito, podemos argumentar que a gestação, a amamentação prolongada e a necessidade de proteger, alimentar e carregar os bebês humanos durante muito tempo, devem contribuir para criar laços relativamente duradouros entre mães e filhos". (p.20)

* Grifo meu.

DURHAM discute a tendência à naturalização de certas instituições da sociedade, privilegiadamente, a regulamentação social de atividades de nítida base biológica: o sexo e a reprodução; alerta para "manipulações de concepções científicas nessa legitimação, o que tende a contaminar, de maneira grosseira ou sutil, a própria reflexão científica". (p. 15)

Mais adiante, a autora reconhece que é difícil falar de determinações biológicas quando se trata de sociedades humanas, já que a própria evolução física da espécie esteve condicionada ao desenvolvimento da cultura, cujos primórdios são bem anteriores, inclusive, ao aparecimento do próprio gênero *homo*:

"Apesar disso, todos podemos reconhecer que o homem é um animal, um mamífero e um primata com características físicas definidas, e é perfeitamente possível e válido analisar as semelhanças e diferenças entre o *homo sapiens* e outras espécies, particularmente aquelas que estão biogeneticamente mais próximas. Essa comparação, inclusive, parece-me especialmente relevante no que toca à reprodução". (p. 17)

Vale ressaltar que DURHAM discute a família e a reprodução humana para focalizar mais exatamente a divisão sexual do trabalho público e privado e, nesse particular, concordo com as posições da autora, como já discutido na Introdução. No entanto, ao tangenciar o tema da paternidade, parece não haver subsídios para falar sobre ele, como no trecho a seguir sobre a transformação do modelo familiar, marcada pela emergência do movimento feminista, quando novos pro-

blemas vêm sendo privilegiados, especialmente os referentes à trans -
formação da divisão sexual do trabalho, associada à dominação masculi
na:

(...) "o que ocorreu de fato foi a inclusão simultânea da mulher nas duas esferas, a pública e a privada, de modo contraditório. Dessa maneira, a condição feminina passou a sofrer uma ambiguidade (...) a percepção de sua igualdade enquanto indivíduo na esfera de mercado e de sua desigualdade enquanto mulher, ancorada na esfera doméstica da reprodução (...). O problema da família se recoloca, entretanto, cada vez que se reapresenta a questão dos filhos e da responsabilidade social associada à maternidade e paternidade". (p. 34)

DURHAM alerta para uma tentativa radical de solucionar o problema da reprodução, ou seja, a proposta de abolir integralmente o vínculo conjugal, negando a qualquer homem o direito e a responsabilidade sobre a prole da mulher, modelo contraditório porque recria uma desigualdade entre os sexos, "eximindo" (eu diria excluindo) totalmente os homens de um papel social na reprodução.

Quando DURHAM identifica a família natural como mulher e prole imatura, no entanto, vale lembrar que se gestação e amamentação ao seio são características intrínsecas à biologia feminina, por outro lado, proteger, alimentar e carregar os bebês durante muito tempo não são exclusividades biológicas femininas. Além do mais, grupos naturais de animais que se organizam socialmente, como é o caso do ser humano, são sempre compostos de machos, fêmeas e filhotes, cabendo a cada um destes um papel bem determinado que garanta a continuação da

espécie, ou do grupo.

Como legitimado pela própria autora, portanto, gostaria de relativizar os papéis masculino e feminino na reprodução biológica.

Em *Sociobiology*, WILSON* (1975) dedica um capítulo ao tema de parental care em espécies animais. Nos animais, afirma WILSON:

(...) "the pattern of parental care, being a biological trait like any other, is genetically programmed and varies enormously from one species to the next... The females of most hemipterous bugs, for example, simply deposit their eggs on the host plant and depart. In a few cases one parent - whether the female or the male depends on the species - stands guard over the egg mass until the nymphs emerge". (p. 168)

BERNARD THIS, autor francês que se ocupou do tema da paternidade, e que alerta para a falta de estudos sobre a importância do pai - "hoje em dia ainda, o nascimento de uma criança continua a ser, muitas vezes, assunto exclusivo de uma mulher e seu médico: o pai, eliminado, é em alguns casos tratado como estorvo" (p. 235) - coloca suas questões a partir da biologia, enquanto estudo da vida, e interroga o "furor seminal" dos machos: (...) "diz-se, rivalizam para fecundar o máximo de fêmeas, sem se preocupar com sua descendência". O autor acrescenta que a observação dos animais, por exemplo, nos mostra que a gestação está ligada ao sexo feminino, mas o está bem menos

*EDWARD O. WILSON é o pseudônimo do sociobiólogo FRANK B. BAIRD, Professor de Ciência e Curador em Entomologia no Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard, em 1975; vencedor do Prêmio Pulitzer de "não ficção" em 1979.

do que poderíamos pensar se não nos contentássemos em estudar apenas o comportamento de animais domésticos. Cita vários exemplos de peixes cujos machos incubam, quer numa bolsa marsupial, quer sob a pele (incubação cutânea), quer dentro da boca (bucal). Esta também existe em uma classe de anfíbios*, na qual os machos recolhem as larvas e as leva consigo, até a eclosão, em sua bolsa gular. (p. 22)

Existe, ainda, lembra THIS, o macho nutridor, que secreta substâncias nutritivas para as crias, entre espécies de peixes, pássaros** e pingüins.

Em termos comportamentais, não mais fisiológicos, entre pássaros, os dois sexos participam na obra em comum, quer se trate da construção do ninho, da incubação, da nutrição ou da defesa, e a distribuição de tarefas é muito variável segundo a espécie. THIS, no entanto, destaca:

"No que diz respeito aos mamíferos, deve-se observar que a biologia não favorece o estabelecimento de condutas 'paternais': uma longa gestação separa o genitor de sua descendência. A função nutritiva de aleitamento garante uma estreita relação mãe-filho, mas modifica as condutas parentais. O macho só pode intervir se a estabilidade do casal assegura sua presença no momento do aparecimento da cria e se a fêmea o permitir". (p. 24)

* Rãs Rhinoderma.

** Peixes ciclídeos; pássaros columbideos, que secretam o leite do papo, que por sua vez depende da ação do hormônio prolactina.

O aparecimento da cria é a época em que as fêmeas estão mais agressivas e os machos têm a sua agressividade diminuída. Machos adultos a sós com filhotes manifestam condutas protetoras, idênticas às da mãe - lambar, acalantar, trazer de volta ao ninho. Em certas ordens,

..."encontra-se uma defesa global de grupo pelos machos dominantes: o adulto macho é extremamente tolerante com os filhotes e ajuda os que estão em dificuldade, mas não há conduta paternal positiva em relação aos filhotes. Condutas paternais explícitas só existem entre os carnívoros, os roedores e os primatas". (p. 28)

Nos macacos, há um exemplo extremo. Entre os sagüis, a fêmea é assistida pelo macho nos primeiros cuidados logo após o nascimento, e, imediatamente, entrega os filhotes a ele, que os carrega daí em diante, cuidando deles de modo constante. Regularmente, ele os entrega à mãe para amamentar: tão logo tenha terminado, ela os devolve ao macho, (...) "o qual é mesmo energicamente maltratado, se tarda em reassumir seu encargo" (H.SALMAN, apud THIS (p. 12). Aos dois meses, ocorre um brusco desmame, enquanto o macho continua a carregá-los ainda por algumas semanas. Se, num bando, um macho encarregado das crias é morto, não é a mãe nem outra fêmea que recolhe os filhotes, mas sim um macho disponível.

Na família monógama permanente do gibão, o macho pouco intervém na primeira criação, mas carrega e cuida posteriormente dos fi

lhotos. O mesmo acontece com os chimpanzés, entre os quais o macho dominante do clã se encarrega quase sempre de transportar os filhotes quando o bando se encontra frente a uma passagem difícil.

Nas espécies sociais, o macho dominante intervém com frequência para manter a paz no grupo, impedindo que as brincadeiras dos jovens se desenvolvam em lutas agressivas e perigosas.

"Os machos dominantes desempenham ainda um papel essencial nos processos de identificação e aprendizagem por imitação". (idem, *ibidem*, p. 23)

Nota que, se ensinarmos um animal que ocupa um lugar inferior na hierarquia do bando a introduzir uma moeda num aparelho distribuidor de bananas, ele não é imitado pelos outros membros do grupo. Mas, se esse animal for o líder do bando, em poucos dias todos os demais, imitando-o, também aprenderão a fazê-lo. "O macho dominante não ensina, é imitado", nota THIS (*ibidem*, p. 23). Assim, ao ter uma atitude protetora em relação aos filhotes do bando, a tendência seria ter esse comportamento também imitado pelos outros machos.

Essas disposições parentais, variáveis segundo as espécies, no entanto, só se manifestam em certas condições naturais, ou seja: viver em contato com uma mãe satisfatória, adquirir experiência de contato corporal durante as brincadeiras com outros filhotes, desenvolver atitudes sociais de domínio tolerante e submissão consentida, a fim de que o equilíbrio de suas motivações globais não seja profundamente comprometido. Além disso, as disposições parentais do

macho só se manifestam se este tiver acesso ao filhote, o que exige contato permanente entre macho e fêmea e uma atitude tolerante desta, durante a aprendizagem recíproca.

"A manifestação das disposições parentais exige, inevitavelmente, um segundo aprendizado que permita a identificação recíproca do macho e do filhote e (...) este condicionamento depende em larga escala da atitude de uma mãe necessariamente comprometida em tais interações. Por último, tais manifestações dependem radicalmente da motivação global do sujeito, resultando não só de uma situação atual e de um aprendizado recente, mas ainda do desenvolvimento total do indivíduo; o que, entre os animais superiores, inclui os dias iniciais de vida (...) Estas disposições iniciais só desembocarão em condutas manifestas, se o animal se desenvolver de uma maneira normal, num meio social específico e se encontrar as situações biologicamente naturais de sua espécie". (apud, THIS; p. 28)

Para argumentar que um grupo natural na sociedade humana não seria a família, mas sim a mulher e sua prole imatura, DURHAM desenvolve as seguintes considerações: entre os primatas, o emparelhamento permanente é muito raro. Entre os antropóides, apenas o gibão vive costumeiramente em pequenos grupos formados por um macho, uma fêmea e prole imatura, como concorda THIS; possuem uma "família"; no entanto, não têm uma "sociedade". Os orangotangos, por sua vez, são animais solitários, que convivem brevemente no cio de uma fêmea, e as crias ficam inteiramente aos cuidados da fêmea.

Chimpanzés e gorilas, ao contrário, vivem em bandos mas não possuem o que poderíamos considerar uma família, já que os bandos são unidades hierarquizadas nas quais os machos adultos dominam as fê

meas e um macho domina os demais. "De forma um tanto simplificada", conclui DURHAM,

(...)"podemos dizer que entre os antropóides e os primatas, em geral encontramos 'famílias', ou bandos, mas nunca ambos simultaneamente, sendo impossível erigir as famílias em núcleos formadores de uma vida social mais ampla, ou pensar na família como fundamento natural da sociedade". (p. 20)

No entanto, se apenas o gibão tem uma "família" e na grande maioria os antropóides vivem em bandos nos quais o macho tem um papel importante na proteção dos filhotes e na estruturação total daquele grupo social, o grupo natural na sociedade humana também seria o bando e não uma mulher com prole imatura porque ela não teria meios de proteger e alimentar seus filhos sozinha.

Em termos biológicos não é possível pensar assim já que o comportamento da espécie determina a sua continuidade. Como poderia uma fêmea humana gestar por nove meses e cuidar de filhos já existentes, protegê-los e a si própria, alimentar os mais jovens por um longo período de tempo, como é característico da espécie humana? Caberá aos machos, simplesmente a participação através da copulação?

Trata-se de uma hipótese, em minha opinião, inaceitável: os antropóides e os primatas vivem em famílias ou em bandos, ou seja, em ambos os machos tem um papel sociobiológico em relação à prole, seja ela gerada por ele, ou não.

No caso dos orangotangos, estes são animais solitários, algo novamente impensável em termos humanos, já que somos animais sociais por excelência.

DURHAM oferece uma resposta antropológica ao que acontece nos grupos humanos: já que as relações sexuais, embora necessárias à reprodução, não criam obrigatoriamente, ao contrário da amamentação, vínculos duradouros, é necessário que as sociedades humanas criem mecanismos, com enorme dose de coerção, acrescenta DURHAM, para estabelecer essas relações:

"(...)A relação entre um homem e a prole que ele gerou, excluindo-se o ponto de vista extritamente genético, é necessariamente indireta, não apresentando a 'naturalidade' das relações mãe e filho. Ora, o próprio das famílias humanas, em todas as sociedades, é exatamente o estabelecimento de vínculos sociais entre os filhos de uma mulher e homens determinados, vínculos esses que são criados através de representações (idéias, sistemas e símbolos) incorporados nas noções de parentesco e instrumentalizadas pelo casamento". (p. 20)

Assim, fica evidente, mais uma vez, que a sociedade estabelece vínculos entre filhos de uma mulher e determinados homens, não importando aqui se estes são, verdadeiramente, os genitores da prole, já que a evidência da paternidade genética é uma possibilidade, porém não uma certeza biológica imediata ou um conhecimento cultural.

Antes, no entanto, de pensarmos a questão apenas antropológicamente, vale pensar no que o homem tem de único, em referência aos outros animais, em sua sociobiologia. Segundo WILSON, as características únicas do ser humano são: linguagem verdadeira; cultura elaborada; divisão cooperativa de trabalho entre machos e fêmeas adultos; atividade sexual contínua através de todo o ciclo menstrual; tabus formalizados e regras de troca no casamento com reconhecimento

das redes de parentesco. Vale assinalar que WILSON considera o envolvimento do macho no cuidado parental, como uma característica particularmente intensa no ser humano se comparado a outros animais.

É pertinente introduzir algumas considerações de EDGAR MORIN. Em *O Enigma do Homem* (1973), ao descrever o que chama de processo de hominização, o autor concorda que, ao contrário do que sucede com as aves e com muitas espécies, o casal não é a unidade básica da sociedade de primatas, já que ainda não existe família nas sociedades de símios e antropóides, e, quando existe família, não existe sociedade. No entanto, escreve MORIN:

"A hominização estreitou os laços entre mãe e filhos, entre mulher e homem e aproximou o homem da criança (...) a intimidade entre a mulher e o homem foi favorecida por processos de origens distintas que interferiram uns com os outros. A individualização aumentada e o desenvolvimento das relações afetivas interindividuais, a manutenção no adulto da aptidão infantil para amar, repercutiram-se sobre as relações entre homem e mulher, acen tuadas, fortificadas pela incidência da erotização generalizada e da sexualização permanente" . (p. 158)

A sexualidade humana, portanto, é tida como única no reino animal. DESMOND MORRIS (1967, 1981) a partir de dados de MASTERS & JOHNSON (1966) e outros, enumerou características intrínsecas da sexualidade humana, associadas à perda dos pelos corporais: seios e nádegas protuberantes nas mulheres jovens, a vasodilatação e sensibilidade aumentada dos lábios, partes macias do nariz, orelhas, mamilos e

genitais, além do grande tamanho do pênis masculino, especialmente durante a ereção. WILSON cita as mesmas características de MORRIS; também cita DARWIN que, em 1871, comentou ser a pele do corpo feminino um estimulante sexual. E acrescenta:

"Todas essas alterações servem para cimentar os laços permanentes, que são desvinculados, no tempo, ao momento de ovulação. O estros foi reduzido a um vestígio, para consternação daqueles que tentam praticar controle da natalidade pelo método do ritmo. O comportamento sexual tornou-se amplamente dissociado do ato de fertilização. É irônico que alguns religiosos que permitem a atividade sexual apenas para fins de procriação, o façam baseados em uma 'lei natural'. Trata-se de um esforço mal orientado em etologia comparada, baseados na pressuposição incorreta que, na reprodução, o homem é essencialmente como os outros animais". (p. 278)

Assim, como WILSON, admitem MORIN e MORRIS* que essa sexualidade exacerbada na biologia humana existe justamente a serviço da formação de vínculos afetivos entre homem e mulher. Diz MORRIS: "a prática repetida da relação sexual de um homem com uma mulher faz com que o envolvimento afetivo se desenvolva". (p. 250)

Nas palavras de MORIN:

"Foi sem dúvida (...)no decurso da hominização que a atividade e a atração sexuais se tornam per

*MORIN é francês e propõe a "Antropologia Biológica" e MORRIS é etólogo inglês envolvido com comportamentos humanos. Ambos são autores contemporâneos.

manentes, deixando de ser limitadas ao período do estro. Daí em diante, a permanência do eros, a sua generalização a todo o corpo, a sua intensificação extática no espasmo, vão estreitar corpo a corpo homem e mulher (...) Desse modo, sexualidade, erotismo, ternura, poderão coagular-se, combinar-se, e a sua síntese sublime será o amor". (p. 159)

MORIN continua, afirmando que a proximidade afetiva homem-mulher vão aproximar o homem da criança: "muito antes da paternidade genética ser reconhecida, a paternidade psicológica viria a esboçar-se". (p.160). MORIN afirma que a paternidade psicológica emerge quando a autoridade protetora e possessiva da classe masculina se individualiza, passa a ser próxima e íntima para a criança, isto é, quando existe junto da mulher um homem próximo e íntimo.

MORIN afirma ainda que a paternidade hesita entre o irmão da mãe (tio pode ser considerado pai) e o companheiro da mãe (pai que pode ser considerado como tio)*. Veremos, mais adiante, como PARCEVAL investigou as diversas formas de "paternalidade"** e a ampla variação que um pai pode ter, dependendo da cultura. MORIN conclui:

"O grande fenômeno que prepara a hominização e

*Isto porque, paralelamente ao estreitamento dos laços amorosos, mantiveram-se fortificados os laços entre irmãos e irmãs e o irmão, durante o período da hominização, tornou-se cada vez mais o protetor da irmã. Esse é o percurso pelo qual o tio pode ser considerado pai.

**Apesar do termo não existir em nosso léxico, foi utilizado por PARCEVAL para designar o comportamento paterno.

que, quanto a nós, completa o *sapiens* é, não a 'matança do pai', mas sim o nascimento do pai!"

"Este acontecimento fundador tem, pelo menos, um traço em comum com a fabulosa 'matança' do pai freudiana: traz a ambiguidade para a criança. O pai é, ao mesmo tempo, o protetor e o usurpador (que se apropria de uma parte da ternura materna); é, ao mesmo tempo, o apoio e o inimigo (cuja autoridade reprime os desejos infantis)". (p.160)

Vale lembrar que DURHAM, ao iniciar seu relato sobre "Família e Reprodução Humana", alerta que "é próprio do pensamento comum conceber as instituições relativamente estáveis da sociedade antes como formas 'naturais' (...)do que como produtos mutáveis da atividade social". (p. 15)

Da mesma forma, em *Um Amor Conquistado - o mito do amor materno*, ELIZABETH BADINTER (1980) argumenta que o amor materno não é um sentimento inato, não faz parte intrínseca da natureza feminina: é um sentimento que se desenvolve ao sabor das variações sócio-econômicas da história, e pode existir, ou não, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães.

Essa afirmação, no entanto, DURHAM relativiza: "a cultura organiza, orienta, modifica, ressalta ou suprime características que possuem fundamentação biológica". (p.17). Assim, gostaria de argumentar que poderíamos aceitar, de forma generalizada, não um instinto mapeado, como nos outros animais, porém uma naturalidade para a fêmea humana vincular-se à sua prole, que será desenvolvida ou não em

um processo de socialização e, da mesma forma, haveria também uma naturalidade para o macho humano vincular-se a uma prole, desenvolvida ou não em processo de socialização; e mais ainda, segundo MORIN, seria justamente essa capacidade de vinculação com a prole que fará do *homo, sapiens*.

Biologicamente, a organização instintiva do homem pode ser descrita como subdesenvolvida, comparada com outros animais superiores; como afirmam BERGER & LUCKMAN de forma radical: "é possível dizer que o período fetal estende-se por todo o primeiro ano após o nascimento". (p.71). Isso porque importantes desenvolvimentos orgânicos, que no animal se complementam no útero da mãe, efetuam-se no lactente humano depois que se separa do útero e, nessa ocasião, a criança já está no mundo exterior e se interrelaciona com este mundo por muitos modos complexos. Dessa forma, reduzir a naturalidade do grupo básico humano sem a presença de um macho, não parece adequado, já que ele vai servir como modelo identificatório de semelhança e diferença entre macho e fêmea, a fim de perpetuar os comportamentos próprios - quaisquer que sejam eles, mas, primordialmente, a reprodução - de cada sexo à prole, que ocuparão esses mesmos papéis, mais tarde.

Mais uma vez, acredito ser difícil aceitar a asserção que a hipótese do grupo natural na sociedade humana é a mulher e sua prole imatura, sendo a família apenas uma construção para a possibilidade de organização social. Biologicamente, a prole tem necessidade de

um macho, para trocas identificatórias de gênero. Se, a saída para que essa vinculação se estabelecesse - vinculação ameaçada pela exacerbada sexualização da espécie (vale notar, dos machos e das fêmeas) - foi a formalização de tabus e regras de troca no casamento, com reconhecimento das redes de parentesco, é aceitável. Mas não foi somente esse fato que justificou a associação de homens com filhos de mulheres determinadas: antes, esse foi o mecanismo social encontrado pelo *sapiens* para "solucionar" uma exigência biológica.

Um comentário de PARCEVAL é bastante pertinente para relativizar os aspectos biológicos tratados neste capítulo:

"Tudo acontece então como se o pai, pelo fato de, fisiologicamente, ser dotado de órgãos masculinos e portador de esperma, possuísse uma paternidade que se situa obrigatoriamente na ordem do simbólico e da lei. E como se a mãe, por sua vez, pelo fato de ser portadora de óvulos e dotada de útero, possuísse uma maternidade fisiológica evidente". (p. 15)

CAPÍTULO 3 - O PAI E SUAS REPRESENTAÇÕES

(...) "Pai, esta palavra o representa, evoca, o chama; não há pai senão com a palavra (...) sem palavras haveria genitores, grandes machos copuladores, mas ninguém poderia dizer-se 'pai', 'filho' ou 'filha' (...) a paternidade está, pois, essencialmente ligada ao fato de falar. É a palavra que nos constitui e nos situa como 'pai' (...) para fecundar uma fêmea, um macho não tem necessidade de falar (...) mas para dizer pai, é preciso que haja palavras, jogo de significantes, o que denominamos 'simbólico' (...) a palavra nos permite representar o objeto desaparecido; a palavra vem no lugar da coisa (...) nesta perspectiva, o pai revela ser um significante essencial, um representante da 'cena primária' iniciática da vida. Em torno dele se organizará o jogo de significantes que permite ao sujeito pensar no problema da procriação. O significante 'pai' funciona essencialmente neste nível relacional". (p. 194)

BERNARD THIS, in O Pai, Ato de Nascimento (1980)

A posição defendida no capítulo anterior, poderia ser resumida da seguinte forma: reproduzir, como nascer, comer, eliminar substâncias, ter emoções, respirar, adoecer e morrer, são exemplos de atos que pertencem à natureza do humano, como ser vivo. No entanto, como notam BERGER e LUCKMAN, o ser humano ainda está se formando biologicamente quando entra em contato com seu ambiente, que é ao mesmo tempo natural e humano. Ele se desenvolve dentro de uma ordem cultural e social específica, que é mediada para ele pelos outros significativos que o tem a seu encargo.

Isso se dará através de um conhecimento que dirige a conduta na vida diária, através dos relacionamentos humanos e, principalmente, através da linguagem. Como definiu WILSON, "linguagem verda-

deira e cultura elaborada são características intrinsecamente humanas", responsáveis pela imensa e crescente complexidade dos grupos sociais, processo esse que MORIN sistematiza teoricamente.

Assim, como BERGER&LUCKMAN, a humanização do indivíduo é variável em sentido sócio-cultural, ou seja, não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo, que determine como se dará a variabilidade das formações sócio-culturais. Há somente a natureza humana, no sentido de constantes antropológicas (por exemplo: abertura para o mundo, plasticidade da estrutura dos instintos) que delimita e permite as formações sócio-culturais do homem.

Discuti, assim, o aspecto primordial da paternidade no sentido daquilo que lhe é dado, ou seja, uma necessidade biológica intrínseca à natureza humana, natureza essa que a cultura "organiza, orienta, modifica, ressalta ou suprime", nas palavras de DURHAM. Se não é a família como a concebemos hoje, a unidade social da espécie humana é certamente um grupo constituído, também, de elementos masculinos, e não somente de mulheres e filhos, embora nossa percepção imediata da vinculação da mãe com o filho, faça parecer que a introdução do homem na família se dê por motivos puramente culturais.

Além do mais, o campo que cobre a realidade semântica "ter um filho" é talvez o campo privilegiado do encontro entre natureza e cultura. Por essa razão, torno minhas as palavras de MORIN, para este contexto, a paternidade:

"Aquilo que hoje morre não é a noção de homem, mas sim a noção insular do homem, retirado da natureza e da sua própria natureza; aquilo que deve morrer é a auto-idolatria do homem, admirando-se na imagem pomposa de sua própria racionalidade" (p. 199)

Até aqui, discuti os aspectos biológicos da paternidade e a dificuldade de se pensar qual o estatuto do homem em relação à prole pelo fato da paternidade não ser uma percepção imediata aos nossos sentidos.

Ao examinar imagens de pais descritas em livros atuais de puericultura e de conselhos aos novos pais*, PARCEVAL isola certo número de estereótipos que poderiam ser resumidos na super-presença da mãe e ausência do pai, como primeira exigência absoluta; de um lado, as mulheres e as crianças, do outro o homem-pai, em geral, no trabalho .

As fases sucessivas do tornar-se pais são elas próprias escondidas por divisão rígida dos papéis masculino e feminino: durante a gravidez, presume-se que os homens estejam sujeitos a estados de espírito semipadronizados - indiferentes, absorvidos pelo trabalho, irritados, irônicos, sexualmente frustrados, não imaginando o bebê que está por vir, esperando obrigatoriamente um menino, etc. . No momento do parto o pai é inútil, está ausente ou obrigatoriamente presente, e a seguir fica desamparado, infeliz, desajeitado e enojado com os cuidados do bebêzinho, desprovido da "legendária paciência feminina", desprovido também desse "instinto maternal" que nossa sociedade outorga generosamente às mulheres e como não desejando, visceralmente, filhos, ao contrário de suas companheiras.... "Em resumo, a mãe é apresentada como que procria, o homem como quem cria, mas cria por analogia." (pag. 15)

A essas imagens simplistas, "frequentemente cômicas ou ridículas" do pai-ausente, pai-criança grande, pai impedido por obrigações ou indiferente, intruso no par mãe-filho, PARCEVAL atribue

*Certamente livros de circulação na França, porém, que não devem diferir muito daqueles que temos no Brasil.

uma obliteração, em nossa sociedade, à toda vivência de paternidade concreta, ao mesmo tempo carnal e fantasmática, "como se tratasse de um tabu, o mesmo tabu que pesava há algumas décadas sobre o sexo, o mesmo que pesa ainda atualmente sobre a morte(..).Seria um campo que se constitui no objeto de um recalque." (p.15)

A autora evidencia que se o parentesco foi bem estudado, os elementos etnológicos referentes à "paternalidade" permaneceram extraordinariamente dispersos. Assim, propõe-se, na primeira parte de seu livro, a apresentar um inventário exaustivo desse material nunca antes reunido. O que se segue, é um resumo desse material.

3.1. AS TEORIAS DE CONCEPÇÃO E GRAVIDEZ

A sociedade ocidental sempre atribuiu um valor ao mesmo tempo fantasmático e feminino à concepção, baseando-se no fato que, há algumas décadas, a esterilidade era atribuída em 80, 90% à mulher, o que equivaleria, inversamente, dar à ela um papel predominante na concepção. Em toda sociedade, existem verdadeiras teorias da concepção que, embora de maneira geral não ignorem a realidade fisiológica, tomam em relação a ela "liberdades" que estão longe de ser neutras.

Os célebres trobiandeses descritos por MALINOWSKY não eram tão ignorantes quanto fazia crer esse autor.

A teoria da concepção segundo a qual o verdadeiro pai da criança era o tio materno, refletia mais uma vontade de não saber.

FRASER afirma:

"Para um indígena da Austrália Central, a paternidade significa que seu filho foi dado à

luz pela mulher com quem ele tem o direito de coabitar, tenha ou não relações sexuais com ela. No espírito de um europeu, o vínculo existente entre um pai e seu filho é um vínculo fisiológico; para um indígena da Austrália Central, trata-se de um vínculo social."* (apud - PARCEVAL, p. 23)

O próprio MALINOWSKY na terceira edição de sua obra, em 1932, já se mostrava bem mais cauteloso e sua versão havia-se transformado no seguinte:

"A ignorantia paternitatis não é, entre os trobriandeses, uma característica especificamente determinada. Observa-se, de fato, uma atitude complexa diante das realidades da paternidade e da maternidade". (apud PARCEVAL, p. 23)

Há ainda, por exemplo, os índios txicaos, no Mato Grosso, (Cf. MENGET, 1979) segundo os quais o sêmen paterno é o único componente do embrião: a prova disso estaria na existência do cordão umbilical, que consideram um traço concreto da associação com a substância do pai. Mas por essa razão, julgam necessário praticar cópulas repetidas durante a gravidez a fim de favorecer o crescimento da criança, sem o que haveria perigo de um aborto espontâneo. A contribuição do pai constitui o elemento essencial, sendo a mãe, nessa teoria, apenas o receptáculo. Na verdade, há inclusive "co-ge

*Novamente constatando-se um vínculo, qualquer que seja ele.

nitores associados", segundo expressão de MENGET para que a criança não corra o risco de ter falta de esperma.

Essa concepção é característica de quase todos os grupos indígenas da América do Sul. LEVI STRAUSS (1979) acrescenta que na etnia nhanbiquara, apesar de acreditarem que o esperma se coagula na matriz e gradualmente forma a criança, a mulher, ainda assim é considerada responsável pela esterilidade.

Vale lembrar que, há algumas centenas de anos, essa era a opinião reinante na Europa: o sêmen humano teria homúnculos que se desenvolveriam no útero de uma mulher. (Cf. P.DARMON, 1977).

Uma outra teoria, desta vez africana, é dos samos, do Alto Volta (Cf. F.HÉRITIÉR, 1978). Esta atribui ao mesmo tempo um papel à "água do sexo" da mãe - um coágulo de sangue que se constituirá no corpo, esqueleto e órgãos da criança - e da "água do sexo" do pai - o esperma, que vai se transformar em sangue da criança. Além disso, ao contrário do que acontece entre nós, o futuro pai é que percebe os primeiros sinais de que a relação sexual foi seguida de uma fecundação:

"A fadiga masculina da concepção é acompanhada de sonolência e de dores nos joelhos e nos cotovelos, semelhante a dores reumáticas. Isso explica uma aspiração especialmente forte da semente masculina..."(F. HÉRITIÉR, apud PARCEVAL). (p. 25)

Essa situação é exatamente inversa àquela admitida culturalmente entre nós que atribuímos à mulher o reconhecimento dos

sintomas que a fazem saber se está grávida: cansaço, enjoos, sono exagerado, etc.

Há ainda diferentes teorias da gravidez. Entre os tupis, por exemplo, o pai tem um papel importante, e apesar de ser a mulher que leva a criança no ventre e dá a luz, é o pai que está submetido a tabus alimentares e comportamentos muito rígidos, novamente pelo fato do sêmen continuar construindo a criança. (Cf. N. FOCK, 1960).

M. MEAD (1953) afirma que, entre os arapesh, a criança é considerada o fruto de um longo processo de atentos cuidados, e não resultado de uma breve relação sexual: "A criança não é resultado de um momento de paixão, mas de longos e pacientes cuidados do pai e da mãe". (apud PARCEVAL, p. 26)

Assim, tais teorias de concepção e de gravidez remetem à maneiras de explicar a formação dos corpos, verdadeiras concepções sobre paternidade e maternidade.

PARCEVAL afirma que seria fácil demonstrar, utilizando outros dados antropológicos, que existem as mesmas variações no estatuto do pai, de acordo com os vários sistemas simbólicos de representações. E de "como estamos longe da valorização paroxística e exclusiva do coito fecundante que constitui o dogma ocidental em matéria de paternidade." (p. . 27)

No entanto, não é suficiente pensar na forma como essa gênese se dá, mas também como essa relação irá se definir em um campo simbólico, em uma relação aonde os dois polos - pai e filho - participarão e trocarão conteúdos de significação. Retornando à MORIN:

(...) "Não é suficiente que se institua a relação pai-mãe-filho para que a família também se constitua. É preciso que, já adulta, a criança permaneça filho ou filha de seus pais e que estes, até sua morte, permaneçam pais(...) aqui surge um efeito sociológico primordial da juvenilização do *sapiens*. Esta, ao manter por toda a vida as relações afetivas nascidas na infância, permite a uma estrutura biológica, primeiramente ligada à reprodução e, depois, sobrevivendo à primeira infância, tornar-se, metamorfoseando-se, uma microestrutura social permanente que, desde então, se autopropagará e reproduzirá a si mesma." (p. 161)

3.2. A SIMBOLIZAÇÃO DA FIGURA PATERNA

Há inúmeras formas de simbolização da figura e da vivência paternas. Em certas sociedades, o marido tem apenas um papel social e econômico, enquanto o tio ou outras pessoas é quem se encarrega da educação. Em outras, é o pai legal quem educa e ama os filhos de uma mulher com quem vive, mesmo se sabe que não participou de sua procriação.

D. THOMSON (1936), antropólogo americano, encontrou uma dezena de palavras para designar os diferentes pais e as diferentes paternidades, distinguindo entre os irmãos do pai biológico, uma subdistinção entre os irmãos mais jovens e os mais velhos, estes, pais no sentido classificatório do termo. Possuem também palavras para designar o marido da mulher grávida, outra para o homem que se casará com ela, caso o marido morra, etc. Em todos os casos, o pai é considerado aquele que alimenta seus filhos, do mesmo modo como alimentou com espermatozoides durante a gravidez.

Entre os muer da África Oriental, (Cf. HERITIER, 1978) a paternidade pode ser atribuída até à uma mulher, quando esta é es-

téril; se, ao casar , não tem filhos, volta à sua família de origem com estatuto de homem. Suas mulheres a chamarão de "meu marido", e ela contratará um genitor que será a um só tempo criado e genitor; suas mulheres terão filhos, que a chamarão de pai.

Entre os baxendas da África do Sul (Cf. OBOLER, 1980), se u ma mulher for o único filho do casal, seus genitores não terão descendentes através dela (o parentesco é somente patrilinear). Essa situação é insuportável, já que os descendentes tem a incumbência do culto dos ancestrais e portanto ninguém pode ficar sem descendentes. Assim, a solução é fazer da mulher, em vez de mãe, pai . Casará com outras mulheres, que engravidarão de amantes masculinos oficiosos, que dará uma descendência aos seus pais, transmitindo nome, posição e bens aos filhos. Se casar com um homem, poderá ter filhos, os quais, por sua vez, constituirão descendentes para a linhagem de seu marido.

Inúmeras sociedades se preocuparam em atender o desejo e a necessidade de paternidade de homens estéreis, dos solteiros e dos velhos, "o que demonstra mais uma vez que paternidade não rima forçosamente com casal, fertilidade, e nem tampouco com juventude, condições praticamente sine qua non, em nossas sociedades", como comenta PARCEVAL (p. 41)

Entre os gurmantchês - assim como nas outras populações africanas - não se confunde relação física e relação social. Assim, um velho impotente, pode pedir a um moço de seu clã que tenha relações sexuais com sua esposa legítima, na esperança que ela procrie e o fruto dessa união será considerado filho legítimo do idoso. Uma criança dessas é chamada de bandotini (literalmente , "eles me ajudaram")(Cf. CARTRY, 1966).

Na Antiguidade, em Esparta, Licurgo constituiu como regra o fato de que o velho impotente, ou homem supostamente estéril podia-se fazer substituir por alguém de sua família. Para PARCEVAL, trata-se de um exemplo, entre outros... "de uma acomodação cultural e fantasmática que permite aliviar aquilo que é considerado em toda a parte e em níveis diferentes, quer como uma deficiência social, quer como uma ferida narcísica: a privação de descendência". (p. 41)

Para LEVI-STRAUSS (1948), novamente, isso se traduz em importância que a maioria das sociedades dá ao estatuto matrimonial, e observa:

"Mais surpreendente ainda, é o verdadeiro sentimento de repulsa que a maioria das sociedades experimentam em relação ao celibato... E para dizer a verdade, numa sociedade onde reina a divisão de trabalho entre os sexos... um solteiro não é realmente senão metade de um ser humano". (apud PARCEVAL, p. 41)

O pai pode ainda ser Deus. Teólogos da época do Ancien Régime, citados por FLANDRIN (1976), lembravam a seus fiéis:

"Segundo a doutrina cristã... o verdadeiro pai dos filhos é Deus: não chameis ninguém de Pai sobre a terra, pois um só é vosso Pai, aquele que está nos Céus... pais cristãos, se Deus é o primeiro pai de vossos filhos, vós não sois na verdade mais do que arrimos, e guardiões.." (apud PARCEVAL, p. 40)

Vale lembrar aqui que, de acordo com a tradição cristã, São José era apenas "o arrimo, o guardião" ou o pai social de Jesus Cristo, e a concepção de Maria deu-se por obra do Espírito Santo.

Portanto, para PARCEVAL, um pai pode ser a seguinte série de pessoas ou personagens:

"O(s) genitor(es); o amante oficial; o protetor da mulher durante a gravidez; aquele que pratica o resguardo, tem um papel somente no parto ou no pós-parto; o marido da mãe; irmãos da mãe ou do pai; o avô; um homem da mesma linhagem ou do mesmo clã, quem cria; quem adota; um velho considerado impotente; um solteiro; uma mulher estéril; Deus." (p. 46)

3.3. OS RESGUARDOS RITUAL (COUVADE) E PATOGÊNICO

O "couvade" ou resguardo ritual, como denomina PARCEVAL, compõe-se de um conjunto de comportamentos prescritos - obrigações e proibições - do pai, associados ao nascimento de uma criança. Como afirma MAUSS... "o nascimento não é uma coisa sem importância, e é inteiramente natural que o pai e a mãe ponham as mãos à obra" (Une Science In Devenir, apud PARCEVAL). (p. 51)

THIS também dedica todo um capítulo ao couvade e, além de uma análise da origem desse termo, cita as mesmas fontes de PARCEVAL, para demonstrar que o resguardo ritual faz parte da maioria dos rituais de nascimento das populações do globo, com exceção da África, onde aparentemente nenhum autor mencionou rituais desse gênero.

LEVI STRAUSS propôs a hipótese de uma distribuição periférica geográfica do resguardo na Europa - Albânia, Trácia, Córsega, Chipre, Bearn (região da França), Irlanda, Holanda. É também encontrado no Extremo Oriente - entre os ainos no norte do Japão - no Turquistão chinês, segundo MARCO POLO, no Oceano Índico, na Indonésia, na Malásia, na Melanésia. Também, em todo o continente ameri

cano, da Groelândia à América do Sul. É também um dos costumes conhecidos há mais tempo, assinalado por vários autores da Antiguidade grega e latina, como APOLÔNIO DE RHODES, DIODORO DA SICÍLIA e PLUTARCO.

"Diante da amplitude histórica e geográfica do fenômeno do resguardo, é difícil não ficarmos surpresos com o contraste marcante que existe entre o silêncio geral de nossa sociedade a respeito dos comportamentos paternos e a rigidez da ritualização da paternidade das sociedades tradicionais", (Idem, ibidem) (p. 51)

Acrescenta ainda que o resguardo tal como o descrevem os antropólogos de todos os países, há séculos, é um pouco o "saco de gatos em etnologia", já que sua descrição e interpretação causaram vários mal entendidos.

O resguardo praticado na Europa - certamente na Idade Média, como testemunha uma fábula satírica do folclore francês (AUCASSIN E NICOLETTE, do século XIII, descrita por VAN GENNET, citado por THIS e PARCEVAL - é diferente do resguardo em outros continentes. Na Europa, dois elementos se interpenetram:

1) um resguardo ritual, no qual se encontra uma substituição simbólica da mãe pelo pai, que toma o lugar da parturiente na cama com o bebê, faz com que cuidem dele e desempenha esse papel durante um tempo variável; 2) manifestações psicossomáticas individuais, ligadas a impulsos inconscientes do pai reagindo aos processos de gravidez e parto.

Em relação às funções do resguardo ritual, PARCEVAL identifica 4 conjuntos de interpretações: Sociológicas, Psicológicas, Psicanalíticas e Antropológicas.

As primeiras interpretações sociológicas, vêm no resguardo, uma legitimização, por parte do pai, de seu direito de paternidade sobre a criança, de autores ligados à teoria evolucionista, bem como à óptica funcionalista, correntes atualmente ultrapassadas em etnologia.

Hipóteses sociológicas mais sofisticadas consideram-no um ritual estratégico para defender e provar os direitos paternos, verdadeiras táticas de negociação de paternidade nas sociedades nas quais os direitos do pai não são estabelecidos institucionalmente. MARY DOUGLAS (1968), seguindo a mesma ótica, vê no resguardo um meio de reforçar um vínculo conjugal frágil nas sociedades onde o casamento é instável.

MUNROE, MUNROE E WHITING (1973) constatam que a prática do resguardo acontece em um tipo de sociedade onde os pais estão ausentes com frequência, quando as crianças partilham assiduamente a cama da mãe. No nível psicológico, interpretam esses rituais como sintomas hipermasculinos, espécies de reações de imponência, pode-se dizer, traduzindo uma identificação feminina inconsciente. PARCEVAL observa que essa interpretação concorda com sua observação de que diferentes autores, ao se interessarem por essa sintomatologia paterna, eram especialistas (em geral, psiquiatras) que estudavam populações determinadas, sobretudo no exército, na aviação, na marinha ou na polícia. Por outro lado, o resguardo ritual na Europa, gira principalmente em torno do Mediterrâneo, aonde as diferenças de gênero são bastante marcadas (homem hiperviril, "machão", mulher "apagada", até mesmo velada). E finalmente, MUNROE e MUNROE (1971), que estudaram o resguardo em Honduras, o relacionaram com o tempe-

ramento dos homens daquele país, aos quais chamam de *tough males*.

O resguardo constituiria, assim, um arranjo defensivo por parte de homens que receariam mais do que outros o seu lado "feminino".

Este conjunto de interpretações gira em torno de dois polos:

- a) o resguardo mobiliza atitudes e sentimentos do pai em relação à mãe de seus filhos.
- b) ele é inseparável, quer das crenças religiosas das sociedades onde é encontrado, quer da estrutura econômica e sociológica dessas mesmas sociedades.

As interpretações psicológicas, se constituíram na crença de uma existência de um vínculo forte e essencial entre o pai e o filho, mais importante do que aquele existente entre a mãe e a criança. METRAUX^{*}, o primeiro a ampliar o problema, mostrou também que o resguardo era muito mais marcado para o primeiro filho.

KUPFERER (1965) concorda com essa posição, no que respeita a América do Sul.

Em *O Pensamento Selvagem*, LEVI STRAUSS (1962) acentua mais fortemente o aspecto paterno do rito:

(...) "como é frequente na América do Sul, o marido é obrigado a tomar precauções ainda maiores do que a mulher, porque, em razão das teorias indígenas sobre a concepção e a gestação, é mais especialmente a sua pessoa que se confunde com a do bebê". (p. 56)

As interpretações psicanalíticas, por outro lado, (DEVEREUX, D. THOMPSON e E. ERICKSON) consideram o resguardo como um meio de controlar as pulsões agressivas do pai em relação ao recém-

*Referência sem data na fonte.

nascido de quem pode estar com ciúme, pois este torna-se um rival frente à mulher. Assim, o resguardo remeteria à ambivalência do genitor face ao seu filho.

Nas interpretações antropológicas, PARCEVAL admite que trabalhos mais recentes ampliaram o problema do resguardo em sentido mais fecundo, ultrapassando o problema apenas psicológico do pai no ritual: sua dimensão antropológica. P.RIVÈRE (1974):

(...) "a maioria dos autores que estudou o resguardo (...) prendeu-se ao aspecto físico. A simulação do nascimento e outros ritos, foi interpretada como tentativas do pai para 're-presentar' os acontecimentos biológicos do parto, que são prerrogativas exclusivas das mulheres. Penso que essas análises são errôneas e gostaria de sugerir que as ações do pai (...) nada tem a ver com a criação do ser físico da criança e sim com a criação de sua existência espiritual (...) podem se passar meses, até anos, antes que a criação espiritual esteja completamente terminada e corpo e alma se fundam para formarem um indivíduo autônomo." (p. 431)

P.RIVÈRE compara o resguardo com o batismo, que também está ligado à criação espiritual do recém-nascido: aí é dado à criança o nome que a torna membro da sociedade.

Em um nível mais global, tais considerações levam a compreender o resguardo não somente como um rito paterno (como discutido aqui), mas também como um aspecto de uma realidade humana muito mais vasta: o aspecto da dialética corpo-alma. RUY COELHO já em 1949, observava: O resguardo diz respeito à relação entre o mundo espiritual e o mundo cotidiano, entre o marido e a mulher; entre a mãe, o pai e filho, entre o inconsciente e o consciente". (p.58)

Concluindo a respeito do resguardo ritual, as diferenças entre as numerosas acepções do termo, suas significações (sociológi

cas, psicológicas, etc) constituem, como concorda PARCEVAL, como verso e reverso de uma mesma realidade:

(...) ecos recíprocos, declinações de um mesmo caso, variações sobre um mesmo tema, sendo que a única diferença existente é aquela entre manifesto e latente: tudo se passa como se o ritual do resguardo, nas sociedades tradicionais, fosse uma fantasmática em atos, aprovada culturalmente e, portanto, gozando dos benefícios da impunidade social". (p. 58)

No resguardo ritual, é importante frizar, não se sabe, nos casos de sofrimento ou doença do pai, se o pai é realmente afetado fisicamente. Esse critério não é pertinente no resguardo ritual.

PARCEVAL passa a descrever o que denominou o resguardo individual (que seria uma síndrome psicogênica da paternidade), e que se define nas sociedades onde não existe resguardo ritual, no eixo cultural da normalidade de cada civilização...

Discrimina três formas de resguardo individual: 1) o resguardo psicossomático, ou seja elementos que dizem respeito à manifestações psicossomáticas pertencentes ao registro do "normal" nas sociedades industriais ocidentais; 2) as "loucuras paternas" ou psicoses da paternidade, ou seja, observações de descompensações psicóticas entre novos pais, em geral descritas por psiquiatras americanos; 3) os acting out da paternidade, ou seja o registro de comportamentos que vão do corriqueiro ao aberrante, e que, curiosamente, só há 14 anos e somente nos Estados Unidos se pensou em pesquisar esse registro.

O resguardo psicossomático, demonstrado em trabalhos epidemiológicos, compõe-se de expressões corporais, descritas como um "resguardo em surdina", não percebidas como tal pelos interessados

nem pelo seu círculo, e, como não são admitidas culturalmente, não seriam percebidas no nível consciente. Segundo RENOUX*, entre 50 pais cujas mulheres acabaram de dar à luz, 22 deles acompanharam o parto e 28 não o fizeram. Todos os sintomas somáticos se situam, com apenas uma exceção, no grupo dos não participantes. As perturbações psicossomáticas menores, em ordem decrescente de frequência foram: insônia, perturbações digestivas, notável aumento de peso (especialmente no final da gravidez da mulher), extrações dentárias, perturbações de otorrinolaringologia (aumento de volume das amígdalas) e perturbações oculares.

Dois autores ingleses TRETOWAN e CONLON (1965), compararam dois grupos muito maiores: 327 cônjuges de mulheres grávidas contra 221 homens casados cujas mulheres não estavam grávidas. O número de futuros pais que apresentaram sintomas é significativamente mais elevado do que os do grupo controle, além de ocorrerem em momentos precisos da gestação: no início do 3º mês, no 9º mês e no parto. Os sintomas mais frequentes, em ordem decrescentes são: a perda do apetite, dores de dentes, enjôos e vômitos e dores nos rins. Chega à cifra de 11% os indivíduos neste estudo sofrendo daquilo que os pesquisadores denominaram "sintoma de resguardo", além de constatarem que a ocorrência é maior em homens que esperam seu primeiro filho.

Há ainda um oftalmologista inglês, W. INMAN (1941), que, após clinicar por muitos anos, impressionou-se com a frequência de uma sintomatologia ocular entre homens, durante a fase pré-natal. A esse respeito, PARCEVAL comenta:

"A mentalidade anglo-saxã está decididamente distante da nossa, sobretudo em campos tão con

* 1965.

cretos, mas tão carregados de fantasmas como os domínios da reprodução. Entre nós" (franceses, portanto de "mentalidade" latina) "quase não se vê resguardo. Mas o pior cego, e aquele que não quer ver." (p. 62)

No segundo tipo de resguardo individual, estariam as loucuras paternas. Um psiquiatra americano, G. ZILBOORG (1931), descreve "psicoses do pós-parto" no homem, e as classifica no registro das manifestações paranóides. Mais recentemente, CURTIS (1955), estudando 55 casos de futuros pais, encontra 17 casos de perturbações mentais sérias, 14 casos de perturbações menores e 24 sujeitos 'ile^l sos'. W. WAINWRIGHT (1966) analisou 10 casos de futuros pais que foram hospitalizados durante a gravidez da mulher: nenhum deles estabelecia qualquer ligação entre a internação e o nascimento de seu filho. Apresentavam sintomas psiquiátricos variados, dentre os quais diversos episódios psicóticos agudos, "(...) como se suas defesas obsessivas habituais houvessem desaparecido nesses momentos de intenso remanejamento da libido". (PARCEVAL, p. 65)

Nesses e em outros trabalhos PARCEVAL identifica algumas constantes: 1) a maioria das manifestações psicóticas situa-se no registro dos estados delirantes de coloração paranóide, com a presença de uma homossexualidade latente; 2) um número significativo dos casos estudados é de primipais; 3) um número importante desses episódios situa-se na proximidade temporal imediata ao parto.

Finalmente, nos acting da paternidade, existem, quatro polos em torno dos quais se cristalizam as manifestações dos pais; primeiramente estariam o que os anglo-americanos denominam os três F (fight, flight, fear) e o quarto seria a atividade sexual. O registro do fight englobaria grande frequência de acidentes de automóvel, acompanhados de bri -

gas; hiperatividade física durante a gravidez e o pós-parto, principalmente esportiva; brigas com o motorista que está levando a mulher para o hospital, ou com a equipe, ou com o obstetra. No registro do ^{flight} acontece o que seria uma fuga, desaparecimento: a tiram-se freneticamente ao trabalho, saem de casa por viagens profissionais, ou simplesmente abandonam a família. Novamente, estes comportamentos tem freqüência mais aumentada nos primipais.

No registro de fear, estariam as angústias, temores, medos, não exatamente um acting, mas reações neuróticas normais.

No último registro, o da atividade sexual, HARTMAN e NICOLAY comparam um grupo de 91 pais "grávidos", a um grupo controle do mesmo número, casados não grávidos. Os autores demonstram a freqüência estatística daquilo que chamam de conduta sexual desviante em 41, do total de 91 pais, e 16 deles são primipais. Os comportamentos incluem exibicionismo, pedofilia, estupro, atos homossexuais, travestismo, cartas e telefonemas obscenos, masturbação pública. O número de homens em que é a primeira vez que ocorre tal comportamento é significativamente mais elevado no grupo de pais "grávidos"; esse valor estatístico é mais significativo ainda quando se trata de primipais e novamente, esses acting se dá sempre, de maneira significativa, nos últimos 4 meses de gravidez.

PARCEVAL conclue seu panorama sobre tais alterações psicogênicas da paternidade com duas considerações: 1) seria artificial isolar completamente as perturbações do pai das da mãe. Ambos atravessam uma mesma crise, ou seja, a da parentalidade. No seio do casal, existe uma dinâmica das relações que é a única que pode ex-

plicar completamente a vivência psicológica ou psicopatológica de cada um dos pais; 2) é inteiramente evidente que as perturbações psicológicas ligadas ao nascimento de um filho, não ocorrem por acaso, mas encontram sua lógica na história de cada indivíduo*.

A PALAVRA PAI

THIS (op. cit.) afirma que a palavra pai vem no lugar da "coisa", que chamo aqui de percepção imediata, e que nessa perspectiva (...) "é um significante essencial, representante da cena primária iniciática da vida", que permite ao sujeito pensar no problema da procriação.

Além disso, como vimos nos exemplos anteriores, ser filho ou filha é tão importante como ser pai ou mãe, em outras sociedades.

De acordo com BERGER & LUCKMAN:

(...) "as objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas primordialmente pela significação lingüística. A vida cotidiana é sobretudo a vida com a linguagem, e por meio dela, participo com meus semelhantes. A compreensão da linguagem é, por isso, essencial para minha compreensão da realidade da vida cotidiana (...) a linguagem tipifica as experiências, permitindo-me agrupá-las em amplas categorias em termos que tem sentido não somente para mim, mas também para meus semelhantes".
(p. 57)

*Em artigo recente, RICHMAN, RASKIN E GAINES (1991) concluíram, em estudo sobre sintomatologia depressiva pós-parto, que aos 2 meses do nascimento do bebê, não havia diferenças de gênero em episódios de depressão. Os autores afirmam que, apesar de as mulheres serem consideradas especialmente vulneráveis à depressão pós-parto, não havia até então estudo sobre homens "nesse estágio de ciclo de vida" (p.139). O estudo conclue também que, após 2 meses do nascimento do bebê, as mulheres manifestam uma diminuição nos sintomas depressivos e os homens mostram um aumento desses sintomas, em relação ao ponto da pré-parentalidade. Os autores recomendam ainda pesquisas em contextos de maior classe social e etnias diversas, para comparação (estudo realizado em Chicago).

A linguagem cria "campos semânticos" ou zonas de significação linguisticamente circunscritas. Nesses campos semânticos a experiência biográfica e histórica pode ser objetivada, conservada, acumulada. Esta acumulação é seletiva, pois os campos semânticos determinam aquilo que será retido e o que será "esquecido" como partes da experiência total do indivíduo e da sociedade.

O estoque social do conhecimento fornece esquemas tipificadores para as principais rotinas da vida cotidiana e de tipificações de todas as espécies de acontecimentos e experiências tanto sociais como naturais.

Parece claro que, através da palavra, vários indivíduos nas várias sociedades citadas receberam atribuições de pai, dentro de categorias diversas entre si, no entanto, tipificando uma experiência, agrupando-a em uma categoria que tem sentido tanto para esses indivíduos, como para seus semelhantes.

Mais ainda, é através da palavra que o homem ocidental, por exemplo, percebe que será pai, e não através de testes como o médico, ou através do corpo, como a mulher, ou como os samos do Alto Volta, que sentem, eles mesmos, em seus corpos, os primeiros sinais da concepção. Ou seja, entre nós, ao pai será sempre atribuído, através da palavra, o estatuto de pai.

Sendo a palavra um elemento tão essencial na paternidade, vale ilustrar como a palavra Pai é definida em nossa língua:

"1. homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor; progenitor; 2. a aquele que exerce as funções de pai: pai adotivo; 3. animal do sexo masculino que gerou outro; 4. designação bíblica da divindade, com relação a toda criação, especialmente ao homem; 5. tratamento que certos fiéis dão ao padre; 6. v.papai; 7. criador, fundador, instituidor (de uma doutrina, escola artística, ou científica, uma instituição); 8. benfeitor, protetor: pai dos pobres, pais dos enfermos; 9. causador, gerador; 10. aquele que concebe, imagina, autor; 11. na religião católica, a primeira pessoa da Santíssima Trindade". (HOLANDA, 1986).

Nas palavras compostas, há "pai da pátria: deputado federal ou senador"; "ter o pai alcaide: ter protetor poderoso, ter as costas quentes". Sintetizando, "pai" gera, funda, concebe, protege; é divino. Interessante notar que não há qualquer alusão à autoridade, à disciplina, à lei, que seria, para muitos (MORIN e FREUD, entre outros) um atributo paterno. Esse conceito encontra-se em paternalismo, uma palavra derivada, que se dirige muito mais para fora da família consanguínea no âmbito público - subordinados, ou na política - do que na relação do genitor com sua prole*, como explícito no verbete Paternalismo:

"1. regime baseado na autoridade paterna; 2. sistema de relações entre o chefe e seus subordinados segundo uma concepção patriarcal ou paternal de autoridade; 3. em política, tendência a dissimular o excesso de autoridade sob a forma de proteção." (HOLANDA, 1986)

No Inglês, no entanto, apesar de várias semelhanças, father é definido assim:

"1. a male parent; 2. a person who founds a line or a family, forefather; 3. any male acting in a paternal capacity; 4. a respectful term of address for an old man**; 5. a male who originates something; 6. a leader of an association, council, etc.. elder: a city father; 7. the eldest or most senior member in a society, profession, etc.; 8. a senator or patrician in ancient Rome; 9. the father of: (informal) a very large, severe*, etc., example of a specified kind: ex. the father of a whipping; vb (tr) to procreate or generate (offspring), beget; 11. to create, found, originate, etc; 12. to act as a father to; 13. to acknowledge oneself as a father or originator of; 14. (foll. by on or upon: to impose or place without a just reason** (Old English

* A esse respeito Cf. ARAGÃO - Em Nome da Mãe, 1983.

** Grifo meu

faeder, related to old Norse fathir, Old frisian feder, Old High German fater, Latin pater, Greek pater, Sanskrit pitr)". (Collins English Dictionary, 1982)

Assim, no Inglês, pai funda, cria, gera, origina, atua de maneira paternal, lidera, inspira respeito, é idoso; como verbo, pode significar "impor ou colocar sem uma razão justa".

Em Paternalism* - interessante notar que esta palavra, tem origem latina-há o seguinte: "the attitude or policy of a country, company, community, etc, in the manner of a father, especially in usurping individual responsibility and the liberty of choice".** Esse verbete explicita que o político se mistura com o familiar, transpõe o que é do âmbito pais-filhos para líderes-liderados, tratando-os como se fossem crianças na medida em que lhes "tiram a responsabilidade individual e a liberdade de escolha". Parece-me que, no Inglês, a dimensão disciplinar de controle sobre o indivíduo é um atributo do pai, e não um adjetivo atribuído a outra idéia, como "autoridade paterna", além do que, no inglês, não é atribuído ao pai nenhum sentido de caráter estritamente protetor, como no Português.

PARCEVAL faz uma observação interessante ao comparar o Francês com outras línguas: os dicionários (LARROUSE e ROBERT) definem pai como "homem que gerou, deu origem a um ou a vários filhos"; e mãe como: 1."a mulher que concebeu ou deu à luz um ou vá-

* "Paternalisme", no francês, aparentemente passou a ser utilizado em relação ao tipo de colonização efetuada na África, com controle do sistema econômico das colônias (LE PETIT ROBERT)

** Grifo meu

rios filhos; 2. a mulher que concebeu e está grávida. V. grávida" . Assim, a mãe é definida tanto como quem gera filhos - a exemplo do pai - mas também quando concebe e está grávida; não existe "homem grávido" na língua francesa. Em Russo, porém, a palavra existe e é segundo E.JACKOBSON (*Essais de Linguistique Générale*)* de uso corrente nos contos, na literatura, na imprensa. No Inglês existe *expectant father*, expressão comum na linguagem científica como no uso corrente. Há, ainda na língua francesa como na portuguesa, a ausência do verbo "paternar" ou do substantivo "paternagem". PARCEVAL indaga "o que faz o pai enquanto a mãe materna?" Na verdade, no Português não temos nem o verbo "maternar,"ouo substantivo "maternagem". Seria um reflexo do fato que, em nossa sociedade, nas classes mais abastadas,** quem primordialmente cuida das crianças é a enfermeira, babá, ama? E assim tem sido desde o início de nossa sociedade, ao contrário da França que, já no século XVIII, viveu todo um movimento de condenação às nutrizes e uma "explosão na literatura sobre a "arte de cuidar de crianças dirigido às famílias"?(Cf. DONZELOT , p: . 22)

Outra singularidade que ocorre tanto no Francês como no Português: o "filho natural" é uma criança nascida de pai desconhecido, "filho sem pai". "Que estranho fantasma partenogênico se esconde aqui?" Pergunta PARCEVAL. "Como se somente a cultura, o sobrenome, o direito pudesse investir o pai como tal e a natureza, por sua vez, (e mais uma vez) se situasse apenas do lado da mãe!" (p. 13)

*1963

** E que mais diretamente oficializam a língua

Mas não é necessário ir aos dicionário para perceber como a paternidade pode ser simbolizada em nossa sociedade, contemporaneamente. Quando da votação da emenda da licença paternidade, em nossa recente Constituição (1988), o Presidente da Assembléia Constituinte comentou com o plenário, ao anunciar a emenda: "todos sabemos que o dia do pai é nove meses antes do dia da mãe". Pode-se compreender dessa asserção que o prazer do coito fecundante seria apenas masculino, e que as dores do parto seriam apenas femininas. No entanto, como vimos, existem evidências de que o parto, ainda que simbólico, também ocorre no masculino.

Para que ele ocorra, no entanto, são necessários campos semânticos, ou zonas de significação para que ele se torne "realidade" para mim e para meus semelhantes.

Capítulo 4 - A PATERNIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

"Por que FREUD, que era um leitor tão cuidadoso, pôde deformar de tal modo a tragédia Oedipus Rex, de SÓFOCLES, e não destacar em qualquer momento que Laio foi o primeiro a agredir Édipo, e pôs, em troca, a ênfase com que Édipo matou Laio, negando que o fez em defesa própria?"

A explicação está no próprio complexo de Édipo em FREUD, que, submetido ao seu pai, não se animou em julgar Laio e voltou a culpa contra Édipo. Não é casual que a primeira formulação de FREUD sobre o complexo de Édipo aparece por volta de 1897, e que a Interpretação dos Sonhos segundo ele, teve sua gênese na necessidade de elaborar a morte de seu pai através da auto-análise de seus sonhos".

ARMINDA ABERASTURI, in A Paternidade, um Enfoque Psicanalítico, 1984.

Em concordância com THIS e PARCEVAL, que se dedicaram ao mesmo tema, entendo que há uma estrutura de abordagem no pensamento científico que, por sua vez, entende a paternidade a partir de seus próprios pressupostos culturais, ou seja, de que o vínculo entre um homem e seu filho não merece uma categorização específica, existindo puramente como consequência de outros objetivos "mais importantes" (a troca no casamento e não a troca com a descendência, interpretações "externas" como a lei, a organização social, o direito, e não interpretações internas, intrapsíquicas, cognitivas e emocionais).

O cuidado com a prole, no entanto, é uma exigência no nível biológico e, normalmente, entre os mamíferos, à medida que nos aproximamos do ser humano, o macho passa a participar, a dividir o traço

de forma cooperativa com a fêmea, ainda que não como família, no cuidado das crias. Esses comportamentos, além de estarem fundamentados geneticamente, também dependem de um processo de socialização para que se possam manifestar.

Durante o processo de "hominização", segundo MORIN, o homem passa a desenvolver o amor, derivado de uma sexualidade comparativamente exacerbada, que irá unir homem, mulher e criança. Essa união proporcionará à criança que se torna adulto manter consigo uma capacidade infantil para amar e manter os laços familiares, não apenas por motivos estruturais da ordem da cultura, mas também por motivos emocionais, afetivos, estruturais em sentido interno, ou intra-psíquico.

Por sua vez, as determinações biológicas, no nível humano, passam a ter uma importância menor, na medida em que o ser humano ainda está se formando quando entra em contato com o seu ambiente e por ele se torna determinado. Nas palavras de BERGER & LUCKMAN:

..."a plasticidade do organismo humano e sua susceptibilidade às influências socialmente determinadas são melhor ilustradas pela documentação etnológica referente à sexualidade (MALINOSWKY, BENEDICT, MEAD, KLUCKHOLN e MURDOCK). Embora o homem possua impulsos sexuais comparáveis aos de outros mamíferos superiores, a sexualidade humana caracteriza-se por um grau muito alto de flexibilidade. Não só é relativamente independente dos ritmos temporais, mas é flexível tanto no que diz respeito aos objetos a que se dirige quanto em suas modalidades de expressão. As provas etnológicas mostram que em questões sexuais o homem é capaz de tudo." (p. 72)

Aqui, portanto, é introduzida outra característica própria da sexualidade humana: a vasta variabilidade de seus objetos. Os autores aceitam que sua concepção sobre plasticidade dos instintos do homem é afim com a concepção de FREUD sobre o caráter primitivamente informe da libido.

Novamente, FREUD retorna à discussão teórica como referencial a ser considerado, como o foi ao longo deste trabalho ou seja: na importância das identificações para o comportamento de gênero, durante o período de infância em nossa espécie; na introdução da figura masculina para a criança, e conseqüente ambivalência que vai tornar o homo, sapiens para MORIN; na possibilidade de uma elaboração das cargas afetivas através do desenvolvimento relacional com seus objetos, ou, como a maioria dos autores citados permitem referir, de forma generalizada, com "outros significativos"; na oposição fundamental que PARCEVAL identifica, no fenômeno da paternidade, como sendo os seus aspectos manifestos e latentes (conscientes e inconscientes); na associação óbvia entre o tema da paternidade ao conceito de Complexo de Édipo, pedra fundamental para a estruturação do sujeito, na teoria psicanalítica. Assim, como admitido por BERGER & LUCKMAN, é pertinente nos termos sobre a teoria da libido.

Para LAPLANCHE & PONTALIS, libido é:

..."energia postulada por FREUD como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento de investimentos), quanto ao alvo (sublimação, por ex.) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)."*(p. 343)

*Em que pese JUNG, LAPLANCHE & PONTALIS acrescentam que a noção de libido alargou-se a ponto de designar "a energia psíquica em geral, presente em tudo que é 'tendência para'".

Mais adiante, LAPLANCHE e PONTALIS citam FREUD: "libido é uma expressão tirada da teoria da afetividade. Chamamos assim à energia considerada como uma grandeza quantitativa (...) das pulsões que se referem a tudo o que podemos entender sob o nome de amor."
(p.343)

Se entendermos o sentimento paterno como uma forma de amor, ele seria da ordem da libido, transformada, metamorfoseada em ternu-
partir da sexualidade e do erotismo, como coloca MORIN. Na ver-
dade, a explicação que MORIN dá para a introdução do homem na famí-
lia é muito freudiana. Assim, se a sexualidade humana é caracteri-
zada por um alto grau de flexibilidade, mais ainda o serão as for-
mas do amor paterno e materno.

FREUD afirma, por exemplo, no prólogo da 3ª edição de *Três Ensaí-
os para uma teoria sexual*, quando fala de sua abordagem sobre
a vida sexual:

"Em todas as suas partes (deste trabalho) man-
tém-se determinada hierarquia: os fatores aci-
dentais ocupam o primeiro plano, ao passo que
os disposicionais estão ao fundo; a evolução
ontogenética é considerada em detrimento da fi-
logenética. Acontece que o acidental desempe-
nha, na análise, o principal papel e pode ser
elaborado quase integralmente por ele; o dispo-
sicional, por outro lado, apenas surge atrás
do acidental, como algo evocado pelo vivencia-
do, e cuja consideração excederia amplamente o
campo de ação da psicanálise." (p. 1170, Obras
completas, tomo II, Madrid)

Estas palavras de FREUD sobre a vida sexual humana e a pró-
pria forma com que empreendeu seu estudo, são muito apropriados tam-
bém para este trabalho, no que se refere à paternidade e ao referen-
cial teórico de BERGER & LUCKMAN.

FREUD, no entanto, ao distanciar-se do disposicional, e cada vez mais ao longo de sua obra, novamente pela natureza de seu objeto de estudo, qual seja, o desenvolvimento emocional humano, reforça novamente uma artificialidade à paternidade devido às limitações biológicas que o homem encontra para se vincular à sua descendência, enquanto exacerba uma vinculação "natural" do psiquismo feminino à prole.

Além do mais, ao longo de toda a obra de FREUD, existe uma importância fundamental na forma como um filho se relaciona com seu pai e vice-versa, do ponto de vista do filho, em relação ao pai e nunca de como é, para esse pai, ter um filho; que efeitos um filho tem, para o homem que se torna pai?

Seguindo a tradição freudiana, fundadores de escolas psicanalíticas como MELANIE KLEIN e JACQUES LACAN, ampliaram, trabalharam com a figura paterna como "3º elemento", reorganizador do relacionamento diádico mãe-filho; reforçaram a relação da mulher com o filho, na qual este teria, inclusive, uma representaçãoⁱⁿinconsciente da mulher, ou seja, a conquista de um falo, ou objeto de poder que, constitucionalmente lhe falta, segundo os psicanalistas.

Alguns autores recentes, de linha psicanalítica, começam a se inquietar com outra "falta", desta vez, relacionada ao homem. ABERASTURI, em A Paternidade, um enfoque psicanalítico (obra póstuma editada pelo co-autor, EDUARDO SALAS, 78), considera um "recalque de FREUD", a não culpabilização de Laio em sua própria morte, relacionado à recente perda de seu pai (de FREUD). Enfatiza ainda que (...) "paralelamente às mudanças sociais na família e aos estudos realizados pela Sociologia, a investigação psicanalítica apro-

fundou na compreensão da psicologia da mulher e do homem" (p. 72); observa que o estudo do desenvolvimento nas primeiras etapas, iniciada por KLEIN, permitiu descobrir, no homem, o momento no qual a fantasia de ter um filho no seu ventre normal:

"É um período homossexual no qual o varão deseja estar relacionado com o pai, tomar o lugar da mãe e ter filhos. Esta raiz do desejo de um filho condiciona, em parte, sua repressão, já que sua fonte é a homossexualidade. Como primeira conclusão, diria que a origem materna do papel paterno faz com que, desde criança, o sentimento paternal se veja perturbado"(p.73)

ABERASTURI, afirma ainda que, se o menino precisa de uma dupla pai-mãe para satisfazer, por identificação projetiva, sua bissexualidade (...) "a consequência necessária dos estudos de BOWLBY sobre privação materna é o estudo das consequências da privação paterna." (p.76)

Essa certamente é uma opção. Concordo, no entanto, com PARCEVAL quanto enfatiza a importância de se estudar o funcionamento humano, também a partir de condutas ditas normais. Ou, como observou o psicanalista LUIZ ALBERTO PY, recentemente (...) "até hoje a atenção dos psicanalistas continua voltada para o estudo dos processos mentais patológicos. Não se costuma dar valor aos processos mentais sadios". (Caderno Idéias 5/05/91, p.3)

A idéia de uma homossexualidade reprimida no homem, correspondendo ao recalque do qual falam PARCEVAL e ABERASTURI, pode estar correta, porém, não é suficiente, senão vamos observar a definição de que homossexualidade refere-se a uma atração sexual por um indivíduo do mesmo sexo (como finalidade sexual).

Isso só poderá ocorrer quando essa homossexualidade representar um comportamento ou atração sexual vinculado ao sexo oposto. Dedicar-se à prole não é prerrogativa exclusiva da fêmea; mais ainda, essa dedicação do macho à prole se daria também por características ou exigências sociobiológicas humanas. Pensar no homem da família e no seu papel propriamente masculino na família como apenas representado no trabalho, no sustento da família, que esta, para o pai, representa apenas uma forma de estruturação social para regulação sexual, novamente exclui a relação internalizada do homem com seus descendentes, como de suas formas de relacionamento libidinal, sublimado para FREUD, metamorfoseado para MORIN.

Assim, o sentimento paterno associado ao homossexualismo, seria mais uma forma de "patologização" da paternidade, que, se correta, se aplicaria mais à nossa cultura ocidental, do que na forma de uma "regra universal", vinculada ao biológico, como tentei demonstrar nos relatos etológicos e etnológicos, como nas interpretações dos reguardos masculinos.

O sentimento paterno, pela própria natureza - ou biologia - da paternidade, necessita de representações, símbolos, como enfatiza DURHAM.

FOGEL, LANE & LIEBERT, autores americanos, observam, em *Psicologia Masculina*:

"BLOS (1984) referiu-se à importância do amor edipiano do menino pelo pai e à importância até aqui relativamente negligenciada do complexo paterno diádico*: o primeiro relacionamento existente entre pai e filho. Insta-nos ele a examinar os importantes laços narcísicos e pré-edipianos que existem nesse relacionamento, notavelmente a proximidade protetora e facilitadora tão importante para a saúde psíquica dos indivíduos do sexo masculino e as penosas e desafiadoras questões que, inevitavelmente, sur-

* grifo meu

gem dessa ligação, que tem que ser resolvida e integrada, a fim de atingir-se a plena condição de homem adulto." (p. 19)

A Psicanálise, como corpo de conhecimento, tem muito a contribuir em uma discussão sobre a paternidade. No entanto, como a Antropologia, foi constituída principalmente sob o ponto de vista do seu próprio meio cultural, que, até 1900, não permitia inclusive a participação de mulheres no meio acadêmico. Ficou, assim, caracterizada como uma "visão de mundo" masculina.

GERMAINE GREER, importante feminista com influência de penetração na Europa, em seu polêmico livro, *Sex and Destiny* (1984), demonstra que não foi somente na Psicanálise ou na Antropologia como nota PARCEVAL, que o tema da paternidade foi excluído:

"the best know attack upon the family and the most influential in recent times is that mounted by Engels... in *The Origin of the Family, Private Property and the State* in 1884. What is even more interesting in his discussions of the family, is that like all the other participants in the debate about the origin, nature and history of the family, he is actually discussing marriage and the sexual relationship of spouses, and not the family at all. The great apostle of the brotherhood of man is not interested in brotherhood itself, let alone the sisterhood or maternity." (p. 228, 1984)

Dessa forma, e mais uma vez, torna-se importante assinalar que o estudo ou o interesse de se pensar também na paternidade, novamente não apenas em irmandade ou maternidade como GREER, veio, em grande parte, de uma influência do pensamento feminino na elaboração das ciências sobre o ser humano. É a mulher, ou algumas delas, na medida em que a mulher pode também reproduzir o pensamento

masculino de si mesma quando se submete à ele que, ao passar a participar não somente na produção científica, mas também na esfera do trabalho público, permite ao homem participar de um universo que, até então, na cultura ocidental, tinha sido apenas seu.

NEWBAUER (1986) afirma que:

"o novo interesse que se tem pelos pais possui muitas raízes: o movimento de libertação feminina e suas exigências de novas definições; o aumento da taxa de divórcios; o número cada vez mais acelerado de pais que ficam com a custódia dos filhos e a divisão de cuidados que se dá porque as mães estão a trabalhar. Em acréscimo a isso, contudo, estudos à enfocarem o desenvolvimento pré-edipiano conduziram a uma nova avaliação dos papéis genitoriais." (p. 191)

Poderíamos considerar que "o movimento de libertação feminina", de certa forma, foi o desencadeador dos outros fatores citados acima, excluindo-se talvez os estudos do desenvolvimento pré-edipianos ressaltando, no entanto, que foram desenvolvidos pela primeira vez por MELANIE KLEIN, na década de 40.

NEWBAUER afirma ainda que:

..."enquanto sustentarmos a idéia de que a evolução passa de um relacionamento diádico para outro triádico, defenderemos uma posição que não é mais sustentável!"
 "...Isso não modifica nossa presunção da primazia dos objetos genitoriais, nem tampouco nossa proposição da importância dos objetos primários na vida. O que afirma é que esses objetos primários não devem ser vistos no contexto de relacionamentos diádicos, mas antes como relacionamentos objetais múltiplos, e que tais relacionamentos podem contribuir para o surgimento da interação primária com a mãe." (p.194)

É importante frisar que estudos empíricos sobre a relação pai-bebê já vêm sendo efetuados nos Estados Unidos e Inglaterra desde o início da década de 70 e trata-se de campo que se enriquece cada vez mais.

O simples fato de que passaram a existir pais que cuidam de seus filhos como único dispensador de cuidados, em família monoparental, em número suficiente para permitir uma pesquisa sobre o fenômeno, denota uma diferença em relação ao caso brasileiro, campo es se sobre o qual incide a presente investigação empírica.

CAPÍTULO 5 - METODOLOGIA

"... é na ordem original da realidade constituída pelas relações sociais que se deve compreender a família humana. Se, para assentar esse princípio, recorreremos às conclusões da sociologia, ainda que a soma dos fatos com os quais ela o ilustra ultrapasse o nosso tema (complexos familiares), é porque a ordem da realidade em questão é o objeto próprio desta ciência. O princípio é assim colocado num plano aonde ele tem sua plenitude objetiva. Como tal, ele permitirá julgar, segundo seu verdadeiro alcance, os resultados atuais da pesquisa psicológica." (p. 19)

JACQUES LACAN, in Complexos Familiares ;
(1938)

A partir da discussão empreendida até aqui, que relativiza o papel paterno ao materno e ao meio social aonde ele é desempenhado; levando-se em conta ainda que o Brasil tem características bem distintas daqueles países aonde é desenvolvida a grande maioria das teorias e pesquisas sobre os papéis familiares, optei pela abordagem teórica da Sociologia do Conhecimento, para trazer alguma compreensão da realidade - como ela é construída em nosso meio social - e de como se configura esse processo dinâmico de interiorização de um papel familiar que vem se esvaziando em termos populacionais e na medida em que o papel paterno tem importância no estudo da ciência psicológica.

Para isso, optei por uma metodologia qualitativa, já que referente a procedimentos de pesquisa que produzem dados descritivos.

O referencial teórico oferecido por BERGER e LUCKMAN foi escolhido como método mais conveniente para esclarecer o conhecimento da vida cotidiana sobre o papel paterno, já que os autores afirmam

(...) "Exagerar a importância do pensamento teórico na sociedade e na história é um natural engano dos teorizadores. Isto torna por conseguinte ainda mais necessário corrigir esta incompreensão intelectualista. As formulações teóricas da realidade, quer sejam científicas ou filosóficas, quer sejam até mitológicas, não esgotam o que é 'real' para os membros de uma sociedade. Sendo assim, a Sociologia do Conhecimento deve, acima de tudo, ocupar-se com o que os homens 'conhecem' como 'realidade' em sua vida cotidiana, vida não teórica ou pré-teórica. Em outras palavras, o 'conhecimento' do senso comum, e não as ideias, deve ser o foco central da Sociologia do Conhecimento. É precisamente este 'conhecimento' que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir." (pág. 30)

Ainda referente à falta de categorização da paternidade como objeto de estudo, discutida anteriormente, torna-se relevante lembrar que, para BERGER e LUCKMAN:

"(...) ao mesmo tempo que o aparelho de conversa mantém continuamente a realidade, também continuamente a modifica. Certos pontos são abandonados e outros acrescentados, enfraquecendo alguns setores daquilo que ainda é considerado como evidente e reforçando outros. Assim, a realidade subjetiva de uma coisa da qual nunca se fala torna-se vacilante." (pág. 203)

Se a falta de interesse no estudo do papel paterno pode tornar sua realidade subjetiva vacilante, especialmente quando combinada a fatores como a acelerada mudança em papéis familiares decorrentes do processo de modernização da família* ou da movimentação de massas de indivíduos do meio rural para o meio urbano que caracterizam atualmente o meio brasileiro, com consequente mudança em "zonas de significação" que o meio troca com o indivíduo, mais relevante ainda

*FIGUEIRA, 1986.

se torna ouvir pais sobre a sua vivência nesse papel.

Para a Sociologia do Conhecimento, a análise de papéis tem particular importância porque revela mediações existentes entre universos macroscópicos de significação, objetivados pela sociedade, e os modos pelos quais esses universos são subjetivamente reais para os indivíduos(..)"Essa pesquisa será necessariamente um exercício de análise dos papéis." (pág. 110)

Assim, a proposta de relegar o aporte teórico em favor de ouvir o que os pais dizem de suas experiências foi o objetivo fundamental em desenvolver esta pesquisa nas formas como ela foi executada.

Procurei trabalhar todo o tempo dentro de um compromisso entre neutralidade e proximidade com os entrevistados, na medida em que: a neutralidade evitaria tendenciosidades por mim introduzidas* e possibilitaria 'ouvir o campo' na sua expressividade natural, e na medida em que a proximidade pelo contato pessoal informal e pela característica de conversa que foi dada a todas as entrevistas, poderia dar acesso a informação de caráter íntimo desses indivíduos, como é a história de sua vida familiar.

A minha inserção com agente, no papel de "psicóloga que está fazendo uma pesquisa", no entanto, deve ser levado em conta o tempo todo na análise dos resultados, como "a quem se estava falando", agente que provoca o acrescentar, modificar, ou omitir informações que

* Procedimentos como procurar entrevistar casais que não fossem escolhidos por mim ou do meu círculo de amigos, não privilegiar, para o entrevistado, o objetivo específico do papel paterno, mas de papéis familiares de forma generalizada, para que a figura do pai emergisse naturalmente, etc.

de outra maneira, poderiam fornecer mais subsídios para a análise das enunciações.

Apesar dessa limitação - em geral presente em grande número de pesquisas - as descrições que se seguem, podem ser de grande utilidade para uma reflexão sobre os elementos que são, neste trabalho, explicitados.

O uso das entrevistas com as companheiras dos pais justifica-se, em primeiro lugar, para uma melhor compreensão da origem dessas famílias e da sua dinâmica, a fim de explicitar melhor suas características e descrevê-las, assim como localizá-las intra grupo.

Ainda, a entrevista com as mulheres serve também para dar uma outra dimensão aos fatos relatados pelos homens em relação ao seu papel de pais. Alguns dados não mencionados pelos homens foram mencionados pelas mulheres; quando isso ocorre, será indicado na análise.

Ainda, a razão de ter escolhido dois grupos distintos de pais, um de classe média-alta e outro de classe popular, com vivências tão discrepantes no seu cotidiano, deve-se principalmente pelo fato de que esses grupos convivem cotidianamente no mesmo espaço urbano, relacionam-se em situações profissionais e possuem pré-concepções distintas acerca de suas experiências, além de serem características do limitado espaço urbano que representa a Zona Sul do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo em que significações análogas nos dois grupos assumem uma força ou uma origem que pode ser atribuída ao meio social mais amplo, uma análise dos dois grupos funciona também como contraponto que determina especificidades de cada grupo, pelo contraste.

Assim, eu atribuiria às categorias comuns aos dois grupos

uma importância mais significativa do meio, e às categorias específicas de cada grupo como determinadas pela sua inserção no contexto de classe social específico, que por sua vez, são criadas por indivíduos e portanto, apresentam idiosincrasias individuais. Segundo BOGDAN & TAYLOR: (1975)

(..)While people may act within the framework of an organization, it is the interpretation and not the organization which determines action. Social roles, norms, values, and goals may set conditions and consequences for action, but do not determine what a person will do." (pág. 15)

A determinação do indivíduo e do que ele "fará", para BERGER & LUCKMAN - na medida em que se postula uma incompletude na natureza humana que depende da influência de outros significativos para se definir - está na inevitabilidade que compõe a nossa identidade primeira, explicitada da seguinte maneira pelos autores:

"Temos de nos arranjar com os pais que o destino nos deu ..)a criança pode participar do jogo com entusiasmo ou com mal humorada resistência, mas infelizmente não há outro jogo à vista; isso tem um importante corolário: desde que a criança não tem escolha ao selecionar seus outros significativos, identifica-se automaticamente com eles." (pág.)

No entanto, esse processo não é unilateral nem mecanicista:

"Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada. A dialética, que está presente em cada momento em que o indivíduo se identifica com os outros, é, por assim dizer, a particularização na vida individual da dialética geral da sociedade." (pág 177)*

*Para uma discussão sobre a questão do conceito de identificação na teoria da aprendizagem social, do ponto de vista de teorias psicológicas, cf. GRACIANO, M., 1971 - Tese de Mestrado - PUC/RJ.

5.1. INSTRUMENTOS

Utilizei um gravador portátil, pequeno, para que pudesse ser deixado ao lado do entrevistado sem que sua presença se impusesse o tempo todo, como no caso de um microfone; essa técnica provocou uma grande dificuldade na transcrição das entrevistas pela má qualidade das gravações.

As entrevistas, previstas para duração de 90 minutos, foram transcritas em sua íntegra, compondo em torno de 20 a 30 páginas manuscritas cada uma. Essas transcrições foram reduzidas às partes referentes às figuras masculinas significativas para esses pais, e referentes, também, a tudo que dissesse respeito a seu relacionamento com os filhos. Esses trechos, compostos, constituíram-se no material analisado neste trabalho.

As entrevistas foram semi-estruturadas, para contextualizar a história dos indivíduos e abrangeram os seguintes temas:

- . Avós paternos e maternos, se conheceu, como eram, de onde vieram; relacionamento com eles.
- . Pai e mãe: quem eram, como eram, como era a vida em família quando pequenos. Que funções desempenhavam em casa.
- . Relação deles com os filhos. Se pai e mãe eram presentes, se brincavam, cuidavam.
- . Como a vida se desenvolveu, como conheceu o cônjuge.
- . Os filhos, quem decidiu.
- . Como foi a gravidez e o parto de cada filho.
- . Os primeiros cuidados, quem participou.
- . Relação com os filhos e dos filhos com os pais ou parentes. Expressões de apêgo. Contato do pai com os filhos. Como se sentem em relação à eles.
- . Preocupações, expectativas quanto aos filhos. Aos pais, por que ter filho?

5.2.1. CONTATO

Era importante contactar casais que fossem inteiramente desconhecidos à mim, a fim de evitar diferenças nas entrevistas. Ao iniciar pelo grupo MA, contactei profissionais de saúde que seriam uma ponte para chegar a esses casais. De uma lista com 40 indicações e mais de 10 contatos efetivamente feitos, em geral, com a mulher, apenas um casal concordou em dar um depoimento sobre sua história de vida familiar.

O distanciamento que pretendi ter da amostra mostrou-se um dificultador muito grande no contato pessoal por telefonemas. Nunca houve uma recusa clara, mas adiamentos que se sucediam. Decidi então que dois adiamentos seriam suficientes para invalidar o contato e esse procedimento mostrou-se eficaz.

A mesma dificuldade, ou seja, o mesmo padrão de adiamentos foi encontrado por SCHUCH WOODS (1987), em trabalho com casais de classe média e alta. E a autora conclui: (...) "é difícil no Brasil fazer uma pesquisa, devido à dificuldade em se coletar dados de pessoas desconhecidas". (p. 23)

Dessa forma, decidi solicitar a pessoas conhecidas, porém não do meu círculo de amizades, que me indicassem casais, à mim desconhecidos, que morassem com filhos comuns, e que pertencessem a uma faixa "socio-economicamente diferenciada". Foi esse o caminho, basicamente, que me levou aos casais do grupo MA.

No grupo P, os contatos foram efetuados principalmente através do Dispensário Santa Terezinha, associado à paróquia da Gávea,

com mães de crianças que freqüentassem a escola. Os primeiro contatos foram feitos dentro da creche, em uma sala que é normalmente ocupada pela psicóloga da escola, o que não demonstrou ser um meio muito eficaz (em quatro contatos, um resultou na entrevista) coincidindo inclusive com um período das férias de fim de ano. Procurei, novamente, (como no grupo MA, pessoas conhecidas (porteiros, motoristas, garçons, empregadas domésticas) que pudessem me indicar famílias de seu círculo, que morassem na Zona Sul e fossem nucleadas. Assim, cheguei a mais três famílias. Com a volta às aulas, passei a abordar as mães, na porta do dispensário, conversando com elas e explicando quem eu era e se sabiam ou eram mães que moravam com os pais de seus filhos na Zona Sul. Assim, consegui mais duas famílias, e finalmente, a última, foi indicada por uma das mães entrevistadas.

Nos dois grupos, a abordagem do casal caracterizava-se por uma solicitação minha de ouvir suas histórias de vida familiar para um trabalho sobre a família no Brasil, na área de Psicologia, e gravá-las para registrar suas informações de forma correta. Em geral, o primeiro contato foi feito com a mãe, que transmitiu a solicitação ao pai.

No grupo MA, as maiores dificuldades foram encontradas com as mães, que adiavam. No grupo P, a maior dificuldade foram os pais, que já no meu segundo contato com a mãe, esta transmitia a recusa dele.

5.2.2.AS ENTREVISTAS

No grupo MA as entrevistas com o pai e com a mãe foram feitas separadamente. No grupo P, o casal estava presente durante as

duas entrevistas, e às vezes, os filhos, que ficavam um pouco, ouvi am com atenção, mas eventualmente saíam por algum tempo para depois voltar . Isso se deu para evitar constrangimentos, já que a minha visita era algo muito incomum em suas vidas cotidianas, suscitava muita curiosidade, inclusive entre os vizinhos e pessoas da rua que ostensivamente notavam a minha presença, por mais despojada que eu tentasse me apresentar (quando me aproximava das mães na porta da escola, às vezes me perguntavam se eu estava procurando uma empregá da).

Além disso, pareceu-me que a presença do parceiro dava mais naturalidade ao contato, na medida em que eu, claramente de ou tra classe social, não representasse uma intimidação que os inibiria demais para falarem com um mínimo de espontaneidade. Acima de tudo, para fazer as entrevistas separadamente, o cônjuge teria que obrigatoriamente sair de casa, devido ao pouco espaço doméstico dessas famílias.

O roteiro foi seguido de forma não obrigatória, na medida em que tentei interferir o mínimo possível. Minhas interferências, na maior parte das vezes, serviam para encorajamento (muitas vezes os entrevistados pediam-me para ir perguntando o que eu quisesse saber, e pareciam não saber direito sobre o que falar). Serviam também para retornar ao fio condutor da vida familiar, porque muitas vezes, em geral com os pais do grupo MA, a conversa passava para a história da vida profissional.

Em todos os casos, um constrangimento inicial, natural, ce dia aos poucos a uma conversa amigável e algumas informações do iní cio, eram reformuladas mais adiante.

Em todos os casos coloquei as fitas à disposição das pessoas, caso elas desejassem que eu as devolvesse. Apenas um pai, do grupo MA, pediu a fita de volta "por conter informações muito pessoais", - após, é claro, o trabalho da transcrição - e assim foi feito.

Em todos os casos, as entrevistas foram feitas na residência da família, de forma que outras informações importantes para a pesquisa pudessem ser observadas. Em apenas dois casos, do grupo MA, entrevistei as mulheres em casa e o marido em seu local de trabalho. O período total de contato nas residências girou em torno de quatro horas.*

Todas as entrevistas foram em clima muito cordial, às vezes carregado de emoção. Acredito que em muitos casos, a entrevistada mobilizou os entrevistados; apesar de minhas interferências e do roteiro que dei à mim própria, os entrevistados tiveram ampla liberdade de discordar, contestar e escapar de direcionamentos que eu pudesse estar dando à conversa.

Evitei perguntas sobre sexualidade, aborto e qualidade de relacionamento conjugal naquelas situações aonde, por um critério subjetivo meu, elas seriam constrangedoras na forma como o contato estava se dando. Em geral, essas informações quando vieram, vieram de forma espontânea.

Após as entrevistas com o grupo MA, enviava uma dúzia de

*Em geral, após as entrevistas, ficávamos sempre conversando um pouco; em um dos casos fui convidada a almoçar no grupo MA, e num caso do grupo P, ganhei um cacho de bananas para levar comigo.

rosas como forma de agradecimento pela gentileza de terem concordado em participar. No grupo P, levei uma barra de 200g de chocolate para cada criança (no caso de bebês pequenos, um brinquedo; no caso de uma menina que gostava de ler, dois livros de literatura juvenil).

Evitei qualquer contato posterior com os casais após as entrevistas. Algumas mulheres ligaram para agradecer as rosas e colocarem-se a disposição, uma delas dizendo que havia gostado muito e propondo que nos encontrássemos algum dia, socialmente. Expliquei-lhe que por razões metodológicas, até terminar o trabalho, estava evitando contatos posteriores que poderiam modificar a análise de uma das entrevistas em relação às outras, o que foi bem aceito.

Em minhas visitas, nos dois grupos encontrei apenas as crianças mais novas, em geral, abaixo de 12 anos, que me trataram com muita solenidade.

Na medida do possível, tentei transcrever as entrevistas logo após sua execução, para lembrar-me melhor do contexto e da interação ao ouvir as falas, associando-as a expressões, movimentos e interrupções que se davam. Devido ao grande volume de trabalho que representou a transcrição de 28 fitas, no grupo P, as entrevistas das mulheres foram apenas ouvidas e anotadas aquelas partes pertinentes a seus pais e maridos, além de contar com ajuda para a transcrição de algumas entrevistas finais.

Essas transcrições foram então reduzidas àquelas partes que se referiam às figuras masculinas da família desses pais e de seu relacionamento com os seus filhos.

Capítulo 6 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise foi feita a partir dos resumos das entrevistas, procurando, em primeiro lugar, aqueles fatos e eventos característicos da paternidade, ou que levam à construção desse papel, que se repetiram nos dois grupos, a fim de constituírem-se em categorias, que se configuraram em: 1) PROVEDOR, 2) DESEJO DE UM FILHO, 3) AUTORIDADE, RESPEITO, EDUCAÇÃO - A LEI SOCIAL, e 4) LIBERDADE, DESEJO, ESCOLHAS E IDENTIFICAÇÃO.

Alguns aspectos que se referem à discussão desenvolvida na primeira parte deste trabalho que apareceram nas entrevistas de forma menos sistemática, também foram abordados, como os aspectos:

5) PROTETOR, 6) FILHO ADOTIVO e 7) PARTO, GRAVIDEZ, PRIMEIROS CUIDADOS.

Foi necessário fazer uma distinção entre o que chamei de pais de origem (pais dos homens e mulheres entrevistados, portanto, da família de origem) e pais atuais, ou seja, os pais entrevistados, na medida em que os primeiros modelos que tiveram de pais foram os seus próprios pais, durante o processo inicial de socialização - ou socialização primária, como BERGER & LUCKMAN - e estes certamente influenciaram no papel de pais que vivem hoje.

No entanto, o acelerado processo de modernização da família ocorrido nas últimas décadas em nossa sociedade*, é marcante nos dois grupos estudados em 3) AUTORIDADE, RESPEITO, EDUCAÇÃO - A LEI SOCIAL e 4) LIBERDADE, DESEJO, ESCOLHAS E IDENTIFICAÇÃO e menos entensamente em 7) PARTO, GRAVIDEZ, PRIMEIROS CUIDADOS.

* discutido por FIGUEIRA, NICOLACCI-DA-COSTA e cols.; 1984, 1986, 1987)

Basicamente, a análise girou em torno de como a socialização primária e a modernização da família, como significativos setores de influência, se interpenetram e se manifestam na vivência dos pais nos dois grupos.

6.1. CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS

Os 14 casais entrevistados para esta pesquisa compõem famílias nucleadas, ou seja, pai, mãe e filhos morando no mesmo domicílio, sem outro membro da família extensa (com exceção de um caso, no grupo P, no qual o filho de 30 anos morava com sua mulher e seu filho de 1 ano, na casa dos pais entrevistados) e residem na Zona Sul do Rio de Janeiro. Dividem-se em 7 casais que pertencem ao que decidi denominar como faixa média alta da população - MA - e 7 casais pertencem ao que decidi chamar classe popular - P. Com todas elas, o meu primeiro contato foi exclusivamente em razão desta pesquisa.

A meta inicial de 10 casais em cada grupo, devido a problemas descritos nos procedimentos, foi reduzida na prática a 7 casais em cada grupo, o que faz um total de 28 entrevistas.

As características que emergiram nos grupos estudados compõem o seguinte perfil: grupo MA: habitam em residência própria nas áreas mais valorizadas da cidade, como à beira-mar ou em grandes condomínios na Barra da Tijuca. São famílias cuja renda vem, totalmente ou em grande parte de trabalho autônomo do homem, em firma ou escritório próprio, em profissões liberais ou ainda de cargos diferenciados em empresas de grande porte (dois casos).

Os filhos freqüentam escolas particulares de alto nível, sendo que os pais apresentam muita preocupação com a educação formal e com o futuro dos filhos.

Os domicílios são muito amplos, decorados em geral com objetos de arte, sendo que as casas - em oposição aos apartamentos - tem piscina e amplo jardim. Contém ainda eletrodomésticos modernos (fornos de microondas, aquecedores de mamadeiras elétrico, freezer, etc) como também aparelhos eletrônicos (computadores domésticos, vídeos, sistemas de alarme sofisticados, equipamentos de som com laser, etc). São famílias que contam ainda com dois ou mais carros e dois ou mais empregados para auxiliar nas tarefas domésticas.

Os cônjuges têm nível universitário e são indivíduos que, em geral (com exceção de um casal) já viajaram ou mesmo residiram no exterior por algum tempo. Em três casos (dois pais) os cônjuges nasceram em outros países.

Entre as mulheres, três tem empregos menos remunerado do que seus companheiros, três não trabalham em atividades remuneradas e uma tem atividade autônoma que desenvolve em sua própria casa. Em apenas dois casos, não havia um empregado permanente (que dormisse no domicílio), e em apenas um caso, nunca contrataram uma pessoa para o cuidado dos filhos quando pequenos. Assim, em geral (6 casos) foram contratadas enfermeiras durante todo o primeiro período da infância dos filhos, (em dois casos, a presença de enfermeiras foi durante períodos intermitentes). As enfermeiras sempre dormiam com os bebês e eram as principais envolvidas no cuidado direto com eles.

Os homens dessas famílias caracterizam-se por serem pessoas bem sucedidas em seu trabalho, e, em termos de status social mantêm ou vão além daquele de suas famílias de origem, e, portanto, podem ser classificadas como compondo famílias de uma classe ascendente, apesar de variarem um pouco intra-grupo.

Em geral, os cônjuges em cada casal vieram de segmentos sociais diversificados, ou seja, são casais heterogêneos socialmente; no entanto, em todos os casos, os cônjuges conheceram-se enquanto exercendo funções semelhantes, sendo que, na maioria, o conhecimento se deu em curso universitário.

Em praticamente todos os casos, os avós - pais e mães dos entrevistados - quando não eles mesmos (4 pais) vieram de outros lugares que não a cidade do Rio de Janeiro, e são todos casados legalmente (origens: três do Nordeste, dois da América do Sul, e dois do Rio, netos de imigrantes espanhóis, libaneses e portugueses).

As idades dos cônjuges entrevistados variaram de 30 a 51 anos e as de seus filhos, de 5 meses a 21 anos. Os números de filhos por casal foram: um casal com um filho, quatro casais com dois filhos, um casal com três filhos e um casal com quatro filhos, sendo que 6 deles são do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Em relação à família de origem, cinco casais tiveram menos filhos do que seus próprios pais, um manteve o número de 3 filhos, e um, aonde o pai era filho único, teve 4 filhos. Assim, neste pequeno universo, varia-se de 2,8 filhos nas famílias de origem (14 famílias, 7 dos homens e 7 das mulheres) para 2,2 nas 7 famílias entrevistadas.

Um casal que concordou em participar da pesquisa, acabou sendo excluído, por ter características muito distintas dos outros casais no grupo: os cônjuges vinham de famílias tradicionais do Rio de Janeiro, tinham característica descendente em termos de status social, as histórias de vida familiar são cheias de intercorrências diversas daquelas descritas pelos demais casais. Apesar da riqueza

de informações que este casal representaria neste estudo, haveria grande possibilidade de ser identificade e portanto perderiam o anonimato.

Além disso, foi problemático conseguir marcar a entrevista com o pai que estava, à época, muito envolvido profissionalmente; a entrevista foi realizada apenas com a mãe.

Grupo P: habitam em residências que variam de um cômodo com cozinha e banheiro separados com cortina (dois casos), até um (quatro casos) e dois quartos (um caso) com sala, cozinha e banheiro em cômodos separados. Todos tem luz, água encanada e esgôto, apesar de se localizarem próximos a valas abertas na rua, com exceção das famílias de três porteiros que residem em prédios do Leblon. Dos sete domicílios, o maior deles deles tinha 60m².

As casas são mobiliadas com geladeira, televisão, fogão, mesa de refeições - em torno da qual a entrevista foi feita - e camas, às vezes beliches. Eram sempre bem arrumadas, limpas e decoradas com objetos infantis (posters, bonecas, brinquedos e em dois casos retratos das filhas) e imagens religiosas cristãs. Mesmo nas casas com dois quartos, havia pelo menos uma cama na sala. Quatro destes casais eram casados legalmente. Todos os cônjuges entrevistados, com exceção de uma mãe, tinham características de raça branca.

A faixa de salário dos pais variou de 1 (dois casos) a 5 salários mínimos (dois casos); os outros três pais recebiam entre dois e três salários. Três deles eram porteiros e um era faxineiro, em prédios; um trabalhava como estofador, um como motorista e um como técnico em refrigeração.

Entre as mulheres, cinco trabalhavam com empregadas domésticas sendo que uma delas estava sem trabalhar porque tinha um bebê de um mês. Outras duas eram casadas com os pais que estão na faixa de 5 salários, sendo que uma estava aposentada de seu trabalho em um laboratório e a outra nunca trabalhou fora de casa após o casamento, apesar de ter sido doméstica quando solteira.

Entre os pais, três deles vieram da Paraíba (trabalhavam em prédios), um do Ceará, um de Minas e dois do interior do estado do Rio.

Os três porteiros moram no Leblon; duas famílias moram no morro do Vidigal e duas na favela da Rocinha, em regiões que são consideradas, dentro da comunidade, como privilegiadas em relação a maioria das habitações: fácil acesso, facilidades sanitárias, construção de alvenaria, etc., apesar de estarem sujeitas à inundação à época das chuvas.

As idades dos cônjuges variaram de 30 a 56 anos e as dos filhos, 1 mês a 30 anos. Os números de filhos por casal foram: dois casais com um filho, três casais com dois filhos e dois casais com quatro filhos, sendo que sete são do sexo feminino e nove do sexo masculino.

Em relação às famílias de origem, todos os casais do grupo P tiveram bem menos filhos do que as suas famílias de origem que, é importante notar, eram todas nucleadas. A variação foi de uma média de 7,1 filhos nas famílias de origem (quatorze famílias) para 2,2 filhos entre os sete casais entrevistados, ou seja, a mesma média do grupo MA.

6.2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MATERIAL

Em termos gerais, a quantidade de material gravado no grupo MA foi bem maior (perto de o dobro) do material gravado com grupo P. No grupo MA, as fitas acabavam no meio de um assunto, apesar de já cobertos os assuntos principais. No grupo P, aqueles pais que vieram da roça tinham uma fala mais difícil de ser compreendida, pelo fato de as palavras não serem bem articuladas, principalmente ao final das frases, que muitas vezes terminavam num murmúrio, especialmente em assuntos mais delicados. A mesma característica ocorreu ao final das frases de dois pais do grupo MA que nasceram no Nordeste, de forma mais atenuada.

No entanto, houve grande diferença na forma das falas: aquelas do grupo P, com exceção dos dois pais que estavam na faixa de 5 salários, tinham falas mais repetitivas e eram referentes a idéias mais concretas; menor quantidade de evocações ou atribuições aos fatos narrados; especialmente entre as mulheres. Estas, mesmo bem falantes no contato normal, com a presença do gravador tornavam-se muito cuidadosas e parcimoniosas com o que falavam. Um fator que tenha contribuído para isso pode ter sido a presença do marido. As respostas em geral, eram mais lacônicas, mais curtas e houve um número de intervenções maior de minha parte a fim de encorajá-los a falar.

Apesar das diferenças entre os grupos, foi possível trabalhar com o material das entrevistas a fim de identificar os aspectos comuns dos dois grupos.

O objetivo, a metodologia e os procedimentos utilizados ser viram para diminuir as possíveis dificuldades de expressão, na relação de entrevista, com indivíduos de grupos díspares socialmente.*

* A esse respeito, NICOLACI-DA-COSTA, 1987. "O sujeito no Discurso da Diferença de Classes: Inferior, Carente, ou Apenas Diferente?" in. *Sujeito e Cotidiano*.

6.3. CATEGORIAS SURGIDAS NO CAMPO

6.3.1. O PROVIDOR

Para os homens do grupo MA como para aqueles do grupo P, em relação a seus pais de origem como em relação a si próprios, o empenho no trabalho ficou caracterizado como a atribuição fundamental do papel paterno. Esta característica foi marcante, aliás, em praticamente todas as representações paternas descritas no capítulo 3: o pai é provedor, é o que principalmente alimenta, que transmite os bens, produz.

A divisão cooperativa de trabalho entre os sexos, da qual fala WILSON como característica intrinsecamente humana, em geral dividiu os encargos masculinos entre o pai provedor e a mãe "do lar" configurou-se no pai exercendo funções no domínio público, enquanto a mãe exerce funções no domínio privado ou doméstico.

A inclusão da mulher no trabalho de domínio público nas últimas décadas e conseqüente sobrecarga de suas funções*, no grupo MA não acontece de forma sistemática. Já no grupo P as mulheres trabalham, em geral como empregadas domésticas - com exceção de uma que trabalhou em um laboratório, de outra que parou de trabalhar quando casou - movidas pela situação de necessidade porque passam, em termos financeiros (e assim complementar o orçamento doméstico) característico do grupo P.

*A muito discutida "dupla jornada" como realidade reversa à idealização de libertação da mulher através da remuneração pelo seu trabalho no âmbito público.

O fato de também trabalharem fora de casa, lhes dá uma certa autonomia no relacionamento com seus maridos, em termos de escolhas, expressa na entrevista com o casal P1 como "cada um vai fazer o que quiser" incluindo aí separar-se .

Enquanto no grupo MA, os pais afirmam que não participam mais do contato com os filhos "porque não há tempo", "o trabalho é intenso", "não posso acordar à noite porque trabalho no dia seguinte", é a divisão no trabalho remunerado no grupo P que faz com que os homens ajudem nos encargos domésticos, como descreve o pai em P4:

"era uma luta muito grande, quando eu chegava mais cedo, preparava as coisas, fazia a janta, sempre dava uma maõzinha, porque os dois trabalhando fora, tinha de dar uma ajuda, porque é um pouco cansativo. Sempre colaborei com ela, até hoje".

Ainda em relação à divisão sexual do trabalho e à participação da mulher no âmbito público, uma observação em relação ao grupo MA: aqueles dois pais (MA1 e MA7), cujas mães trabalhavam em funções remuneradas, são casados com mulheres que também tem um trabalho de período integral, fora de casa.* No entanto, em todos os casais do grupo MA, a remuneração principal da família é, sem sombra de dúvida, do homem, da mesma forma em que os papéis foram vividos na família de origem; em cinco casos de pais, as mães assumiam o papel

*Entre as outras cinco mulheres: 1) havia trabalhado em teatro no início do casamento, mas resolveu deixar a carreira para cuidar de sua família; 2) nunca trabalhou; 3) encontra-se parada e não sabe bem o que vai fazer; 4) trabalha em casa, produzindo objetos de arte; 5) trabalha no período em que os filhos estão na escola.

tradicional da mulher e se conservavam envolvidas com funções relativas ao âmbito doméstico (os filhos, empregados, providências para a casa, etc.).

No caso das duas mulheres do grupo MA que trabalham fora de casa, no entanto, suas mães também tinham papel apenas doméstico, ou sejam elas estão "repetindo" um aspecto do papel de mãe de suas sogras, não de suas próprias mães. É o homem que tem mãe e mulher com funções significativas, no âmbito público.

6.3.1.a. O PAI PROVIDOR NA FAMÍLIA DE ORIGEM E ATUAL NO GRUPO P

Nas famílias de origem dos dois grupos, como já explicitado, o suporte material foi sempre claramente do pai (em apenas um caso do grupo P, não havia pai, então a mãe trabalhava o dia inteiro). No grupo P, no entanto, em todos os casos, os pais atuais começaram a trabalhar no período de 10 a 14 anos para ajudarem na provisão de suas famílias de origem: quatro deles trabalhavam na roça (três no Nordeste e um em Minas) e a descrição da vida familiar nesses casos é muito semelhante: o pai de origem trabalha muito, os filhos homens começam cedo a ir trabalhar com ele, mas já antes disso auxiliam a mãe com trabalhos domésticos masculinos, como na roça doméstica ou cortando lenha. Os papéis quanto ao tipo de serviço são bem discriminados, em serviços de "homem" e serviço de "mulher": no caso da mãe que capinava, a descrição é "minha mãe roçava como um homem", e, em contrapartida, nenhum deles ajudava na cozinha ou cuidava dos irmãos menores, funções das irmãs (como já descrito, as famílias de origem no grupo P eram numerosas, porém eram sempre nucleadas).

Os três outros pais que não eram da roça; dois pais atuais (P7, P5) também começaram a trabalhar cedo (14 anos) para ajudar suas mães (o padrasto, em P5 "conheceu uma senhora aí, arrumou uma amante, e começou a implicar com minha mãe, tive de trabalhar para ajudar") e o terceiro (P4) para ajudar um pai que teve 19 filhos.

Aqueles pais que vieram da roça para o Rio de Janeiro, passavam a mandar dinheiro para casa, como relata o pai em P2:

"... 9 pessoa prá comê, mais velho trabalhava...difícil vida na roça de quem tem família em casa de 9. Meu tio tinha 18... quando o velho fica cansado, os filho dá uma ajuda e depois de eu e meu irmão no Rio foi que papai melhorou de situação... todo mes mandava dinheiro... até tinha gente lá que aliviava a gente disso: 'Seu Mané Sinfrônio, vale a pena ter o filho no Rio'".

Outro pai, em P6:

"A vida em casa era o seguinte: uma vida de luta e de trabalho, porque eu comecei a trabalhar cedo, era criança e trabalhava... nossa roça era a gente mesmo que plantava. Ele saia mas deixava determinado serviço marcado para fazer...quando comecei a trabalhar fora de casa com 11, 12 anos eu era o chefe da casa, meu pai era doente, meu irmão mais velho se mandou para viver por vida própria... meu pai andava, ... mas matéria de serviço, plantar, entrar no barro para trabalhar, era a gente mesmo".

Mais adiante, quando visita a família, após um ano morando no Rio, já com 21 anos este pai continua a proferir :

"Quando cheguei lá, minha mãe estava esperando uma garota, aí foi aquele negócio, meu pai: 'acho bom você ficar por aqui, não sei o que. Sua mãe está esperando a menina, não sei o que vai acontecer' aí foi indo, fiquei né. Aí depois que a garota nasceu, terminei a colheita, aí falei, 'vou embora', aí não voltei para ficar mais".

Os pais entrevistados no grupo P, portanto, assumiam já na adolescência o papel de provedores para suas famílias de origem

(pai, mãe e irmãos). A questão da dificuldade econômica que pesa nessa parcela da população, que, vale notar, está acima do nível de mais de 33 milhões de brasileiros* perpassa toda a entrevista: total falta de espaço em que vivem essas famílias, a limitação no número de filhos pela dificuldade em dar-lhes educação adequada, o sacrifício de sua individualidade para o bem estar dos filhos, e mais uma vez, trabalham para a família, sem esperar reciprocidade, ou seja, não esperam que seus filhos, ao crescerem, os ajudem, como fizeram a seus pais: transformam-se, assim, em provedores "duplos", co-explicita o pai em P1:

"Se não fosse por ela (a filha) eu já tava morando lá há muito tempo (Paraíba), fugia. Tava lá há algum tempo. Sempre quis morar no Rio de Janeiro, mas eu não sei. Não gosto. Trabalhei dez anos, e olha o que eu tenho... é ela mesmo, é isso mesmo. Chega lá, não tem... e aqui tem colégio, tem condições de sair dessa. Lá não tem isso, aqui tem condições, lá é diferente".

Outro pai (P3), ao ser indagado se espera que seus filhos o ajudem, quando crescerem:

"Eu acho que isso atualmente tem mudado. Filho eu tenho mais vontade de dar instrução a eles, o que eu puder fazer pra eles estudar, pra eles se manter eles próprios, já que eu não tenho, não posso dá nada, o que eu posso dá é estudo. Eu posso me esforçá, fazer tudo pra quando eles crescer, eles ter meio de vida melhor que o meu... não é que eu queira que eles me ajude não, não me importo de lutar até o final, eu tenho vontade que eles tenham instrução pra eles se virar depois, eu não esquentar a cabeça com eles, e eu me viro só... Se eles crescer e tiver sorte também de estudar e puder ajudar, tudo bem. Eu queria ajudar eles".

*Segundo o relatório do Banco Mundial, 33 milhões viviam em 1987 com renda de 1/4 do salário mínimo. (MAURÍCIO LAMENZA, in O FIM DO "HOMO SAPIENS", JORNAL DO BRASIL, 20/5/91. 1º CADERNO, PAG. 9).

Outro pai (P4), já com filhos moços, formados e trabalhando:

"...Esse rapaz e os outros, mesmo trabalhando, eles seguraram na gente, no pai e na mãe. Ela é aposentada, já trabalhou 30 anos. Eu vivo daquilo que faço, tenho que juntar um dinheirinho, porque eu tenho que segurar as barras porque chefe de família tem que segurar, a gente escora e a gente tem que atender, porque filho em primeiro lugar, a gente não vive para a gente. O chefe da família e a mãe de família vive pros filhos, pros netos, isso até morrer, isso é que é normal da vida, isso é natural. Pessoa quando começa a vida recebe aqueles benefícios, depois, no final da vida a gente passa a distribuir aquilo que recebeu. Então, é isso aí que a senhora tá vendo".

Outro pai no grupo P (P6), respondendo se pensa nos filhos ajudarem:

"... Não, eu ajudei muito, até bem pouco tempo, mas eu não penso nisso não. Eu acho que as crianças de hoje, não sei, pode até ser que não, mas acho que a criação de hoje é diferente da que eu fui criado e que muita gente foi criada. Porque hoje a pessoa quer mais trabalhar para si. Eu acho assim, agora eu não, meu negócio foi chegar aqui, no Rio e todo mês dinheiro certo, mandava pra casa, mas hoje a gente não pode contar com filho pra isso não. Pode ser, depende da sorte. Mas isso eu nem conto, não conto. Eu quero que ele trabalhe pra ele, aplicar o dinheiro dele na coisa dele".

O pai no grupo P proveu a família de origem porque era muito numerosa e pobre*, continua provendo-a ainda

*DURHAM observa o mesmo fenômeno em "A CAMINHO DA CIDADE, A VIDA RURAL E A MIGRAÇÃO PARA S.PAULO" (até o casamento, o rapaz (...) permanece completamente subordinado à economia doméstica de tal modo que o seu trabalho não conta como trabalho autônomo mas apenas como uma ajuda prestada ao pai". (1978, pag. 65, apud SALEM, 1980, in MULHERES FAVELADAS).

quando tem sua própria família (algumas mães também mandavam dinheiro para a família de origem); a solidariedade familiar na dificuldade econômica nestas famílias é sempre muito marcada. No entanto, por ser a "criação de hoje diferente", uma clara alusão a um processo de modernização da família, representado aqui principalmente pela mudança do ambiente rural para o ambiente urbano, o pai atual quer dar estudo aos filhos para tornarem-se "diferentes", "terem o que não tive", na medida em que a remuneração do trabalho, no meio urbano, é referente à sua complexidade. São pais analfabetos (3), ou que não terminaram o primeiro grau (2) ou que chegaram ao segundo grau (2) e lamentam não terem tido a oportunidade de estudar, porque tiveram que trabalhar e/ou o pai não valorizava o estudo. Um deles começou a estudar à noite, num "grupo de recursos humanos em Copacabana, depois que foi sê pai", segundo palavras de sua mulher. Em dois casos, o desejo de voltar para o Nordeste é preterido em favor de melhores oportunidades de estudo, nestes casos, para as filhas.

SALEM (1978), em trabalho sobre mulheres faveladas, verifica o fenômeno de não valorização do estudo pelo pai de mulheres faveladas vindas do meio rural, quando uma entrevistada declara "meu pai falava que estudo de moça só servia para ela escrever carta pro namorado". (pág. 68)

O pai provedor de hoje no grupo P se preocupa em pôr as filhas também em boas escolas. Diz o pai em P7:

"(a escola) é particular, ela estuda lá, então aquilo que eu não tive eu quero dar à eles, do bom, do melhor que eu possa. Jamais eu tive a chance de estudar... então eu tô

pagando 22000 por mes, fora lanche, coca cola, uniforme , livros. Eu tô segurando essa barra aí desde os 4 ano de idade, ela já vai fazer 15 agora, vai indo, vai indo, até o dia que puder".

Assim, em relação às suas famílias de origem, os pais no grupo P demonstram uma expectativa totalmente diferente daquela vivida na família de origem, ou seja, foram provedores auxiliares de seus pais, no entanto, na sua família atual, continuam provendo estudo para seus filhos proverem a si próprios mais tarde, através até de uma renúncia de desejos seus, para o futuro dos filhos, "para sair dessa", "terem vida melhor", "ter o que não tive". Ser provedor implica prover ão presente e ão futuro dos filhos.

6.3.1.b. O PAI PROVEDOR NA FAMÍLIA DE ORIGEM E ATUAL NO GRUPO MA

Nas famílias de origem do grupo MA, o suporte material foi sempre, incontestavelmente do pai que, em geral, trabalhava muito e, por razões profissionais se ausentava, às vezes, por longos períodos. Em uma dessas ausências, um entrevistado (MA3), filho mais novo de uma prole de seis, refere-se ao irmão mais velho que teria suprido a falta do pai quando este viajou por um ano, ao passar a fazer pequenos serviços e trazer algum dinheiro para casa. Isso é interessante, principalmente porque foi resposta à pergunta: "sentiu falta de seu pai, quando ele teve de ausentar-se?"

Em outro caso (MA4) quando o pai de origem morre, deixando o filho único com 17 anos, um tio paterno assume parcialmente os encargos no financiamento dos estudos, dificuldade objetiva surgida em consequência da perda do pai.

Em MAI, o pai de origem é considerado um boêmio, homem misterioso que não teria "dado o máximo" em seu empenho profissional, (moravam com os pais da mãe) e comenta, em relação ao trabalho profissional de sua mãe: "você pode achar machista, mas mamãe não foi mais pela falta que papai fez a ela"* . Em função dessa situação, a crescenta:

"Meu maior desejo era crescer... profissão foi coisa forte em minha vida; me encontrei e sou absolutamente realizado no que faço... meu pai foi bom para mim como um anti-pai . Fui encontrar em meu sogro. Quero ser como ele quando tiver a idade dele (sogro sempre deu muito apoio financeiro, inclusive o apartamento, quando casaram)".

Aqui, o pai como mau provedor é um anti-pai e o sogro torna-se "adotado como pai", como figura modelo a ser repetida em sua vivência familiar idealizada.

A caracterização de um pai alternativo como provedor quando o pai falta nesse lugar (falta porque tem que se ausentar por um ano, ou porque morre ou não corresponde à idealização de sucesso profissional), reforça o papel de pai como provedor, principalmente porque esse papel nunca é dividido, na sua presença** .

* No entanto, mais tarde comenta que seu pai lhe deu um carro quando entrou para a faculdade.

**Em contraposição, há uma descrição recorrente de figuras femininas repartindo o papel de mãe, nos cuidados e na afeição, que caracteriza o papel tradicional feminino: entre os homens, duas avós, duas tias e uma babá (nos casos da tia e babá, falaram literalmente "ela parecia a minha mãe"). Entre as mulheres, uma tia, uma avó, uma babá e uma irmã mais velha, .

Também no lugar de provedores, os outros pais referem-se , espontaneamente, a seus próprios pais de forma semelhante:

Em MA2:

"Não me lembro muito de meu pai quando pequeno. Bom profissional, péssimo negociante; nunca foi figura de destaque, sempre ficou numa média. Se dedicava de corpo e alma".

Em MA6:

"Ele (seu pai) sofreu o pão que o diabo amassou, período de adolescência trabalhando (ficou órfão aos 12 anos), sempre sob pressão, sempre ameaçado. Ele acabava sustentando a casa toda e a família dele; e as primas solteiras da minha mãe".

Em MA7:

"ele veio para o Brasil em 64 porque estava de saco cheio, muito preocupado com o lance de estar bem. Sempre preocupação com grana, lance material muito importante, não de curtir. Tiveram filhos muito jovens, preocupados em vencer na vida... disse à ele uma vez: sempre que pergunto sobre carinho você fala de segurança, dinheiro".

Para os pais atuais no grupo MA, o trabalho também é o elemento essencial em suas vidas.

Como observa SALEM, em "O VELHO E O NOVO"(1977), pesquisando famílias que também classifica como "emergentes" socialmente: "O trabalho faz parte integrante de suas personalidades (referindo-se aos pais que entrevistou) e, exatamente por isso, (o trabalho) se confunde com a própria vida". (pág. 52)

O próprio fato de eu precisar interferir em quatro entrevistas com pais em MA, para trazer o fio condutor do relato para a história familiar propriamente dita, demonstra que a história de suas vidas é profundamente estruturada em torno da atividade profis

sional e do empenho necessário que o trabalho fora de casa (no domínio público), em sua opinião, exige.

Em MA1 o trabalho fica evidenciado no seguinte trecho:

"O trabalho é muito intenso. Me preocupo que ela passe para as crianças que eu estou fora, trabalhando para eles".

Em MA2:

"...trabalho mais e mais após o segundo filho. Depois de 10 ou 15 anos consigo arrumar a minha vida. Necessidade de fazer patrimônio. Ela (a mulher) reclama que eu estou casado com a empresa. Vida desgastante, o que quero é a companhia das minhas filhas".

Em MA5:

"...Se se realizar profissionalmente, você tem interesse em sua vida em geral, sei lá, de se realizar também. Se se relaciona bem com mãe e filhos e se realiza profissionalmente, você se realiza como pessoa... você passa a maior parte de sua vida no trabalho. Vida profissional é fundamental. Tendência é o resto (vida familiar inclusive) estar bem".

Um pai de 35 anos, com um bebê de cinco meses em MA7, fala das alterações em sua vida, após o nascimento:

"Mudou toda a minha vida, interfere em meu trabalho... eu sempre estive apaixonado pelo meu trabalho. Fico dividido Mas também sou muito presente. Coisa de pai que traz a grana, minha função aqui não é essa. Muitos que... sou pessoa que sustenta e pronto. Não interessa, se chorar passa adiante. Isso acontece em muitos casos, né. Porque sustentam, tem o direito de ter a criança limpinha, caladinha senão passa para a babá. Eu quero saber, dia-a-dia, comida, o que ele come, controlo. Tudo que sou apaixonado me atrai, e eu tô".

Mais adiante, comenta:

"Gostaria de ser dona-de-casa, alguém me sustentando, é o meu sonho. Maior sonho, parar de trabalhar, fazer só as minhas coisas".

Assim, para os pais atuais do grupo MA, "o trabalho é intenso", "a vida é desgastante...pela necessidade de fazer patrimô -

nio". No entanto, é essa realização que dá a oportunidade de vida satisfatória em família, apesar de representar um precipitador de ambivalências: "o que quero é a companhia das minhas filhas", ou não reduzir a sua participação no nível apenas de provedor e poder viver o que um pai chama de "estar apaixonado, um sentimento que nunca tinha sentido antes", em relação ao seu bebê.

SALEM, em seu estudo publicado há treze anos, escreve sobre famílias ascendentes, nas quais os pais trabalham com sacrifício para que os filhos, adolescentes à época das entrevistas, pudessem estudar até o nível universitário, coisa que eles, por sua vez, não tiveram.

Os pais de 1977 descrito por SALEM, expressam valores que se assemelham mais aos dos pais do grupo P, neste estudo, do que aqueles do grupo MA, que já haviam recebido eles mesmos uma educação em família ascendente, configurada no sucesso profissional que desfrutam hoje, mas que, por sua vez, interfere num desejo expresso de maior contato pessoal e afetivo com os filhos. Em MA6, mais uma vez, um pai afirma: "não passo mais tempo com eles (os filhos) porque não tenho"(tempo).

Esses fatos parecem demonstrar que o processo de mudanças ao longo do tempo é realmente muito rápido (o grupo de SALEM pode ser considerado intermediário* entre MA e P), além de demonstrar que, muito provavelmente, pelo fato da proximidade geográfica em que vivem estes grupos, os valores se tornam importantes "de cima para baixo"* ao longo do tempo: 1º) pais de origem no grupo MA, de faixa social média-alta; 2º) pais de 13 anos atrás em camadas médias e 3º) pais de P, faixa popular dos pais atuais, que trabalham e "se sacri

* Em termos socio-econômicos.

ficam" pelo futuro dos filhos.

Para os pais atuais no grupo MA, seu papel de provedor é algo que lhes traz satisfação pessoal em primeiro lugar, mas também os enaltece na família. O sacrifício, nestes casos, se configura na falta de tempo para dedicarem a seus filhos, no aspecto de seu papel social público na relação com sua família, em detrimento do aspecto relacional, íntimo e doméstico, ou seja, privado.

Esse aspecto não é explicitado no grupo P, lembrando, no entanto, que todos os pais trabalham próximos às suas residências, na Zona Sul, situação diversa da grande maioria da população pobre do Rio que viaja por horas seguidas diariamente para chegar ao trabalho, o que deixa estes pais ^{em} uma situação de relativa vantagem. Apenas um pai em P lamenta a excessiva carga de trabalho que o afasta da filha, já que tem folga de um dia por semana e apenas um domingo no mês, como faxineiro em um prédio.

Conforme BERGER & LUCKMAN, "a particularização na vida individual da dialética geral da sociedade", coloca o pai acima de tudo como provedor e cria um conflito com o desejo de companhia dos filhos, expresso por pais em MA* e do aspecto relacional próximo e íntimo.

Até mesmo o pai em MA5, que afirma "vida profissional é fundamental, tendência é o resto (vida familiar inclusive) estar bem", declara que abriu mão de vida social para poder estar com seus filhos mais tempo.

*Talvez facilitado por falarem a mim, que se apresenta a eles como mulher e psicóloga.

Assim, mesmo caracterizados acima de tudo como "provedores" em suas famílias e suas mulheres estruturarem suas vidas em torno da família (mesmo aquelas que trabalham tempo integral, com queixas semelhantes de pouco tempo para dedicarem aos filhos), há um desejo, por parte destes pais, de maior interação com os seus filhos que, veremos adiante, se caracteriza como mudança em relação à família de origem.

Em P, contrariamente, há divisão cooperativa maior entre homem e mulher tanto no aspecto de provedores, como no trabalho doméstico, ou ainda, um reconhecimento maior pelo trabalho tradicionalmente feminino: em P7, em duas vezes quando comento que sua mulher não trabalha o pai afirma "trabalha sim, dentro de casa".

Com exceção do pai em P1, que lamenta o pouco tempo com a filha por causa do trabalho, a maioria dos pais em P tem ocupação que permite convivência com os filhos (como no caso dos porteiros, que moram no local de trabalho) e interagem principalmente com os filhos homens.

6.3.2. O DESEJO DE UM FILHO

Foi particularmente significativo, para mim, encontrar um número expressivo, nos dois grupos, de pais que desejaram ter filhos, às vezes desde a adolescência, ou mesmo "sempre", como explicitado por alguns pais e, mais ainda, em oposição ao desejo de suas mulheres.

Quando PARCEVAL comenta as imagens estereotipadas de pais em livros sobre Puericultura, descritos, entre outras coisas, como não desejando, visceralmente, filhos (como se o desejo de filhos partisse, necessariamente de um "impulso visceral", talvez até "uterino") tais dados vêm definitivamente questionar essa pressuposição e evidenciar, principalmente em comparação com as afirmações de suas mulheres, que o desejo do filho não passa pelo "desejo visceral", porém, por um desejo daquilo que o filho vai representar na vida dessas pessoas, em termos de compensações, ou até mesmo de limitações.

GRUPO MA

No casal MA1, por exemplo, segundo palavras do pai: "os filhos foram inteiramente programados, hora certa para desenvolver a base da família... Ter família é coisa natural, os filhos vem por pressão social". Na verdade, a hora certa para desenvolver a base da família, pensada em termos de sua carreira profissional, não era a "hora certa" para sua mulher, que descreve, à época, um desejo de ter esperado mais, "para poder sair", "ter suas atividades", "sentir-se mais livre".

Quando perguntei a este pai "por que ter filhos", a resposta foi "ter família é coisa natural", evocando claramente uma noção de naturalidade para o homem ter família, contrariando a idéia de DURHAM sobre a família "natural" composta de mãe e filhos. Mas, acrescenta "os filhos vêm por pressão social", evocando a idéia de um social fazendo parte da natureza do humano, como WILSON, MORIN. e, até certo ponto, BERGER & LUCKMAN defendem.

Em MA3, o desejo pelo filho evoca uma sensação de proximidade, de calor, de ver o mundo de uma maneira especial, certamente "infantil", já vivido na própria infância. Pergunto sobre a decisão em ter filhos:

"eu queria ter filhos, não era decisão, queria muito. Eu tinha sentido quando criança o calor de ser criança, é interessante ser criança e ter criança, uma coisa muito unida, você vive de novo, através da criança, vê o mundo com aqueles olhos, tem uma ligação".

Ter filhos não era "decisão". O querer aqui assemelha-se a uma inevitabilidade que não depende de decisão, mas sim do desejo. Um desejo de viver de novo a própria infância, a manutenção de uma capacidade infantil para amar no homem adulto, que se instala durante o período da própria infância, como explica MORIN, e também BERGER & LUCKMAN, se considerarmos que o nosso envolvimento com outros significativos na infância são parte de uma determinação da construção da realidade do indivíduo. No entanto, a descrição de sua mulher sobre o fato dá aprofundamento, uma perspectiva muito significativa do envolvimento emocional desse pai no desejo por um filho:

"...Ele querendo de qualquer jeito e eu querendo adiar, me achava muito nova, muito criança para ter filho... aí (ele) falava, falava, queria, não sei o que. Aí resolvi en-

gravidar para fazer uma surpresa. No dia que mostrei o papel que estava grávida, foi justamente o dia que deu a maior briga. 'Não é possível, quero ter filho, não sei o que. Aí eu disse, então, olha aqui', queria ter feito bonitinho, colocar em uma caixinha, em vez de jogar o papel. Aí ele chorou, ficou todo emocionado".

Para o pai em MA5, o desejo de um filho, também explicado a partir de sua vivência na infância, expressa-se, no entanto, pela solidão sentida em uma família que chamou de "capenga", já que o pai viajava muito e era filho único: "queria ter filhos. Não gostava de ser filho único. Eu queria, sempre fantasiei mais de um filho, três, quatro, cinco, vários". A falta da presença masculina próxima e íntima na infância, segundo MORIN, é evidenciada em todo o relato deste pai, na falta que sentiu da presença do pai, homem distante, reservado, com quem teve pouca convivência. Declara "até hoje eu sinto que me falta uma figura paterna, no sentido de ter alguém para conversar, falar sinceramente as coisas, desinteressadamente, que pudesse abrir meu coração". A sensação de falta da figura paterna persiste até a idade adulta, uma falta que continua a ser sentida, no entanto, acrescenta: "agora, em vez de olhar para cima, tenho que começar a olhar para baixo, né, os pequeninhos..." (referindo-se a seus próprios filhos).

O desejo por uma prole numerosa para este pai, venceu inclusive uma resistência introduzida pelo obstetra de sua mulher, que por problemas de saúde, aconselhou a não ter mais de dois filhos (tiveram quatro). Em uma das gravidezes, a mulher teve de submeter-se a repouso absoluto para não correr maiores riscos de saúde.

No resumo dos casos apresentados por PARCEVAL, são identificados o que a autora denomina de "fantasmas dos casos expostos";

entre os quais aponta "paternidade e repetição", que se assemelha ao caso do pai em MA3 e da "paternidade e reparação", que parece ocorrer em MA5.

Em MA4, novamente se repete a situação do pai influenciando a decisão da mulher, e de uma expressão de naturalidade em ter filhos, já que complementam a relação conjugal:

"X(mulher) não queria filhos, eu sempre quis". (perg., rapaz pensa em filhos?) "pensa, eu se não tivesse filho ... não é que não gostaria de minha mulher... mas alguma coisa ia faltar, ia... Acho que a gente deve ter filhos. Sempre pensei, casando, ter filhos, pensei até em ter mais. De pois, dois, chega. E ela não queria... eu disse vamos ter o terceiro... ela não tem muita paciência com criança, então para que ter um terceiro?"

Este pai afirma que rapaz pensa em filhos, e acha que "a gente deve ter filhos". Ter filhos assim, faz parte de uma determinação, uma naturalidade, uma coisa sobre a qual é até difícil se expressar, como se fosse um fato óbvio, sem maiores problematizações, como eu, no diálogo, acabo fazendo, quando pergunto: quando é que você se sentiu pai? Hora que nenê nasceu, na gravidez? (ele parece não entender, não tem o que dizer). Faço sugestão: a responsabilidade?... continua a me olhar sem encontrar o que responder... continuo, quando se sentiu confortável, "sou pai?", então responde:

"Ah, sempre com muita naturalidade, desde que nasceu... antes de nascer... naturalidade de ser pai... porque sempre quis ter filhos e segundo aquele negócio... ah!, vai ter filho... faz aquela coisa... parece que é um em um milhão que tem filho... encarei a coisa natural, normal ter filho... e gostei. Não tive qualquer problema... continuei tendo o mesmo tipo de relação com minha mulher".

Fica aqui, explicitado que os filhos compõem uma relação de amor estabelecido com sua mulher, e os filhos vêm com muita na-

turalidade, na hora certa (dois anos depois do casamento, para poderem aproveitar um pouco, saírem), fazendo parte do desenvolvimento de uma relação que é conjugal, em primeiro lugar, e depois familiar, como complementa no seguinte trecho:

"Nunca botei filho na frente... minha mulher em primeiro lugar... são coisas diferentes, mas tem gente que deixa a mulher de lado e só o filho, eu não... muita naturalidade".

Acrescenta como exemplo, o caso de uma pessoa próxima:

"Ele não queria filho, ela forçou um pouco a barra... o marido mudou completamente depois do filho... se distanciou da mulher e o casamento foi para o vinagre... muitas vezes o homem inconscientemente fica com ciúme da mulher por causa do filho".

Evidentemente, este pai também observou, em seu contato com a realidade, a interpretação psicanalítica do couvade, citada por PARCEVAL, sobre a existência de impulsos agressivos de competição de pai com o filho.

Ainda no grupo MA, em MA6, o próprio desejo de filhos e uma família é encarado como uma anormalidade ("paranóia"), como algo que não pertence ao senso comum. Da mesma forma, eu me surpreendi com o número expressivo de entrevistados que afirmavam desejar filhos, contrariando o estereótipo citado por PARCEVAL:

"... acho que eu sempre tive uma paranóia de família, de querer construir alguma coisa por aí, porque não é normal para uma criança de 13 anos estar ao lado da namoradinha pensando em casamento... eu sempre fui de querer construir algo a partir da formação familiar. Então conheci X (mulher)". (Ainda sobre o desejo de filhos, acrescenta:) "os filhos foram programadinhos, queria filhos porque eu acho que... veja bem, eu costumo dizer que ter filho é brincar de ser Deus. Você concebe uma pessoa. É a maior irresponsabilidade... (pergunto irresponsabilidade?). É, é como

eu digo, brincar de ser DEUS. Vou ser Deus, aí faz um filho, é exatamente o ato de criar um ser humano, pelo qual, você vai ter eternamente uma ligação, que, eu acho, transcende a qualquer sentimento. É um negócio tão violento, tão forte... você cria uma cabeça e um corpo e eu acho que você tem a responsabilidade de procurar fazer o melhor por aquela cabeça e aquele corpo... É uma responsabilidade de criador".

Nesta fala, muitos elementos se interpenetram: a estranheza com seu próprio desejo de ter uma família, podemos inferir, pelo esteriótipo do rapaz apenas interessado em viver sua sexualidade descomprometidamente - "não é normal menino de 13 anos estar ao lado da namorada pensando em casamento" - esteriótipo francamente imputado às mulheres jovens, que ficam "esperando o casamento". Em seguida, aparece novamente o fato dos filhos serem "programadinhos", na hora certa, com controle do momento certo, e com a mulher certa "aí encontrei X", recorrente neste grupo e em alguns casos do grupo P, que veremos a seguir. Justifica que queria filhos porque... "como costume dizer, ter filho é brincar de ser Deus, é o ato de criar um ser humano". Criar um ser humano através de seu corpo também, na medida que se sente Deus ao fazer um filho - "criar uma cabeça e um corpo" - da mesma forma que postulavam as várias teorias de concepção e gravidez de outras culturas, descritos em REPRESENTAÇÕES DA PATERNIDADE. Mais ainda, como explicitado por PICHON RIVIÈRE - quando dá uma interpretação antropológica aos rituais do couvade - que sugere serem as ações do pai voltadas à criação da existência espiritual da criança... "até que corpo e alma se fundam para formarem um indivíduo autônomo". O pai em questão fala na criação de um corpo e uma cabeça, do desenvolvimento de uma personalidade humana pela qual o pai também é responsável, um ser humano com

o qual vai ter eternamente "uma ligação que transcende a qualquer sentimento, um negócio tão violento, tão forte". Como MORIN já havia explicitado, é um vínculo que passa a existir para o resto da vida: o pai continua sendo pai, ao longo da vida.

Ainda em relação à concepção de pai brincando de ser Deus; em MA3, ao responder sobre a fantasia de uma filha mulher (tem dois meninos) o pai afirma:

..."Eu queria, por um bom período. Mas aí, foram se passando os anos, foram-se passando as oportunidades, e decidi-se... ou melhor preferi não ter mais filhos... trouxemos ao mundo duas crianças saudáveis, mas não quero trazer mais gente não. Trazer uma pessoa ao mundo para ter conflitos... passei a desenvolver um certo desgosto pelo andar das coisas do mundo... poluição, isso, aquilo, parecia uma injustiça, mais um egoísmo, para ter um brinquedo dentro de casa. Mas sei lá o futuro que ela vai enfrentar".

Temos novamente a idéia de "trazer pessoas ao mundo", como um poder, explicitado em MA6, como também a idéia do filho como um "brinquedo", como em "brincar de ser Deus". Da mesma forma que o pai em MA2 se refere a uma "injustiça, mais um egoísmo", o pai em MA6 refere-se a uma "irresponsabilidade". O desejo pelo filho vem de um aspecto narcísico, como um "egoísmo", um brinquedo que oferece a possibilidade de exercer um poder divino de criação, para prazer próprio. Novamente, no índice dos "fantasmas dos pais", em PARCEVAL, aparece "Paternidade e narcisismo (resseguro narcísico por meio da concepção)".

Além disso, estes dois pais contrariam a concepção de que o "filho é da mãe", que a sua formação (ou criação) seja uma categoria primordialmente feminina. Estes pais não evocam intermediários na relação que têm com seus filhos, não existe triangulação da relações: "É uma ligação que transcende a qualquer sentimento", "vio -

lento", "forte", um desejo despertado em suas vidas, que não passa por quaisquer figuras femininas, ao contrário, foi uma vivência conseguida, apesar das resistências femininas.

No caso do pai em MA4: "sempre quis ter filhos, sem os filhos alguma coisa ia faltar na relação com a mulher"; no entanto , sua mulher vem em primeiro lugar, não concorda com "gente que deixa a mulher de lado e só o filho importa". Sua interpretação da paternidade configura-se em uma triangulação perfeita, onde mulher e filhos se complementam, para, com ele, por sua vez, configurarem a família que sempre fez parte de sua forma de direcionar a própria vida, como a situação idealizada na idade adulta.

O aspecto da figura feminina intermediando, ou complemen - tando o desejo de um filho, aparece também nas situações em que alguns desses pais, em outras circunstâncias e com outras mulheres, tiveram oportunidade de ter filhos. No entanto, a gravidez foi inter - rompida para alívio desses homens: "seria terrível para mim", afirma um deles. "Nenhum de nós queria filho naquele momento de vida", afirma outro.

Em MA2, há uma variação no tema de triangulação: o namoro do casal é conturbado, há diferenças de personalidade que se chocam. Entre separações e reconciliações, casam , para três meses depois separarem-se. Nesse momento, ela engravida. Ele então acrescenta:

"Eu não tinha condição, não me sentia preparado... ela (mulher) era o pivô da minha existência, nada mais tinha importância... um filho me deixaria ligado à ela... Era uma forma de mantê-la comigo e estabilizar nossa relação".

Apesar de não sentir-se preparado, este pai compromete-se a cuidar do neném enquanto sua mulher estivesse trabalhando... "fico

à noite em casa com ela (filha) começo a me apaixonar por ela. Punha ela deitada no meu braço, música alta, e eu só brincava; ela adorava; passou a ser o grande amor da minha vida".

O intenso sentimento que tinha pela sua mulher permite que este pai aceite sua filha, cuida dela e, ao fazê-lo, interage de forma a sentir e dar prazer o que vai levar à uma nova relação de amor: a filha passa a ser o grande amor de sua vida.

Em relação aos filhos estabilizando a relação, o pai em MA4, é cético. Em resposta à pergunta -filho amadurece a relação, responde:

"...eu não acredito nisso, acho que filho não salva nem termina casamento. Pode precipitar alguma coisa... filho com pessoa que se gosta não deteriora a relação... nem vai deixar de deteriorar se o negócio não estava bom..."

E, finalmente, o pai em MA7, que ainda não havia sido trazido para a discussão sobre o desejo de um filho, é o único deles todos que concordou em ter um filho por desejo de sua mulher, que tinha, à época, 30 anos e "estava ficando tarde". É um pai que declara gostar de "vida portátil", não gosta de ter criança, "detesta famílias com crianças". Expressa, portanto, claramente um desejo de não ter crianças. No entanto, mesmo assim, expressa também agora, que o filho está com cinco meses, uma paixão muito grande, "diferente, tipo de paixão que nunca senti antes".

Não é possível deixar de nos indagar sobre os elementos que compõem essa paixão, essa ligação, "forte", "violenta", "de prazer" com componentes egoísticos mas que também é representado como complementação de uma relação amorosa conjugal. Ainda, por que foi tão pouco elaborado pelas ciências humanas, como expressão de emoção e

sentimento humanos? Não é possível, ainda, ponderar que se trata a penas de uma situação histórico-cultural particular: já no Velho Testamento temos a história de Abraão, a quem Deus pede uma prova de amor, e exige que ele mate seu amado filho Isaque que, por sua vez, Deus lhe havia concedido, após repetidos pedidos, aos 100 anos de idade (GÊNESIS, CAP. 22, VELHO TESTAMENTO).

GRUPO P

No grupo P, o desejo de um filho, é literalmente explicitado em três casos, de forma semelhante àquela vista no grupo MA, embora de maneira bem mais direta, menos elaborada.

Em P6 o pai responde se quando jovem, pensava em filhos : "pensava. Acho que todo rapaz quando pensa em casar, pensa em ter filho, ter uma família". Quando pensa em casar, em oposição a quem não pensa em casar e não quer filhos. O casar é diretamente vinculado ao ter filhos, ou seja, é feita a triangulação com a mulher . Quando comento que sua família foi muito unida em sua infância, constatando com ele a reedição da experiência prazerosa de presenças próximas e íntimas de outros significativos, responde de pronto: "é até hoje. Se eu fosse pessoa que tivesse condições, teria mais filhos. Eu gosto de criança, mas a vida que a gente vive, não dá" ; sua mulher não queria filhos por medo, já que havia vivenciado vários partos de sua mãe e irmãs .

Vale lembrar que, em MA2, o pai diz "é gostoso ser criança e ter criança, uma coisa muito unida", justificando, da mesma maneira, que na sua infância, sua família era unida e assim reedita , na experiência de ter um filho, as mesmas emoções.

Em P7, o pai não conheceu o seu pai de origem; perguntei -
 lhe se pensava em casar:

"Ah, pensava, pensava que ia casar, constituir família .
 (pensava em filhos?) pensava, claro que sim, (não é só mu-
 lher que pensa em filho?) não, não é só mulher que pensa ,
 a gente pensa... O primeiro, pensei, quando casei, em ter
 uma garota e veio uma garota, depois da garota vinha o ga-
 roto, e veio, aí nós resolvemos para prá dar uma boa coisa
 a eles, né. Porque eu não tive..."

Novamente como no caso MA5, uma forma de reparar aquilo
 que não teve em sua infância, como a presença paterna e uma "boa
 coisa a eles, porque eu não tive". Novamente uma paternidade-repa-
 ração, segundo PARCEVAL, na oportunidade de resgatar, ainda que no
 papel complementar de pai (não mais de filho) a experiência próxima
 e íntima da relação pai-filho. Sua mulher esclarece ainda que ele
 chorou a noite toda após o nascimento dos filhos.

Em P4, outros elementos encontrados em MA surgem. Pergun-
 to se pensava em ter filhos: "eu sempre pensei, sempre foi meta na
 minha vida". Pergunto como tinha sido o primeiro filho, se tinham
 decidido ter:

"Não, veio natural, normal. Ela, como trabalhava fora, nós
 tínhamos um poquinho de medo de vir logo um filho, porque
 atrapalhava um pouco o início da vida, né. Mas como veio,
 a gente sempre dá um jeito... e por conseguinte, no ano se-
 guinte, teve o segundo e outra veio quatro anos depois e a
 mais nova sim, a quarta não estava programada; mas apare-
 ceu, tudo bem".

Assim, aqui, em contraste com o que aparece no grupo MA ,
 não há o elemento programado, dos filhos na hora certa. Além das
 maiores dificuldades que os homens do grupo P têm em manter suas fa-
 mílias, como provedores principais, há ainda o agravante que nem

*Este pai cresceu em uma comunidade de pescadores com quem convivia-
 "aprendi a andar de barco pequenininho". Havia um vizinho sobre o
 qual comenta: "a gente vivia na casa dele. Ele parecia o meu pai".

sempre o filho pode ser devidamente planejado, chegar na hora certa. Em quatro casos de pais no grupo P, seus filhos nasceram sem que houvesse "intenção" desses pais, ou seja, não foram planejados por eles, como explicitado no caso do pai em P3:

"Quando fomos morar juntos, ela já estava quase em tempo de ganhar a menina, que a gente tava fraco de situação ... arrumei um quartinho, um ano pagando aluguel, foi muito difícil, né, mas aí encarei e tamo aí".

Um outro elemento, o "assumir" o filho, foi trazido por pergunta minha, a que respondeu:

"(...) passou pela cabeça não assumir, mas aí eu tinha pena de deixar ela, porque sei que ela é pessoa sofredora também, que vive direito. Porque a gente quando é novo, tem pena de deixar a vaidade, mas também a gente que tem consciência, aí eu cheguei e assumi, livre, satisfeito".

Assumir o filho, neste caso, passa pelo sentimento de "pena", porque ela (mulher) é pessoa sofredora também, o sentimento é de identificação com o sofrimento da mulher, na vida sacrificada, que caracteriza o relato dos casais do grupo P, e do sofrimento que seria deixá-la só, com um filho. Este pai troca sua "vaidade juvenil" pela responsabilidade de lutar pela família, por uma questão de consciência. E assume livre, satisfeito. O sacrifício extra representado pela mulher com prole imatura, é reconhecido por este pai, (que "assume") da mesma forma que BOLTANI E DURHAM apontam.

Este pai "assume seu filho" principalmente por seu sentimento pela mulher, novamente introduzindo o elemento de triangulação, ou seja, passando pelo elemento feminino. Da mesma maneira, o pai, em P1, explicita a mesma idéia, quando lhe pergunto quem resolveu que teriam filhos: "ela (a mulher) é que queria". Pergunto se

ele não queria, ao que responde: "ah, isso era com ela, ela quis" . Insisto, perguntando se, então, tinha aceitado: "Não tinha nada a dizer não... Mas eu..." Aí para, e complementa: "você vai perguntando aí..." Mas já, antes disso, havia contado espontaneamente, enquanto falava de sua relação com sua mulher: "era prá tê três filhos". Pergunto "você?" ao que ele responde, "ela", referindo-se a sua mulher. Não é ele que tem filhos, é sua mulher, da mesma forma que o desejo e a decisão também foram dela, e ele "não tinha nada a dizer não". No entanto, comenta que perderam duas meninas (a primeira e a terceira), "só ficou essa aí. Gosto muito dela, é a razão da minha vida". Mais adiante, a uma estimulação minha quando falava de voltar para a Paraíba, e digo: "mas e aí, como foi?" responde "perdemo a menina. Não sei, febre, levamo pro hospital...dia seguinte, morreu. Sofri muito". O pai que não decidiu, que teve filhos "através do desejo da mulher", mesmo assim considera sua filha a razão de sua vida, espontaneamente diz que gosta muito dela e que sofreu muito, expressando, em sua voz, muita tristeza na perda de sua primeira menina.

Ao final, pergunto a este pai (que falou muito pouco ao longo da entrevista) se queria menino ou menina quando nasceu sua filha: " Se fosse menino teria todo gosto. (Por que?) Acho que todo pai gostaria que o primeiro filho fosse menino. Gosto muito dela também. Nasceu a primeira filha minha".

Da mesma forma que, para alguns pais em MA, o filho vem pela mulher (quer seja para mantê-la consigo e estabilizar a relação ou simplesmente para satisfazê-la em seu desejo), no convívio, a filha, em um caso, "torna-se a razão da minha vida"; no outro, "é o

grande amor da minha vida, nasceu a primeira filha minha".

Nestes casos de triangulação, o sentimento paterno é construído, num primeiro momento, na relação erótico-amorosa do casal e se torna, "metamorfoseando-se" de acordo com MORIN, em um amor paterno com dimensão de importância da ordem de suas próprias vidas.

No entanto, para que esse amor se desenvolva, é necessário que haja uma predisposição no indivíduo, construída em um meio onde esse sentimento já tenha sido estabelecido e possa generalizar-se. Pergunto ao pai em P1 se gosta de criança:

"Gosto muito. Criança é a coisa que eu mais gosto na vida. O que eu posso fazer por uma criança, assim, eu faço. Criança e velho, o que puder fazer. Tenho pena... tanto sofrimento. Tenho paciência, não sou de ficar gritando. Gosto muito". *

A naturalidade no fato de lhe nascer um filho, descrito em MA4, é expressa, de forma muito semelhante, pelo pai em P2. Este, quando pergunto quem havia resolvido ter o filho, responde:

"Não, não tinha essa de êhêhêhêhê! vai nascê o filho da vaca... nasce assim normalmente e tá tudo certo".

Da mesma forma, este pai do grupo P, expressa uma não problematização do fato de ter um filho; como em MA4, ele nasce normalmente e "tá tudo certo".

*Em relação ao pai em MA7, que "detesta famílias com crianças", concordou em ter seu filho por desejo expresso por sua mulher, e hoje está apaixonado pelo bebê (troca, alimenta, passeia de carrinho), vale lembrar que se queixou do pai de origem ser apenas provedor e nunca demonstrar carinho, ou seja, podemos pensar em mais um caso de reparação.

Poderíamos resumir os resultados deste capítulo, colocando, em primeiro lugar, que mais da metade (9) dos 14 homens ouvidos desejavam filhos, em grande parte como um projeto de vida, algo que faz parte da natureza de suas vidas e, em apenas um caso, atribuído a uma pressão social, como na Antropologia clássica ; também, em grande parte dos casos, o desejo está em oposição ao desejo expresso por suas mulheres, contrariando a concepção do desejo feminino "visceral" por filhos, como teorizada na Psicanálise.

O desejo de filhos é também expresso por pais dos dois grupos como oportunidade de repetição do "prazer de ser criança", na possibilidade de reedição de vínculos com outros significativos ou ainda, como quer MORIN, por uma capacidade "infantil" para amar no homem adulto. Ainda, quando esses vínculos não existiram, ou foram insatisfatórios emocionalmente, os filhos oferecem a oportunidade de reparar a falta, "prá eles ter o que não tive", para poder dar o que não teve como filho, agora, no papel de pai.

A relação com o filho é expressa tanto como direta, como também como relação que complementa a relação de amor conjugal, que remete à concepção de MORIN e FREUD sobre a origem libidinal do amor paterno.

Ainda, em MA, dois pais expressam que ter filhos é associado à idéia de um grande poder, "brincar de ser Deus", como em MA6, remetendo a aspectos narcísicos da paternidade como também identificado por PARCEVAL. Existe ainda, em MA, uma constante de controle sobre o "tempo certo" e a "companheira certa", para ter filhos, que não ocorre em P de forma explícita. Em P, os filhos vêm, apesar do receio da dificuldade financeira e, como expresso pelo pai em P3, às custas de sua "vaidade juvenil", portanto com o preço de perdas narcísicas e, mesmo assim, identificado com o sofrimento de sua mulher, assume "livre, satisfeito".

6.3.3. AUTORIDADE, RESPEITO E EDUCAÇÃO-A LEI SOCIAL

A dimensão da autoridade paterna é recorrentemente marcada na concepção ocidental de família. Nela, o pai representa a autoridade máxima. No entanto, nos dois grupos, há uma clara configuração de autoridade paterna dos pais de origem que é aceita quando expressa (ou exercida) através do silêncio, do olhar, da distância, e, também, quando protege os filhos dos castigos da mãe, ou seja, com uma autoridade "benfazeja e protetora", que é oposta ao castigo corporal, mais empregado pelas mães do que pelos pais, em casos dos dois grupos. No caso dos pais atuais, no entanto, os elementos comuns são o respeito pelos filhos e as dificuldades de se impor autoridade ou educar, para uma vida futura no meio social mais amplo. No entanto, o meio social mais amplo, (a cidade do Rio de Janeiro) é visto como problemático nesse sentido, na medida em que, para os pais do grupo MA é difícil lidar com aqueles "que querem levar vantagem em tudo, ou com a noção de que "sujeito vale pelo que tem no bolso". No grupo P, apesar de existir, para os pais, um elemento de sorte que escapa ao seu controle no futuro dos filhos, acreditam que através do exemplo que dão (não ficar em porta de bar bebendo, etc.) ensinam seus filhos a não se tornarem bandidos, apesar do lugar (meio social) tão ruim (a favela). As principais diferenças, assim, ocorrem entre pais de origem e pais atuais, e não entre classes.

6.3.3.a. OS PAIS DE ORIGEM - A CONCEPÇÃO DE AUTORIDADE NA RAZÃO INVERSA DO CASTIGO CORPORAL

Em P, os pais de origem (cinco pais atuais em P conviveram com o pai biológico) são descritos de forma muito semelhante, ou seja, nenhum deles batia, em oposição aos "outros" pais da época que castigavam seus filhos com violência. Em P2... "papai nunca foi de bater nos filho... meu tio mesmo gostava de dar uns chicote nos filho dele, dava umas courada, né". Ou ainda, em P1 ... "do nosso pai eu gosto muito. Sempre muito bom, dele não tenho nada a dizer. Nunca me bateu. Eu via lá (Nordeste) tem filho que é criado apanhando. Nunca levei puxão de cabelo".

Nos outros casos, em P6:

(pergunto: como era seu pai?)... "uma pessoa meio fechada, mas era uma pessoa boa. Não foi de conversar muito. Sempre foi pessoa muito fechada, mas em matéria de tratar... só era sério, não era de brincar com a gente".

O pai em P3:

"... ele era um pouco duro. Não batia, ele não batia não. Mas ele brigava, a gente tinha medo dele, porque a ordem dele era uma ordem severa, apanhava mais era da minha mãe, mas a gente não tinha medo, dizia 'mãe a gente apanha, mas não tem medo não'. Meu pai nunca bateu, mas a gente tinha medo dele, que a gente tinha a ordem dele, e a ordem dele era uma ordem severa, mas não batia não".

O pai em P4, por sua vez, teve um pai que havia rompido com a família de "luxo", abastada, para ser pintor de paredes, teve 19 filhos, e o descreve assim:

"... era teimoso, ruim de conviver, muito sistemático..... dizia um monte de bobagens, agressões, mas daí a 5 minutos ele esquecia aquilo... não era muito de bater não, ele era só duro na educação que dava aos filhos, do tipo antigo".

Em MA, o pai que não bate, em relação à mãe que bate, do pai distante, mas com autoridade (ou "ordem severa") se repetem:

Em MA6"... eu sempre senti muito carinho da parte dele, até no silêncio dele. Nem sempre o pai pode ser aquele pai de papear muito com o filho e não transmitir amor...era um relacionamento só de exemplo... se eu tenho uma formação familiar boa eu devo à educação dele, silenciosa, nunca... nada... não batia e isso minha mãe fazia de sobra. Pelo contrário, ele só chegava pra tirar a gente do castigo, que ela fazia demais".

Em outros dois casos, aparece um elemento comum: o olhar paterno. Em MA4, em resposta à pergunta "como era seu pai?":

"Papai era cara super rígido, muito reservado, caladão nunca brigou, nunca apanhei de pai, mas tinha um olhar, olho azulão, rosto vermelhão do sangue holandês...Papai só entrava quando o negócio ficava sério"(em outro trecho afirma "papai era a última instância) "Quem geralmente falava e brigava era minha mãe e minha tia...acho que a pessoa brigando muito, ou batendo muito, ela se desgasta. Termina 'ah, pode bater'. Palmada, puxão de orelha, era a mãe. Não dava pelota ... nos anos 50, o pessoal baixava a lenha, dava de cinturão. Com a gente não. O pai de um primo da mãe pegava tranca de porta, cinturão, vara".

Outro pai em MA5, quando descreve que seu pai queria que ele seguisse carreira militar, e passou a faltar na escola, escondido, descreve:

"Um dia ele foi ao curso. Quando me contou, ele olhou. Era o temor refencial" (pergunto: fale desse olhar: batia?) "Não tinha medo de ele me bater. Não sei, estranho. Era homem inteligente, exemplo de seriedade, retidão, honestidade. Eu não poderia fazer nada que o contrariasse, eu sei que ele não gostaria, então ser pego numa falta... bastou o olhar para mim, era suficiente para eu parar de fazer o que estivesse fazendo. Foram poucas chances em que aconteceu, devido à convivência pequena".

Estes pais rígidos, reservados, que pouco falavam, "olhavam". Com esse olhar, passava a existir um contato muito direto com esse pai distante, de poucos carinhos, de pouco contato, exem -

plo de seriedade, retidão, honestidade. É uma lembrança forte, que, no olhar, trazia tudo o que estes homens, quando crianças, "sabiam" sobre o que estava "errado", muito provavelmente através da educação vivida cotidianamente com a mãe (ou outras figuras maternas, como a tia). O pai como "última instância" recoloca a questão do pai simbólico, do pai no lugar da lei, da autoridade, proporcionada aqui pelo distanciamento vivido, na relação pai e filho (no entanto, em outros casos a dimensão de carinho é recorrente). O próprio contato físico que existe no ato de bater, na intensidade de um contato corporal, na relação com a mãe (uma relação que envolve também contatos físicos de afeto e proteção), diluem a autoridade: "ah, pode bater... não dava pelota".

O olhar, como o silêncio, educava através do exemplo. Em sua autoridade (ou "última instância") ele também interferia nos castigos da mãe, "que ela fazia demais". Em M4, há a idéia de que ao bater, "a pessoa se desgasta, termina, ah, pode bater". Ou seja, bater não promove ou impõe autoridade. Isso também é demonstrado por um pai, em cada grupo, que sofreu castigos corporais na infância, de seus pais:

Em P5, o pai não conheceu seu pai biológico, teve um padrasto, a quem chamava de pai, a quem descreve assim:

"... meu pai não era ruim assim, aquela mania de ser policial, então não podia errar... e quando ele batia, batia no banheiro, se trancava, batia como tava batendo em preso, abria o chuveiro e aí (faz barulho com os dedos para dar ênfase) batia. Aí nossa mãe tinha que botar água com sal no nosso corpo, aí por isso é que eu não gostei dele e sai de casa com 14 anos".

No outro grupo, em MA2, a distância entre pai e filho é colocada pelo filho, que recusa os carinhos do pai:

"... não consigo me aproximar de meu pai; respeito...é um homem bom, educado, fino, adora os filhos (tem xodó pelo meu irmão); sempre tive muito problema com ele; tem defeito físico na perna, e isso me levou, na infância, a uma certa vergonha, dificuldade de ver os outros perfeitos e o meu pai não era... era muito carinhoso, mas eu recusava to dos os carinhos dele. Até hoje, um beijo no rosto é o máximo que consigo. Não sei porque isso, passar a recusar o carinho do pai porque você não gosta de determinadas atitudes dele. O problema físico, eu não gostava, tinha vergonha... eu ficava angustiado...eu me afasto ainda mais eu renego... o fosso fica mais fundo cada dia... na adolescência já que ele não consegue convencer pelo carinho tenta pela autoridade... apanhei demais, sovas, de tirar a roupa e apanhar de cinta.. em minha fase adulta eu sou eu e mais ninguém interessa".

Assim, o castigo físico, não funciona como técnica eficaz para impor autoridade, nem pelas mães, nem pelos pais.

No entanto, em geral, os pais de origem eram distantes, fechados, não aplicavam castigo (corporal ou outro) que, por sua vez eram práticas mais comumente maternas. A autoridade do pai é silenciosa, no "olhar", na ordem severa. Ela era exercida através do exemplo, não em uma autoridade que se mistura ao autoritarismo, que quando ocorre, é recusada. Ela também é exercida para proteger as crianças das punições maternas, como mais uma vez fica explícito, no seguinte trecho do pai em P2:

"... papai não gostava de bater, nem gostava de chamá...se visse filha dele chamar neto de safado... ou sem vergonha, ele reclamava na hora.. e criança chorando ele não gostava sempre acarinhava, sempre acalentava, era aquele pai que.. na redondeza lá onde a gente morou, em Jará, o pessoal admirava... era conhecido... apesar de ser filho de roceiro, não era roceiro ignorante não de sair espancando filho de le não... que tem por aí".

O pai é amado e respeitado, novamente pelo exemplo, que "o pessoal admirava e por isso era conhecido nas redondezas". A autoridade paterna, fica caracterizada, portanto, como um sentimento ou atitude que precisa ser aceito pelo filho, que, em geral, o faz baseado no exemplo, no carinho (ou na carência dele), no silêncio, na distância, (ou recusado quando esse pai representa uma "ferida narcísica", conforme PARCEVAL) como ficou caracterizado nos dois grupos.

Quando a autoridade do pai de origem é aceita, quando o relacionamento de exemplo é aceito, repete-se na vivência de hoje, com os próprios filhos, principalmente no grupo P. No entanto, em ambos os grupos, existe uma aproximação dos pais com seus filhos, o silêncio e a distância desaparecem.

6.3.3.b. O MEIO COMO INFLUÊNCIA NEGATIVA PARA OS PAIS ATUAIS

A questão da autoridade aparece apenas quando os filhos já tem uma certa idade, acima dos seis anos, no caso destas entrevistas, sendo que antes disso a relação pai-filho é caracterizada principalmente pelo carinho, e cuidados.*

No grupo MA, os pais descreveram nas seguintes passagens o tipo de relação quanto à autoridade que exercem sobre seus filhos:

"Antigamente não tinha esse negócio de psicólogo, análise, as pessoas não tinham complexo... levavam surras desgraçadas e adoravam o pai; hoje, se levantar a mão já cria um problema, complexo de não sei o que, leva dois meses pra se recuperar... isso é frescura... tem hora que tem que ter autoridade... não tem sociedade que não tenha seus li-

*Isso se dá naturalmente em função dos estágios de maturação da criança que, antes disso, não consegue ainda responder de forma adequada a figuras de autoridade, com o que considerariamos respeito (podem, no entanto, ter "medo").

mites... problema é não partir para o exagero... coisa moderna vale, mas não resolve tudo... uns bons cacetes de vez em quando resolvem... na hora certa... terrível é criança apanhar por uma coisa uma hora e depois não, ou vice-versa... ou desautorizar... deixa a criança confusa... tivemos essa preocupação. No início ela achava que eu a desautorizava, mas eu achava um troço tão absurdo (a mulher era muito mais rigorosa do que ele)... ela não discute, exerce autoridade".

Mais uma vez aparece a mãe sendo mais rígida do que o pai, que "achava um troço absurdo" os castigos determinados pela mãe. E acrescenta, "ela não discute, exerce autoridade", ou seja, o pai tenta conversar, convencer, enquanto a mãe determina sem discutir, simplesmente "exerce autoridade".

A necessidade de impor limites é atribuída à sociedade, "deve haver limites", o problema é não partir para o exagero. A dificuldade em dosar esses limites é expressa pelo pai em MA2, culpando novamente a Psicologia, pela promoção de permissividade:

"... tem o lado do pai autoritário, não sei lidar, acabo perdendo. Quero falar e acabo gritando, dou grito que assusta e elas (filhas) tem medo... as formas de repressão continuam. Acho que não consigo educar meus filhos. Mas veja, meu sócio está começando a pensar em bater, menina de 11 anos. Agora é tarde. Acho babaquice o mundo da psicologia, onde a criança quebra a casa. Não deve ser nem 8 nem 80".

Quando este pai diz, com pesar, "as formas de repressão continuam", reconhece a contradição de sua revolta com a educação tradicional que recebeu das surras de cinta, e a repetição de um "pai autoritário", igual ao modelo de seu pai. Dessa forma, aparecem elementos de sua socialização primária que se repetem, contra a sua vontade, ou contra a sua idealização, no momento em que desempenha o papel de pai (como na citação de BERGER & LUCKMAN).

Interessante que o "mundo da psicologia", ou "esse negócio de psicólogo, análise, antigamente as pessoas não tinham complexo" , demonstra claramente um efeito do psicologismo, "aonde a criança quebra a casa, não tem limites". A dificuldade, colocada por esses pais, é descobrir o meio termo "entre 8 e 80", é não partir para o exagero. Impor autoridade, é também colocado como algo desagradável, como em MA3:

"... É muito difícil... às vezes você tem que impor uma autoridade que te é desagradável, gritar, bater. Não dá mais para bater no bumbum deles, com 1.80m, agora é fase de castigo... para sentir a autoridade precisam tanto quanto os limites, saber impor esses limites aos seus iguais com respeito à autoridade... a autoridade policial, governamental etc."

Este pai com filhos grandes, também fala da autoridade na relação com o âmbito do social, da autoridade no sentido público , da mesma forma que em MA4, o pai falou nos limites de toda sociedade, que é regulada pelas leis. Mais ainda, em MA3 é preciso que os filhos sintam a autoridade e os limites, para impor esses limites aos seus iguais com respeito à autoridade do âmbito social.

Outro pai, ainda no grupo MA, coloca a questão da autoridade de como uma coisa que faz "naturalmente":

"... não fico medindo palavras ou atitudes, não acho uma coisa sadia, eles perceberiam se eu fosse muito criterioso. Dou esporro, chingo, berro, eles saem correndo, de vez em quando dou um tapa num, aí peço desculpas depois, "papai estava nervoso". (No entanto, declara um pouco antes: "sou um péssimo pai, eu adoro os meus filhos. Faço a vontade deles em tudo... faço questão fechada de que eles sejam meus melhores amigos").

Assim, a autoridade que o pai exerce sobre seus filhos é desagradável, ou difícil de dosar: "quero falar e acabo gritando" , ou "sou péssimo pai porque faço a vontade deles em tudo". Quando

este pai briga com seus filhos, o faz naturalmente, sem ser muito criterioso, porque ^{isso} não seria muito sadio, não seria natural me dir palavras ou atitudes. Expressa com os filhos o seu desagrado de forma natural: 'dou esporro, chingo, berro', no entanto, quando dá um tapa, pede desculpas depois aos filhos, atribuindo o castigo corporal ao seu nervosismo. O castigo aqui fica caracterizado como expressão de nervosismo do pai, um excesso, que exige uma reparação dele junto aos filhos. Exercer a autoridade não é fácil, apesar de reconhecidamente necessário, principalmente pela necessidade social de, tanto respeitar a autoridade, mas também para impor limites aos seus iguais, num mundo onde a concorrência é muito grande, como explica o pai em MA3:

"... tenho um relacionamento bastante bom com os meus filhos... eu tento ser autorit... autoridade... autoritário com eles, porque sei a concorrência que eles vão enfrentar ... nos esportes acostumam-se com a competição, o esforço máximo para se impor... ao companheiro, ao concorrente... não necessariamente com agressividade, é pensamento mais anglo-saxão, aqui não tem isso. Tento ensinar o respeito pela autoridade e saber competir... saber os limites tento desenvolver essas duas idéias na cabeça deles".

Assim, o relacionamento é bastante bom, o pai tenta ser autoritário, não no sentido de autoritarismo, mas no de autoridade, como fica claro na busca da palavra certa, dificultada pelo fato Português não ser sua primeira língua; no entanto, o fato demonstra a dificuldade em se distinguir exatamente entre ter autoridade e ser autoritário (falar e não "gritar" como em MA2). Evidencia que é necessário o respeito à autoridade, mas saber competir, o que o autoritarismo, certamente, não permitiria.*

*Isso nos remete à concepção de "paternalismo", aonde a "autoridade paterna" transforma-se em autoritarismo disfarçado no âmbito público.

Acrescenta ainda que são noções do "pensamento anglo-saxão, aqui não tem isso". Mais adiante, fala da grande preocupação com o futuro dos filhos, tem a mesma preocupação que surgiu com o pai em MA4, dois pais neste grupo que têm filhos mais velhos (14, 16, 17 e 21 anos). Além disso, a preocupação é voltada apenas em relação aos filhos homens neste grupo. Em MA4, o pai afirma:

"... Com ele (filho de 21 anos) acho que tenho culpa, devo ter incutido nele uma noção de ética, uma noção de postura frente à vida muito... correta... muito ética... muito moral... que talvez ele não esteja ainda tão preparado para a vida quanto deveria ser. Para a nossa vida, droga de vida de competição, sujeito vale pelo que tem no bolso... sempre, desde pequeno, fiz ver que não valia nada... sacrificar uma série de valores para vencer na vida a qualquer custo... talvez ele não tenha uma visão muito objetiva da vida... defeito meu também, essa visão".

Assim, em MA4, o pai explicita que o filho talvez não esteja já preparado para a vida, nossa vida, que define como droga de vida de competição, uma competição onde o indivíduo "vale pelo que ele tem no bolso", o dinheiro como sendo o valor que determina a competição, e não valores éticos, que contrariam a idéia de vencer na vida a qualquer custo... mais ainda, acha que tem culpa por ter incutido em seu filho uma noção de ética;* afirma que é defeito seu também não ter uma visão muito objetiva da vida, podemos entender, deixando valores éticos de lado, porque não seriam "objetivos". São afirmações surpreendentes, na medida em que ser ético é um defeito, já que assim o futuro de seu filho poderia estar comprometido ao não ter uma visão mais objetiva da vida (que entende-se, está no social) na qual o sujeito vale pelo que tem no bolso.

*Novamente o pai se coloca no lugar de culpado, aqui por incutir no filho noção de ética, como, em MA6, o pai pede desculpas pela palmada, "porque estava nervoso".

O conteúdo é muito semelhante, no seguinte trecho do pai em MA3, ao falar sobre a sua preocupação com o futuro, e de não sentir que seus filhos estão preparados para a vida, apesar de já "estar chegando perto o momento de terem vida independente":

"... eu ter que ensinar meus filhos a não se utilizar da "Lei de Gerson" foi e é muito difícil... tudo o que falei sobre competição, a concorrência foi num nível saudável... esportes e na vida profissional não é galgar posições em cima da cabeça do outro... na fila, aqui no Rio, seja de pão ou de carros no túnel ninguém vai furar a fila? Você está lá, de manhã e explicar para seus filhos que os esper-tinhos estão errados, porque o resultado prático é um prêmio, vão chegar mais rápido... tá ensinando uma desvantagem... tem coisa maior... é a paz, a ordem... em termos gerais tem a ordem... para... isso a maioria faz as leis.... agora, o que é certo para eles não pode estar em discussão com o que a grande maioria pensa, necessariamente... porque senão vai ser ruim para eles".

O comportamento observado no meio urbano e portanto social, é um comportamento de quem quer galgar posições em cima do outro... uma competição que não seria saudável, da mesma forma como valorizar o dinheiro acima de qualquer outra questão ética, no relacionamento profissional. Os limites necessários colocados em casa através da autoridade, na medida que toda sociedade tem seus limites, acabam virando uma falta, uma culpa, como em MA4, porque não estariam preparando seus filhos para a "droga de competição de nossa vida". Em MA3, é difícil não ensinar a utilizar a "lei de Gerson", uma competição que não é saudável porque significa galgar posições "em cima da cabeça do outro", que as pessoas fazem quando "furam a fila" e o resultado prático é "um prêmio" na medida em que "vão chegar mais rápido" (e não levar uma multa, por exemplo). No entanto, "o que é certo para eles não pode estar em discussão com o que a grande maioria pensa... porque é ruim para eles". Novamente a ambigui-

dade de estar educando certo mas não preparando para a vida no social*.

Ao falarem sobre a autoridade com seus filhos, estes dois pais a relacionam, espontaneamente, à necessidade de se colocar limites, sem exagero, já que os limites são necessários para a vida social. No entanto, por contradição, estes pais falam de um social que lhes causa preocupação, já que apresenta valores que se chocam com aqueles que acharam correto passar a seu filhos, que,

podem ser prejudicial a eles, na medida^{em} que a competição que irão enfrentar não ocorre dentro de "valores éticos", ou de respeito pelo concorrente.

No grupo P, em P6, quando pergunto ao pai se era bravo com os filhos pequenos, responde que não. Insisto perguntando se batia, responde:

"... quando merece. A gente brinca, quando fala sério, fala sério, se for preciso dar umas palmadinhas, dá também, mas não gosto de bater, não. É muito difícil eu bater. Tem horas que a gente tem que dar uma pancadinha, senão... Também boto de castigo, castigo é bom, né?".

Mais adiante, conversando com o casal ao fim da entrevista, contam que o filho de oito anos estava com problemas na escola e que a psicóloga recomendou um controle maior sobre a criança; a partir daí passaram a dar castigos (tipo não sair de casa ou de ver

*Novamente aparecem os aspectos do pai que continua sendo pai ao longo da vida (como MORIM) e se preocupando com o futuro dos filhos, num sentido de quem está "fazendo a cabeça", moldando personalidades, incutindo valores, determinando comportamentos que seus filhos terão ao longo da vida.

televisão) e que o filho tem melhorado muito. Aqui o contato social da criança, na escola pública, influencia na relação de autoridade doméstica (privado).

Em P3, o pai quando fala que é mais apegado aos filhos do que seu pai foi, acrescenta "quando ela (filha) ia crescendo ia um pouco fazendo raiva, inclusive tive de ser meio grosseiro, um pouco... mas o pessoal aqui gosta muito dela... mas ensinei desde pequena, sou meio duro, nenenzinho eu trato com carinho".

Quando a filha cresce e "faz raiva", o pai tem que "ser grosseiro", para ensiná-la desde pequena... mas o pessoal (as pessoas do meio em que vive) gosta muito dela; exprime que teve de ser meio grosseiro (para impor sua autoridade) de forma a que se relacione bem com "o pessoal daqui", referindo-se às pessoas do convívio diário do prédio onde trabalha. Quando pergunto se a filha o respeita, diz... "é, respeita, ela respeita mais a mim do que à mãe dela, porque ela não tem medo da mãe dela não, me desculpe". Novamente a mãe não tem o respeito, o medo dos filhos, como nos pais e mães de origem nos dois grupos. E ele acrescenta, "me desculpe", como se ele, de alguma forma, estivesse implicado na falta de respeito da filha, em relação à mãe.

Mais adiante, quando conversamos sobre as mudanças na forma de se criar os filhos, dos filhos não ajudarem mais os pais, diz:

"É tem mudado muito, tem mudado. De primeiro os filho dava mão, hoje em dia tem filho que não quer saber nem dos pais, eu conheço muitos aí. Eu conheço garotão aí na rua mesmo que o pai tem que educar ele... pra ele no final não querer nada, brigam com os pai. Principalmente cidade

grande que nem o Rio, que é mais o que a gente vê. No Norte cê vai ver, no Norte o pessoal tem muitos filho lá, os menino lá são pessoal que não tem estudo, a sra. sabe que eles respeita mais o pai, respeita mais os pai do que muito garotão que tem estudo e não respeita. Eu não sei se é devido ao sistema de criação, não sei, aqui é com muito dengo, muito paparicado, e lá não. Aí, não sei porque eles respeitam mais... aqui não tem muito respeito, eu vejo xingar o pai de tudo aqui. Não é todos não, tem uns educadíssimos com os pai, não sei se é devido à educação, ou é sorte, também".

Aqui, o meio social é a cidade grande, este pai observa condutas entre pai e filho que não aprova porque não há respeito pelo pai. Fala de quem não tem estudo e respeita o pai, e o "garotão que tem estudo mas não o faz. Atribui tal comportamento ao sistema de criação, que é "com muito dengo, muita paparicação", podemos entender, sem muitos limites, o que tiraria a autoridade dos pais na medida em que seus filhos não os respeitam. Mas conclui dizendo que não sabe se é educação ou sorte, da mesma forma que se exprimiu o pai em P6, quando diz que o comportamento dos filhos é uma questão de sorte, atribuindo ao acaso, e não somente à sua influência. O futuro dos seus filhos, como ficou mais evidenciado no caso dos pais atuais em MA.

Em P, a educação e o respeito estão no exemplo que o pai acredita, influencia a formação dos filhos; no entanto o elemento "sorte" é novamente explicitado:

"... quando dizem assim, "poxa, como é que você conseguiu criar teus filhos, não são bandido, criado num lugar tão ruim"... eu acho que o exemplo é a coisa principal... porque se eu vivesse em porta de botequim bebendo, brigando, jogando, se eu fosse uma pessoa marginalizada, eu daria motivos para meu filho também, né? Mas como eu mostro pra eles só coisas boas, eu tenho a impressão que mesmo que eles quiser um caminho ruim, vai pensar duas vezes. Ele pode ir, porque isso é problema dele; você não consegue segu-

rar um filho maior, porque a senhora pode dar os melhores exemplos, pode dar uma excelente educação, as melhores oportunidades no entanto, o filho vai descambar pro lado que a sra. não queria, são circunstâncias da vida... meu filho é uma coisa maravilhosa, apesar dos poderes, que eu brigo com ele e coisa e tudo, ao mesmo tempo que tenho vontade de dar um tapa, a partir do momento que a gente para aquela hora, dá vontade de beijar".

Novamente o meio social imediato é ruim (favela), e acha que através do seu exemplo o filho não é bandido, ou seja, sua autoridade está no exemplo que dá aos filhos. No entanto, acrescenta o elemento do destino, de algo que foge ao seu controle, como nos outros dois pais em P, e conclui dizendo que apesar dos "poderes" do filho, brigam, tem vontade de dar um tapa, mas, depois, de dar um beijo, evocando mais uma vez a ambivalência existente em castigar um filho que se ama.

Em P7, o elemento do exemplo se repete, aliado ao de controle (quando fala que não gosta de conversa de namorado com sua filha de quinze anos, porque atrapalha em seus estudos):

"... (filha) não é de tá andando com colega, subindo, descendo não gosto... então eu parei de tomar uma cerveja, gostava muito de uma bebida, mas achei que já tinha uma filha moça e um filho rapaz, e como é que eu poderia chamar eles à atenção, então tive que dar um tempo e tamos aí, tudo bem exemplo, né?".

Discorre sobre a necessidade de conversar com seus filhos sobre o que é bom, já que ele, no meio social, tem exemplos de comportamentos marginais:

"Não é que bandido pega o meu filho e diz que ele tem que ser bandido, isso não existe. Não, eu vejo eles, todos eles aí, conheço do chefinho ao garotinho e acho que isso é o pai, é bebida, eles chegaram em casa maltratando os filhos, filho procura o que comê e não tem; e o seu Fulano diz "olha, vai ali pra mim", então ele vai... quando chega

dá um agrado à ele, às vezes compra até uma bisnaga pra comer que ele não almoçou, amanhã ele volta. Então, achou a quilo fácil, na cabeça de uma criança, "seu Fulano é gente fina", e ali vai crescendo. Existe tóxico, existe tudo, que eu mostro ao meu filho, converso, converso, e tem lá os amigo da idade dele (13 anos) que cheira, fuma; não é certo, nós temos que corrigir".

Comenta ainda no caso de garotas, para exemplificar que "ninguém pega ninguém para bandido":

"... aqui você vê: ah, uma garota foi estuprada... as garota que estão com eles é as garota que não tem cabeça ou o pai não fez a cabeça delas, ele soltou muito, afroxou muito. Ou... "eu vou ali na casa do seu Fulano" todo dia, então se solta e ela vai, daí você não sabe, se ela tá com ele ou outro; então nada é forçado".

No contato com os quatro casais que moram em favelas (Rocinha e Vidigal) os seguintes aspectos de "autoridade" e de "lein nessas comunidades devem ser explicitados: existe total segurança de se deixar a casa vazia com portas e janelas abertas. Quando há brigas "de casal", exemplificou um pai eles vêm, dizem para não chamar a polícia, chamar eles, que se for marginal eles expulsam da comunidade, se for chefe de família eles conversam, dão conselhos e vão embora. No final de uma entrevista já à noite, na Rocinha, o pai ofereceu-se para dirigir meu carro até a saída, já que eu não sabia o caminho de volta no emaranhado de ruelas estreitas e cheias de gente, principalmente crianças brincando e correndo por todos os lados. Um homem ao lado do carro, que contava uma grande quantidade de dinheiro, recomendou ao pai que me acompanhava observar seus documentos, e "ir devagar, com atenção", assumindo nitidamente o "lugar" ou a função de um guarda de trânsito atencioso. No Vidigal, um dos pais, que era ministro leigo da igreja católica, explica que "eles" (membros dos grupos organizados nas favelas) às vezes chamam

um grupo de visitas para rezarem com eles. Ainda, outro pai descreve assim o desenvolvimento da relação entre esses grupos e a comunidade:

"Eles chega devagar, eles faz bolo e dá pra comunidade, dá presentes pras crianças. Ele fez uma quadra lá em cima, tem balanço, tem quadra, uma bica pra lavar roupa, que era muito ruim mandou cimentar, botar tanque, entendeu? Eles tem família, eles tem filho, agora o tóxico todo mundo já sabe que é proibido. Agora, quando você vê no morro, na favela, a polícia, nossa polícia chega fardada e você vê que eu vejo, cheirando cocaína e pega dinheiro com eles. Amanhã eles vem, quando não dão dinheiro, sabe o que eles fazem, eles dão tiro, bate em morador, eles fazem mil coisas, fazem um absurdo, a polícia... para eles quem mora no morro, eles compara tudo a uma coisa só, é tudo bandido".

Este pai deixa muito claro o tipo de subversão de valores presentes no cotidiano dessas comunidades: o bandido vira mocinho na medida em que promove melhorias de instalações, serviços e trabalho (o menino começa a trabalhar para o bandido) e o mocinho, ou a polícia, vira bandido porque agride os moradores que são inocentes (há quatro meses da entrevista, conta um pai, "a polícia bateu numa senhora, no pescoço dela, outro quebrou a perna, uma bateu em meu carro; trabalhador que nada tem a ver com o caso").

Da mesma forma, o pai em MA constata com seus filhos que o espertinho se utiliza da "Lei de Gerson", fura a fila e tem uma vantagem, vai chegar mais rápido; nos dois grupos existe uma constatação de inversão dos valores que tentam passar a seus filhos e que é uma responsabilidade sua, valores como o respeito à lei ("todo mundo sabe o tóxico é proibido") que existe para organizar o meio social mais amplo, que, por sua vez, nas palavras destes homens, acaba permitindo que haja a gratificação, a recompensa (po-

deríamos até pensar no mecanismo de reforço de comportamentos da teoria comportamental) para atitudes que contrariam a noção de respeito à lei e à ordem, ou seja, a impunidade.

Finalmente, em relação ao estereótipo de "quem mora no morro pobre, é bandido". Situação muito semelhante é relatada por um dos porteiros vindo do Nordeste:

"... outro dia falando com o doutor aqui, disse 'nordestino só faz filho pra botar vagabundo na rua e mulher buchuda... olha doutor, mania de dizer, nordestino é burro, é ladrão, lá em casa somos 9 pessoas, nunca morreu ninguém de fome, nem tinha estudo porque papai não tinha condição... nascemo no interior, no interior se criamo, e meu tio tem 18 filho, não tem nenhum vagabundo não, e trabalha... aí parou com essa conversa comigo...

Este é outro pai no grupo P, que distingue educação (formal) e condutas positivas por parte do indivíduo como trabalhar e não ser vagabundo. Da mesma forma que antes, o pai em P3 comenta que "garotão com educação não respeita o pai e no Norte ocorre o oposto, neste caso, é o pai que tem nove filhos e nunca morreu ninguém... é o filho do pai (e não da mãe) que não se torna vagabundo. São os pais os responsáveis em incutir esses valores em seus filhos, não a educação formal, em oposição a uma educação familiar, aquela em que o pai cria "um corpo e uma cabeça", no qual funcionam processos identificatórios e por isso, o exemplo que o pai quer dar ao filho torna-se importante a ponto de, como em P7, gostar muito de uma bebida e ter parado de beber.

Além disso, existe, vindô de figuras no social que ocupam posições hierarquicamente superiores (a polícia, o doutor) mensagens que generalizam comportamentos marginais à todas as pes-

soas mais pobres, como o nordestino, e o favelado, na cidade do Rio de Janeiro.

Em termos gerais, poderíamos resumir o que amplamente foi considerado aqui como a relação do pai com a figura de autoridade na seguinte forma: as semelhanças e diferenças distinguem pais de origem e pais atuais nos dois grupos, o que caracteriza essa dimensão como sensível a mudanças precipitadas pelo fenômeno da modernização.

Em todas as divisões de grupos (origem, atual, MA, P) surgiu a figura da mãe, como quem bate ou castiga mais e o pai intercede em favor dos filhos (autoridade protetora). Ainda, a "autoridade" do pai é delineada principalmente como figura de exemplo.

Os pais de origem nos dois grupos eram, em geral, distantes, sérios, "duros", pouco conversavam ou brincavam, porém eram figuras de exemplo, e às vezes, expressavam carinho, "mesmo no silêncio". Em MA, a distância às vezes provocava anseio por carinho. Em P, é recorrente a imagem do pai "bom".

Os pais atuais promovem as conversas como forma ideal de exercerem influência junto aos filhos mais velhos. Os pais, nos dois grupos, sentem o meio social promovendo valores inversos àqueles que promovem junto aos filhos como o respeito à lei. No entanto, em MA ocorre crítica ao psicologismo por promover dificuldade em dosar limites, em separar autoridade e autoritarismo, que um pai em P expressa na idéia do "garotão que não respeita o pai porque tem muito mimo e paparicação". Em P os limites não são problematizados e a autoridade e influência do pai é exercida por certo controle, alguma conversa, mas principalmente através do exemplo.

6.3.4. LIBERDADE, DESEJO, ESCOLHAS E IDENTIFICAÇÃO

Na grande maioria dos pais entrevistados nos dois grupos não foram cumpridas, mesmo quando ocorreram pressões, as expectativas de seus pais de origem quanto ao futuro deles no mundo do trabalho. No grupo P, quatro pais que vieram da roça, tomaram a atitude de emigrar por conta própria, movidos pelo desejo pessoal, em oposição a um curso de vida natural que seria continuar trabalhando na roça como os seus pais lhes havia ensinado.

No grupo MA, MA1 decidiu seguir sua profissão aos treze anos de idade e nela ficou; MA2 foi pressionado pelo pai a cursar dois anos de Economia; MA3 abandonou a 1ª carreira, semelhante a de seu pai; MA5 escapou da escola militar; MA6 desistiu da profissão em direito e MA7, apesar dos conflitos com seu pai, conseguiu abandonar o curso de Engenharia. Estes homens são hoje profissionais de sucesso em áreas de atuação diversas.

No entanto, com seus filhos, os pais dos dois grupos expressam-se de forma muito semelhante: desejam a felicidade dos filhos e filhas na área de atuação que escolherem, dentro daquilo que eles desejam, em oposição à determinação paterna, característica na experiência como filho, na família de origem.

Os pais em P, como já citado anteriormente quando descrevi os aspectos do pai provedor, também provêm ao futuro dos filhos investindo na educação, em geral, "para terem o que não tive" ou porque a "educação de hoje é diferente e não à moda antiga". Os pais deixam de voltar para sua terra de origem porque aqui há

mais oportunidades de estudo para seus filhos; no entanto, não existe determinação do que, exatamente eles farão, em termos profissionais. Em relação a filhas mulheres que estavam entre oito e quinze anos, os pais de P as descrevem com muito orgulho por serem ótimas alunas e nutrirem o desejo de serem professoras quando crescerem.

Em P4, outros aspectos ainda dentro da liberdade de escolha profissional dos filhos, apareceram:

(quando pergunto, qual seria a vantagem de ter filhos) "Olha a vantagem de ter filhos eu acho que o filho é a coisa mais preciosa que Deus nos dá*, porque a gente se realiza através dos filhos. Eu vou lhe dizer, uma das coisas que eu mais queria ser na vida era professor, e eu não consegui e hoje me vejo realizado nos meus filhos, tenho, praticamente 3 professores, eu me realizo neles... eu vejo "poxa seu filho é professor", aquilo prá mim vale mais do que dez milhões de cruzeiros". (para este pai ter filhos professores vale mais do que o "dinheiro de que se tem no bolso").

Pergunto então se influenciou na escola dos filhos:

"Não, isso não. Nunca influenciei nem ela também, eu nun-

*É interessante este pai falar que o filho é "a coisa mais preciosa que Deus nos dá, ou seja, o filho lhe é dado por Deus, ao passo que quando vimos o desejo do pai pelo filho, dois pais em MA referiram-se ao fato de ter filhos como um poder atribuído a si mesmos, um deles inclusive expressando que ter filho é "brincar de ser Deus". Em MA, os filhos são expressão de um poder que está neles, ao passo que para este pai em P, é o poder de Deus que lhe concede o filho (como na história de Abraão e semelhante ao trecho em FLA DRIN que afirma serem os filhos "de Deus", e os pais na terra apenas arrimos e guardiões). Novamente, em P, os filhos vêm sem que haja o seu controle, ou poder.

ca tive curiosidade de olhar nada deles. Às vezes tá com um problema lá, e eles não gostam muito de falar também, a gente futuca pra saber, mas nunca influenciei..."(conta então que só com a mais nova, a seu pedido, deu um conselho para que "fizesse normal", que ela seguiu).

Mas eu ainda insisto, perguntando se ele comentava "ah, queria ser professor e não pude", ao que ele responde: "não, eu nunca disse aquilo que eu queria ser".

Este pai nega com firmeza ter influenciado na escolha dos filhos; no entanto, é justamente essa escolha que faz com que seus filhos sejam a sua realização. Se a influência aqui não foi explícita, certamente ele existiu de forma implícita (como grande parte das influências que ocorrem na relação pais e filhos). Da mesma forma, o pai provedor que provê para que sua filha estude em escola particular ("além do lanche, coca cola, uniforme e livros" e está "segurando essa barra até o dia que puder"), quando pergunto se tem alguma coisa que gostaria que os filhos fizessem, responde:

"Não, eu gostaria que eles... a garota disse que quer ir para Marinha, né. O X (filho) eu queria que ele se formasse em engenharia de refrigeração... começasse pe - queno, comigo (pai é técnico)... então o filho... eu sou mecânico de refrigeração e eu queria que ele estudasse, tivesse gosto nos estudos pra seguir essa profissão... vamo ver se ele vai pegar gosto; o que eu desejava mesmo é que ele estudasse, fizesse curso, engrenar na refrigeração, que é (área) muito grande. Tem na Marinha, no Exército, em navio, etc".

Pergunto se tinha sonho na infância;

"Aní, meu sonho era o sonho de toda criança, ser aviador, né?... aí eu dizia, eu vou estudar pra sê, ou então em navio, ser marinheiro, tinha loucura pela Marinha."

Pergunto se acha que é por isso que filha quer seguir na Marinha ao que responde "é, é isso que resolveu". E volta a contar sobre seu sonho, que se ainda tivesse "uma chama" e pudesse entrar em um navio e trabalhar, sair viajando, gostaria de fazê-lo, mas conclue: "tô satisfeito, tenho saúde".

A influência paterna na escolha da profissão dos filhos, no caso da filha, é expressa muito como sendo o que ela escolheu sozinha, ela resolveu seguir um caminho que é o sonho do pai. Em relação ao filho, sua preocupação e empenho em ensiná-lo, influenciá-lo é explícita; no entanto sempre expresso pelo seu desejo que o filho tenha gosto pela profissão, o que implica levar em conta também o desejo que o filho tem (vale lembra que este pai é um "self-made man": é analfabeto, aprendeu sozinho sua profissão e é o mais bem sucedido dos pais no grupo P. Ele não teve pai ou quem o direcionasse profissionalmente na vida). Comenta, a certa altura, "nem sei porque segui essa profissão". Quando afirma que quer dar aos filhos o que ele não teve, podemos incluir aí "um pai que o influenciasse ou ajudasse", assim, tem a atitude de influenciar seu filho como "os pais de antigamente", talvez por um desejo seu não realizado, quando viveu o papel de filho.

No grupo MA, o pai em MA4, quando pergunto sobre semelhanças físicas, declara que o "garoto (tem 21 anos) é a sua cara". Pergunto então quando se viu nele, ao que responde:

"... não me vejo. Ele é parecido comigo, mas nunca quis que meu filho fosse a realização de alguma coisa que eu não tivesse feito. Nunca tive essa preocupação... quis que ele tivesse a vida dele... escolher o que fosse melhor para ele... única coisa que influenciei era que fosse flu-

minense... isso é coisa que não dói, mas o resto não fiz força para que fosse (sua profissão) embora ache que ele fale bem, discute bem, argumenta bem, acho que seria um excelente (sua profissão)... gosta... mesmo que eu concordasse com ele, eu faço que sou contra pra gente discutir, muito passional, seria excelente... ele deve escolher o caminho dele... ela (filha) também".

Este pai nega ter tido preocupação em se realizar através dos filhos por alguma coisa que não tivesse feito (negando uma propriedade positiva no aspecto de reparação). O filho deve escolher o que é melhor para ele; no entanto admite que influenciou em questões que não "doem", como torcer por determinado time de futebol, demonstrando que há um desejo do pai de identidade com o filho, de desejar que filho goste do que ele gosta e influenciar naquilo que não vá "doer" (causar conflito?). Diz que não fez força para que seu filho seguisse sua profissão; no entanto, acrescenta que o filho tem qualidades para sua profissão, que ele, pai, às vezes, até estimula. É uma forma de influência implícita, e não explícita, na medida em que não fez força, não pressionou, como ocorreu no caso dos pais de origem no grupo MA.

Em MA5, não influenciar na escolha dos filhos é diretamente vinculado à pressão que sofreu de seu pai (novamente uma reparação):

(quando pergunto se deseja que filhos sigam sua profissão)
 "nunca pensei, nunca passou pela minha cabeça... eu quero que meu filho seja isso ou aquilo. Minha idéia é aquela do início, do meu pai (que queria que seguisse carreira militar) espero que eles realmente adorem, gostem muito do que eles vierem a fazer. Acho que é importante terem satisfação e fico chateado com pessoas que não estão felizes no seu trabalho".

Em MA3 os mesmos elementos se repetem. Quando pergunto se

tem planos para os filhos, responde:

"Espero que eles sejam felizes, que tenham os condutores da felicidade. Tenham a profissão que eles querem, nem (profissão de seu pai), nem (sua profissão) nem grandes milionários, nem grandes pobres. Quero que eles encontrem, mas com toda a sinceridade, o que eles gostam de fazer.... porque só aí eles vão ter felicidade... eu faço coisas que não gosto de fazer... faço porque sei que dá dinheiro aí eu pago as contas... viajo... mas essa preocupação está ligada com o que eu falava antes... temor de soltar eles no mundo... está próximo demais... e tenho temor de soltar eles no mundo..."

Novamente temos o desejo de que os filhos façam suas escolhas profissionais baseados no que gostam, porque só assim vão encontrar a felicidade, como em MA5. Admite que faz coisas que não gosta no seu papel de provedor (o provedor tendo que renunciar ao seu desejo fazendo coisas que não gosta), como os pais em P que não voltam para o lugar de origem, e a preocupação em soltá-los no mundo. O mundo onde (como havia dito anteriormente sobre atitudes que se encontra no relacionamento social) um passa por cima do outro e portanto não adequado à idéia de felicidade "fazendo o que se gosta, como deseja para seus filhos, daí sua preocupação.

A idealização do desejo e da liberdade dos filhos, em MA2 ocorre novamente na relação inversa à sua experiência de papéis domésticos que viveu em sua família de origem. Quanto comenta que "mamãe tinha o papel de ser mãe e dona de casa e ele (pai) de trabalhar na rua":

"Se minha mãe não serve, ele não come. É tão arraigado, tão intenso que nem percebe. Se a gente reclama, fica até surpreendido, e eu acho um absurdo. Quero que minhas filhas aprendam a se virar, para não depender dos outros.. não sei se vou conseguir, porque no final a gente passa uma série de erros de educação que a gente tem e vai passando sem perceber... mas como a sociedade mudou, um pou-

quinho, os jovens são mais libertários... a crise de independência é mais cedo do que a gente tinha".

Aqui o desejo de liberdade e independência para suas filhas é atribuído à sua experiência negativa de interdependência, dos papéis tradicionais de pai e mãe (pai trabalha e é provedor para mãe, mãe tem que servir senão pai não come). Afirma que a sociedade mudou, a crise de independência é mais cedo... este pai, que acha que não sabe educar seus filhos porque quer falar e grita, torna-se autoritário sem desejá-lo e lamenta que as formas de repressão continuam, novamente fala em erros de educação "que a gente tem e vai passando sem perceber" (culpando-se de fazê-lo) e parece que espera que suas filhas tenham uma crise de independência (contra ele que é autoritário "sem querer"?) proporcionada pela sociedade, que mudou; mas acrescenta, "um pouquinho", na medida em que sente, na sua experiência de pai, que os elementos se repetem, "as formas de repressão continuam" (a socialização primária é forte o suficiente para manifestar-se, mesmo contra sua vontade).

Nos casos apresentados até aqui, em geral, foram descritas situações de modernização no papel de pais quanto a um desejo de liberdade, escolha, felicidade, desejo dos próprios filhos na vida profissional. Na mesma medida em que o discurso explícito é categórico, em muitos casos, de que não houve qualquer influência na decisão de seus filhos, há por outro lado o orgulho, a realização através dos filhos quando estes demonstram comportamentos ou decisões que seriam desejo ou idealização dos pais. A coincidência nos desejos dos filhos, com os dos pais, em geral, com sonhos que tiveram de situações não realizadas, com o pai em MA6, ocorre

na prática de esporte sofisticado, que o aproxima de seu filho , um pai que havia dito não passar mais tempo com seus filhos por que não tinha tempo. Quando pergunto a ele se é mais próximo do filho ou da filha, responde:

"É tenho estado mais próximo de X (menino), em função da atividade dele. Ele gosta muito de cavalo, coisa que sempre foi meu sonho na infância. Eu até tinha um cavalo quando ele nasceu, mas não participava porque tinha 8 meses, 1 ano. Me desfiz, aí vim recuperando, tentando viver a infância que eu quis ter vivido e não tive chances. Quando ele fez 4 anos, um amigo meu maluco cismou que eu tinha que dar um cavalo ao X (filho) e a gente começou a ver que ele curtia e que nós estávamos precisando de um objetivo comum... comecei a estimular ele... foi se entusiasmando... Então isso vem me aproximando muito mais dele do que dela (filha), inclusive acho que ela está se ressentindo.. acho que é a fase, a idade, que por acaso, está me fazendo identificar mais com ele. O que ela faz no dia dela que eu posso me aproximar? É difícil".

O pai aqui aproxima-se do filho porque têm um objetivo comum, o gosto por cavalos, que por sua vez não ocorre com sua filha. O gosto por cavalos do filho cresce na medida em que ele é estimulado, se entusiasma e hoje o filho "só pensa em cavalos". A partir disso comprou propriedade aonde está construindo um haras.

A filha, de 7 anos "tomou um tombo e ficou meio traumatizada". O pai sente que se ela está se ressentindo com sua aproximação do irmão e sente que deve "descobrir o que ela gosta para fazer para ela, para ela também se sentir importante". No entanto, a falta de existência de interesses comuns é atribuído à fase, a idade.

Este pai lida com seus filhos com naturalidade, não dedica mais tempo à eles porque "não tem tempo"; no entanto, se aproxima de

seu filho e passa fins de semana com ele, na propriedade no campo, por causa de um interesse comum. Para se aproximar da filha, procura encontrar um interesse comum. Assim, se os pais de hoje não influenciam nas escolhas de seus filhos, principalmente na escola de suas filhas, no entanto, a diferença de gênero entre pais e filhas leva a uma dificuldade de aproximação na medida em que os interesses comuns, ou atividades próprias atribuídas aos diferentes gêneros não são comuns, principalmente em determinadas fases, ou idades. Em MA2, o mesmo ocorre com o pai e filhas:

"Quero tranqüilidade quando chego em casa... fico com as meninas brincando... mas faço o que eu tenho vontade... se quer jogar, ok, (jogos eletrônicos) mas não me atrapalha.. (fala disso quando diz que a pequenininha, de 5 anos não o aceita),"tenho adoração pela baixinha mas ela me recusa.. volto do trabalho e não consigo aceitar as crianças como elas são, não consigo viver com elas no mundo delas".

Por essa razão, acha que não consegue ser um bom pai para suas filhas, ("sou um péssimo pai", diz textualmente) na medida em que só consegue fazer o que gosta e não consegue viver no mundo da criança. Assim, como também em MA6, é o movimento da criança em relação ao desejo do pai que promove o processo de aproximação. Se estes pais não influenciam, não determinam escolhas para suas filhas, também é difícil para eles "viver no mundo da criança", principalmente no caso de meninas (no caso dos meninos, nessa faixa etária de 5 a 7 anos, o filho homem já vai com o pai ao jogo de futebol, em MA4 e em MA5).

A distância do pai na infância, também relatada na relação de pais de origem com mães atuais em MA1, MA3 e MA7, se transforma, no caso dessas mulheres, na vida adulta. O pai se torna, nes

tes casos, uma figura mais próxima, que conversa, dá atenção, conselhos e demonstra afetividade.

A mãe atual, em MA2, diz o seguinte, quando pergunto se identifica-se mais com sua mãe ou seu pai:

"Meu pai, sem dúvida. Nada edipiano nisso, isso é fase muito antes. Explodiu há pouco tempo. De repente comecei a ver meu pai como realmente é, inteligente, bárbaro. Ano passado foi operado... fui para lá por quinze dias (descreve os cuidados com o pai no hospital) e o que eu gostei, eu tive um contato com ele, segunda vez na minha vida que tive, pude ter".

Em MA1, a mãe descreve seu pai "naquela coisa muito tradicional, meu pai nunca foi à cozinha beber água. Nunca teve o tipo de participação de hoje do pai pegar o filho". Descreve o pai como tendo muita autoridade "quando a gente estava na mesa brigando ele falava mais grosso e a gente parava na hora (outra variação de forma de autoridade, como o olhar, o silêncio, etc.). O contato corporal maior era com o irmão pequeno, nos fins de semana quando brincavam de lutar (atividade masculina) e diz que se aproxima muito dele quando já adulta, na hora de escolher a profissão, recebendo conselhos do que seria melhor para ela, dando-lhe "a visão de uma pessoa adulta", perguntava tudo a ele e acrescenta... "até hoje, tipo... papai, o que é ISS?".

A mãe em MA7, diz o seguinte de seu pai:

"Ele era muito de estimular a independência, estudar e para crianças era um pouco difícil... Era pessoa que se dá bem com adolescente, engraçado, alerta, brinca muito com filho aduto, agora estou super bem com ele. Quando criança, não entra no mundo da criança".

A mesma dificuldade do pai entrar no mundo da criança que

aparece neste pai, de origem, como em alguns pais atuais.

As filhas, assim, têm liberdade de escolhas profissionais ou outras, mas quando as escolhas coincidem há uma aproximação entre pais e filhos. Com as filhas, essa aproximação depende da fase, ou da idade, quando passa a existir interesses comuns, já que, para o pai, tanto de origem em MA como de agora, nos dois grupos é "difícil de entrar no mundo da criança", isso expresso em relação às filhas, já que, com os filhos homens, pode-se brincar de lutas, ir ao futebol, etc.*

No grupo P, as mães de hoje sempre estiveram muito mais próximas de suas mães, não tiveram estudo (como seus maridos) e não há aproximação com o pai. Hoje, as filhas continuam mais próximas de suas mães em seu contato diário.

Quando pergunto ao pai em P2 se não queria um filho homem (tem uma menina), respondeu:

"Não, não faço diferença, não... se tivesse filho homem talvez me acompanhasse mais, né, o homem acompanha o pai, que passeia, tem que trabalha, essas coisas. Talvez até eu gostasse também, até mais, fosse mais apegado do que sou com ela, que é mulher. Mas não dou bola".

Esse mesmo pai que diz ser sua filha mais apegada à mãe, ao que a mãe acrescenta: "ela gosta muito do pai", complementa:

*No caso ainda das mães do grupo MA, as outras quatro mães também afirmam serem muito mais identificadas com os seus pais de origem, no entanto isso ocorria porque eram as filhas "preferidas" de seus pais, que faziam todas as suas vontades (enquanto que novamente a mãe era a pessoa mais rigorosa).

"Ela gosta de mim, mas ela prefere a mãe. Às vezes reclama de alguma coisa e eu vou lá e amenizo... às vezes a mãe diz que não pode e eu digo ah, deixa... distrai a gente, fica melhor. Quando a mãe deixa, eu não vou ser o ruim... deixa ir pra não ficar na bronca".

A filha prefere a mãe, e o pai às vezes "ameniza" (novamente intercedendo junto à autoridade da mãe) porque distrai e a filha, "não fica na bronca", ou seja, este pai se aproxima de sua filha, intermediando a seu favor junto à mãe, já que por diferença nos papéis de gêneros, mais marcados no grupo P, essa aproximação é dificultada, dependendo da fase, nos dois grupos. No grupo P, as filhas, à medida que agora estudam, quando crescem têm a chance de ter interesses comuns com os pais, o que podem promover a aproximação por identificação entre pai e filha como no caso da filha que quer ir para a Marinha, ou da filha que se tornou professora.

Podemos resumir o que discuti neste capítulo sob o tema amplo de "Liberdade... Identificação" da seguinte forma: as distinções ocorrem principalmente entre pais de origem e pais atuais nos dois grupos, da mesma forma que na dimensão de "Autoridade" e portanto, novamente caracterizado pelo fenômeno da modernização.

Nos dois grupos os pais fizeram suas opções de vida - "libertaram-se do destino" em relação a seus pais de origem - e desejam que seus filhos façam as suas próprias opções para que encontrem a "felicidade".

A liberdade e a felicidade no futuro dos filhos expressa-se principalmente sob a forma de uma comparação em relação a própria vida, porém nunca admitida como provocada ou exigida, mas subjetivamente oferecida. Quando filhos fazem opções que satisfazem

desejos dos pais, estes se realizam através dos filhos.

A filha passa a ter possibilidade de identificar-se com o pai ao torna-se adulta, em MA, expresso pelas mães em relação aos pais de origem; em P dos pais atuais em relação às filhas e suas opções profissionais.

As filhas pequenas, nos dois grupos, são mais próximas às mães e alguns pais revelam dificuldades em aproximar-se delas.

6.4. CONSIDERAÇÕES SOBRE CATEGORIAS SURGIDAS NA TEORIA

6.4.1. PROTETOR, FIGURA DE APEGO

O pai como provedor, certamente pode ser considerado como o protetor, na medida em que protege dando casa, alimentação, segurança material etc.* Vimos também que a proteção é uma das características mais marcadas na definição dicionarizada da palavra em nossa língua.

O pai em P2, quando fala de sua vinda para o Rio, relata que tinha aqui um "pai-de-ausência", um parente mais velho a quem devia respeito em troca de proteção e referência no grande centro urbano.

A psicóloga Andréia Schilling que trabalhou em casas comunitárias para jovens infratores criadas pelo governo de São Paulo, relata ainda a expressão "pai-da-rua", imputada aos meninos mais velhos em bandos de pivetes, que protege os menores em situações difíceis. Há ainda a expressão "X foi um pai para Y", como expressão de relacionamento protetor.

Também a imagem de Deus Pai todo poderoso e protetor é re-

*Em MA1, a proteção que o pai concebe na sua relação com seus filhos, por exemplo, aparece primordialmente no sentido de provedor, podemos atribuir, ao fato de seus filhos ainda serem pequenos (3 a e 5m), mas também ao fato que, inversamente a seu pai que considera um mau provedor, decide que carreira será determinante em sua vida, mesmo que isto diminua seu tempo com os filhos.

corrente nas preces e cânticos cristãos, protegendo-nos contra os perigos da vida terrena.

Um aspecto surpreendente do pai protetor surgiu, como vimos, em relatos a respeito dos pais de origem como também em relatos de pais atuais, que protegem os filhos de suas mulheres (ou seja da mãe de seus filhos) e em um caso, do avô protegendo os netos de suas filhas.

Aqui, gostaria de me deter mais longamente sobre o pai representando proteção em outros aspectos.

Os pais em MA referem-se da seguinte maneira a uma dimensão de proteção, em relação a seus filhos:

Em MA2 uma idéia de proteção aparece, de forma conflituosa pela mudança dos papéis de gênero, e pelo fato de ter filhas mulheres. Quando pergunto se tem ciúmes de suas filhas mulheres, uma delas entrando na adolescência, responde:

"Penso nisso toda hora. Brinco para relaxar. Vai ser difícil, o garoto (o namorado) vai querer se aproveitar (de suas filhas) e eu já aproveitei e sei como é. Vai ser um problema. Elas percebem, Aí tem o lado do pai autoritário, não sei lidar".

Este pai, que também enfatiza o seu aspecto de provedor na luta para construir patrimônio, tem impulso de proteger suas filhas do garoto que vai querer se aproveitar delas, isso porque ele já se aproveitou (quando garoto, de meninas) e sabe como é. Diz que pensa nisso toda hora e brinca com as filhas para relaxar, ou seja., sabe que seu sentimento de proteção em relação às filhas é

excessivo e por isso vai ser um problema, elas percebem e ele sente que não sabe lidar. Agora, o homem em situação familiar da relação agnática com suas filhas, quer protegê-las das relações sexualizadas com outros homens, que ele sabe como é (porque o garoto vai se aproveitar, com ele, quando garoto, já aproveitou das meninas). É sua experiência em determinado papel revestido de sexualidade que entra em conflito com o seu papel de pai protetor de suas filhas. O pai em MA3, no entanto, coloca-se como protetor exatamente como figura de apego de seu filho:

"... sinto responsabilidade não no sentido de prover... essa possibilidade eu nunca senti, a necessidade de eu sobreviver para dar o leite para as crianças, mas a parte afetiva... (quando mais adiante pergunto se se sente como figura de apego, proteção)... proteção total... uma vez caiu dentro de uma piscina, estava se afogando, tinha 3 ou 4 anos... quando cheguei já tinha acontecido, já tinha passado tudo, acalmado ele... eu entrei... ele aos berros se pendurou em meu pescoço... ou seja... esse protetor físico não estava no momento... todo mundo poderia tranquilizar... mas até que esse protetor físico não chegasse... Ele ainda me transmite isso" (filho tem 16 anos).

Quando esse mesmo pai fala da afinidade que tem com seus filhos, que ela é maior com o filho que se parece mais com a mãe, em oposição ao filho que se parece com ele e tem mais afinidade com a sua mulher, dá uma interpretação dessa afinidade:

"... para mim é a única explicação... nós sabemos de uma coisa passada que o resto do mundo não sabe, então... é um fato que nós compartilhamos... quando ele estava doente... me marcou muito... tinha 10 meses, estava em tenda de oxigênio, a mãe ficava durante o dia e ao vir de tarde, eu tive aquela impressão... passei a mão daquele negócio de plástico, ele olhou para mim, ficou com o olho fixo... co-

meçou a chorar...) sem fazer barulho...) as lágrimas corriam, ele me olhando e segurando a minha mão... achei que isso pode ter sido um ponto de partida, depois outras crises... eu sempre que agarraava... não é uma afinidade, é um sei lá uma ligação que vem de momentos traumáticos para ele".

Este pai tem uma relação de proteção com o filho que, sente, precisa mais dele ("o outro é feito de borracha... nos momentos mais tristes ele sempre vai pular para cima de novo").

Existe a cumplicidade - "sabemos de coisa que o resto do mundo não sabe" - de solidariedade e união em momentos difíceis, onde a criança sentiu-se ameaçada (por uma crise de falta de ar ou quando caiu na piscina). Coloca-se como figura de proteção total desse filho, ao passo que o outro "precisa de mim pelo carinho, pela orientação que posso dar a ele", em oposição a uma responsabilidade de provedor porque nunca viveu a situação de sobreviver para dar o leite das crianças, como é o caso dos pais no grupo P.

Ainda, este pai diz que seu pai "... era muito carinhoso com a gente, mas criei com meus filhos muita intimidade de pegar de carinho físico".

Mais adiante, quando pergunto se tem a sensação de estar "repetindo seu pai", responde:

"Ah, muitas vezes. Uma delas é acordando eles. Outra é quando eles dizem "já vou, já vou". Às vezes me pego beliscando eles, como minha mãe fazia para expressar carinho fico puxando os pelinhos das pernas deles. É alguma coisa que faço sem perceber, que está no subconsciente".

O carinho existiu na relação com o pai de origem; mas, na expressão física de carinho, algo que desenvolveu com seus filhos

utiliza modelos de expressão adquiridos no contato com a mãe de origem, com quem tinha maior "intimidade de pegar".

Em MA4, o pai atual, quando fala de seu filho de vinte e um anos, conta sobre um dia quando ele saiu às duas horas da tarde, não avisou nada, e chegou à meia noite. Conta que sua mulher já queria procurar em hospitais, ao que respondeu que não tinha essa hipótese na cabeça e acrescenta:

"(..) se avisa não esquento. Garoto quer se afirmar, marcar independência, dizer que tem persona, que não tem nada a ver com a gente; digo para X (mulher) deixa, isso é deles mesmo e eles tem que romper esse cordão umbilical... talvez numa determinada faixa, talvez a gente tenha até repri- mido demais... esse negócio de proteger, né... é um negó- cio que a gente erra... é muito difícil dosar educação... é uma das coisas mais difíceis que tem... é muito boa teo- ricamente..." (este pai expressa-se de forma semelhante em relação a autoridade e permissividade, no capítulo anteri- or e da sua interferência nos castigos da mãe, que achava absurdos).

Aqui, aparece a ambiguidade de proteger além do necessário através do controle dos horários do filho, que tem vinte e um anos. Associa repressão à proteção e diz que é muito difícil dosar, e, no- vamente, intercede junto à mulher porque "eles tem que romper esse cordão umbilical".*

*SALEM, em "FILHOS DO MILAGRE", comenta que a emancipação jurídica muitas vezes não coincide com a independência econômica dos jovens. Adolescentes tardios multiplicaram-se nas famílias que ascenderam socialmente nos anos 70, onde existe um forte investimento no fu- turo dos filhos, de modo a terem um bom desempenho acadêmico e pro- fissional. No entanto, para os jovens, a família - consubstancia- da na figura dos pais e associada a termos como "sufoco", "abafa- mento" - o faz sentir-se "apoderado ou possuído", impedindo o "pleno desenvolvimento do eu, ou, como coloca o pai em MA4, "em romper o cordão umbilical".

Assim, proteção aqui entra em conflito com a necessidade de independência pessoal em um jovem adulto, justamente por ainda manter o vínculo de provisão com a família (morando na mesma casa inclusive).

Em MA5, a proteção não é explicitada como tal, porém como uma preocupação com seus filhos, todos homens. Falávamos sobre machismo, sobre o fato de não gostar de se enganar em relação a seus filhos:

"em relação a meus filhos... falei... se a gente não está conseguindo resolver o que eu considero um problema... e acho homossexualidade um problema, então vamos buscar ajuda técnica... porque eu não vou me permitir... (fala sobre amigos, um homossexual que contraiu AIDS, que a mãe estava preocupada e ele acha que ela devia ter se preocupado 30 anos atrás),... prefiro pecar pelo excesso; fui à psicóloga, e acho que foi, espero, sinceramente, que tenha sido impressão".

Mais adiante, este mesmo pai comenta que conversa muito com os seus filhos sobre questões sexuais (coisa que seu pai não fez). Comenta que a televisão fala de AIDS, camisinha, que já mostraram a seus filhos: "que não os deixa ver programas de TV que são homossexualismo puro; não faz sentido, eu não gosto de ver em novela das sete, homossexualidade, prostituição; milhões de crianças assistem; não faz sentido mostrar. Não vê, não lê, mas eu explico por quê".

Este pai tem preocupação em proteger seus filhos (todos homens) das influências da televisão que retrata comportamentos sexuais dos quais deseja protegê-los; "prefere pecar pelo excesso a ter um filho homossexual que poderá, por sua vez, contrair

uma doença como a AIDS.

Como o pai que só tem filhas mulheres, este pai, que tem só filhos homens, se preocupa com questões de comportamento sexual na atitude protetora em relação aos filhos.

Em MA6, o tema da proteção tardia se repete:

"Esse negócio de dizer que ah, não, nós latinos somos muito assim, família e tal, o europeu, o norte-americano, ele faz filho e entrega ao mundo; quisera eu ter essa formação, de estar preparando meu filho para chegar aos 18 anos e dizer, fora, vai tratar da sua vida, porque isso acontece mas eu não sou assim".

Na verdade essa proteção tardia é consequência, novamente, da figura de provedor do pai que, aqui, se prolonga provendo o filho ainda na idade adulta. No entanto, alguns pais comparam a relação pai-filhos com a educação anglo-americana, comentam que o filho se distancia emocionalmente dos pais aos dezoito anos e que não desejam que isso aconteça com seus filhos. Assim, dois conceitos estão implicados, na questão da proteção tardia em forma de sustento ou provisão dos filhos em idade adulta, na comparação entre Brasil e outros países; a dimensão de controle e a dimensão de afeto.

O pai em MA3 comenta:

"Você pode dar mais carinho, ternura aos filhos que americanos se recusam a dar. Aí o pai oferece a mão porque está um homem. É o que digo pra eles (filhos): eu sou seu pai e te amo agora e no futuro. O inglês é pior. Aos 6, 7 anos já sai de casa para um "boarding school" e volta quando é homem; aí sim, eles se dão a mão porque não se conhecem".

No grupo P, o pai protetor aparece especialmente no seu papel de provedor. No entanto, em P7, o pai se sente no papel de quem protege os filhos (principalmente o filho) através do controle e da conversa, de influências nefastas de traficantes e bandidos nas favelas, onde o filho tem amigos que "fumam" e "cheiram". Ele é protetor, também, quando conta que quando os filhos eram pequenos, carregava latas de água morro acima - "era um barro danado" - para lavar as fraldas de seus bebês, como explicitou mas certamente também para cuidados de higiene essenciais para a sobrevivência de um recém-nascido.

Em P5, o pai que apanhou leptospirose na última enchente e quase morreu, se volta para seus filhos e diz: "tô repetindo prá vocês, se a bola cair lá na vala, deixa a bola ir, não entra porque vocês podem ficar doente". Quando a mãe tira o seio para amamentar, lembra a ela para limpar o bico do seio. (São detalhes observados no contato, não especialmente no relato, de um pai meio sonolento, e em minha presença, que poderia incentivar a manifestação de tais comportamentos protetores.)

Este pai, que não conheceu seu genitor e teve um padrasto violento - "e por isso não gostei dele" - teve filhos com "namoradas": quando a primeira filha nasceu deixou mãe e filha no hospital e não voltou por quinze anos. Na família atual, resolveu ir morar com a mãe de seu filho que já tinha um ano, quando ficou viúvo da companheira com que habitava e com quem não tinha filhos.

Quando fala do segredo que manteve a respeito de sua pri-

meira filha, diz: "eu não vivo com ela; agora tenho família... é preciso manter o sigilo".

A existência de uma primeira filha fora de sua família atual é um fato que deve ser mantido em sigilo, representa uma ameaça à sua figura (de autoridade) paterna. Este pai não desejou seus filhos, teve dificuldades ao longo de sua vida para ocupar esse papel, mas acaba ocupando-o, convive com sua atual companheira há treze anos, com quem tem quatro filhos e, se não explicita, no relato, uma relação de apego clara, sua mulher acrescenta que um dos filhos ficou muito doente e apático em ocasião que ele deixou a casa por dois meses. Para que esta criança tenha sentido tanto a sua ausência é necessário que estivesse estabelecida, entre pai e filho, uma relação próxima e íntima. Se o padrasto na origem (a quem chama de pai) era um homem violento, sua mãe no entanto, é sempre lembrada com muito carinho, quando seu tom de voz se altera e torna-se mais macio. Assim, apesar das dificuldades que teve com figuras masculinas (um pai biológico que abandona, um pai adotivo que o espanca, irmãos com quem teve pouca afinidade), sua mãe o protegia, havia pelo menos uma pessoa que o tratava com amor. Assim, mesmo com dificuldades, esse homem finalmente assume seu papel de pai, ainda que não desejando os filhos em primeiro lugar.

Mais ainda, considera-se pai dos filhos com quem convive, de sua família, e não da primeira filha biológica com quem não conviveu; o filho aqui é aquele com quem se convive, da mesma forma que se refere a seu padrasto como "meu pai", com quem conviveu, proveu-lhe estudos, porém não gostou dele porque foi violento.

Em geral, em P, a proteção vem na forma de provisão no presente e à educação para um futuro mais bem sucedido para seus filhos: "eu não posso dá nada, então eu dou educação". Em P2, novamente, há uma proteção contra intervenções maternas, como explicitado

"para ela não ficar na bronca", e quando este pai descreve seu próprio pai: "não gostava de ver criança chorando(..) sempre pegava, acarinhava..."

Quando pergunto ao pai em P3, com filha de treze anos se se preocupava com namorados, se não sente ciúmes dela, diz: "não, deixo chegar a hora pra pensar. Eu não pensei nada disso ainda não, depois a gente pensa". No entanto, quando pergunto se se preocupa com ela, diz: "é, a gente se preocupa, ela não sai sozinha não, só sai Domingo; aí por fora ela sai, mas pra ir pra fora eu não deixo ela ir não". Ou seja, é um pai que tem um cuidado com sua filha que não lhe parece excessivo - "aí por fora ela sai" - e prefere pensar em namorados quando chegar na hora, não se trata de um problema, como é antecipado pelo pai em MA2.

Poderíamos resumir as características de proteção, dos pais estudados, como sendo, no grupo MA, associadas à antecipação de comportamentos sexuais indesejáveis, que se apresentam no meio social mais amplo (televisão, no carnaval ou no garoto que quer se aproveitar); e expressa em conversas e brincadeiras; há tendência à proteção-provisão que vai até a idade adulta, que conteria elementos de afetividade e controle. Ainda, de expressões de apego, de proteção física em momentos traumatizantes, como descreve o pai em MA3; também ocorreu com o pai em MA2, quando

sua filha de três anos, hospitalizada para uma cirurgia, pede a ele, e não à mãe, para acompanhá-la*. Um último aspecto de apego ocorre em MA7, onde o filho é um bebê de cinco meses, o pai se diz apaixonado por ele e opõe seu papel de provedor ao de quem quer saber tudo o que ocorre com seu bebê, "dia-a-dia, o que come, controlo", portanto um "controle" protetor.

No grupo P, a dimensão de proteção concentra-se na provisão de estudo para um futuro melhor como também na provisão de água para a higiene do bebê; a sexualidade não é problematizada, como algo que signifique uma ameaça que deva ser profilaticamente tratada; aparece também na conversa que o pai tem com o filho para alertá-lo sobre más companhias e influências do meio ou ainda sobre doenças que a insalubridade do local pode acarretar.**

*Esse pai conta: "Ela pede que eu fique". A partir daí apareceram valores novos.

**Vale lembrar, quanto ao aspecto de apego, que KOTELCHUCK, em 1976 em estudo de observação na Inglaterra, com bebês de 0 a 1 ano, concluiu que, se o pai estava minimamente envolvido em algum tipo de cuidado primário, ele poderia servir como figura de apego. Em outros estudos, estes em laboratório, os bebês reclamam com igual intensidade quando pai ou mãe os deixam sozinhos ou com um estranho, sorriem igualmente para ambos, e explorarão o ambiente na presença de qualquer um dos dois.

Podemos concluir que apesar do "pai protetor" proteger principalmente através da provisão (ou do aspecto provedor), o tipo de relação protetora que estabelece com o filho é manifestada através da conversa e está condicionada à individualidade de cada filho, as manifestações do filho em relação ao pai como também a vicissitudes - como episódios de doença - que ocorrem na história do relacionamento pai-filho. Também, a partir do fato que os pais de hoje ~~se~~ aproximam mais de seus filhos através do carinho físico ou dispensando primeiros ~~cuidados~~ ., a possibilidade de tornar-se "protetor físico" ou figura de apego torna-se maior do que ocorreu na relação com os pais de origem; um modelo para essa expressão física pode se configurar, portanto, em gestos maternos vivenciados na infância.

6.4.2. O VÍNCULO DE SANGUE

Não foi um objetivo, neste estudo, compreender aspectos da relação entre pais e filhos adotivos. Por mais interessante que o tema se apresentasse, a necessidade de recortar uma situação específica para este estudo acadêmico fez com que priorizasse o "pai concentrado", ou pai de família nuclear, que é, inclusive, biológico. No entanto, como vimos ao longo das descrições das representações da paternidade, o filho, em muitas culturas, tem uma função apenas social. Ser pai e ser filho existem fora do vínculo biológico, em oposição a uma conceituação generalizada no mundo ocidental de que o verdadeiro pai e o verdadeiro filho são aqueles que existem através do vínculo de sangue.

Em dois contatos que fiz com profissionais de saúde que atendem pessoas de uma classe social diferenciada (que gentilmente me receberam e contribuíram muito com informações e material), estes dois profissionais expressaram o seu interesse em envolver-se diretamente em um estudo de casos de filhos adotivos, tal a naturalidade que passa a existir nessa relação observada na prática clínica. Um deles cita o exemplo de uma mãe que comentou "sentir-se" como se seu filho adotivo tivesse realmente saído de sua barriga.

Durante as entrevistas, em dois momentos, o filho adotivo surgiu espontaneamente no discurso dos pais e acredito ser de interesse observar como isso se deu. Vale lembrar que estes pais, em suas famílias de origem, no grupo P, vieram todos de famílias nucle

adas onde pai, mãe e irmãos formavam a rede familiar de divisão cooperativa de atividades e trocas afetivas. Tios e avós com frequência moravam perto e se visitavam, mas não assumiam funções de cooperação nas atividades domésticas cotidianas, que tinham divisão clara entre "serviço de homem" e "serviço de mulher".

No grupo MA, no entanto, as famílias de origem eram mais extensas (com exceção de um caso) com tios, avós, tias e babás que dividiam funções domésticas com a mãe, ou se associavam com os pais nos negócios, ou mesmo residiam no mesmo domicílio. Em dois casos, havia irmãos adotivos (primos que ficaram órfãos). As relações afetivas são, em geral mais difusas, principalmente divididas também com avós, tias e babá, como já mencionado anteriormente.

No entanto, no grupo MA, apenas um pai mencionou a idéia de um filho adotivo, quando comenta: "... sempre pensei, casando, ter filhos. Teria muita dúvida em adotar, não sei se adotaria". "Por que?" pergunto. "Acho que não é a mesma coisa. Eu talvez não adotasse. Talvez egoísmo. Filho sempre pensei, pensei até em ter mais".

Já no grupo P, quando em P2 o pai fala sobre um filho homem que seria mais próximo a ele, comenta que talvez seria até mais apegado a ele do que é a filha. E acrescenta: "mas não dou bola. Só se for de criação. Filho adotivo". Pergunto se teriam um filho adotivo, ele responde que "se tivesse condições financeiras, talvez...", ao que a mulher acrescenta: "tem tanto sobrinho lá na Paraíba", mas

o marido conclui, dizendo: "se tivesse condição financeira melhor, pode sê até que tivesse filho adotivo, mas a situação tá chata, né!"

Em MA, o pai declara que pensou até em ter mais filhos, mas que não adotaria, por sentir que não é a mesma coisa, pensamento que atribui a egoísmo seu, e acrescenta: "filho, sempre pensei" ou seja, filho mesmo, é biológico, reforçando a característica do vínculo de sangue como sendo o elemento fundador na relação entre pai e filho.

Em P, no entanto, o pai até pensa em filho adotivo para satisfazer um prazer de companhia e proximidade com um filho homem; no entanto, não o tem por limitações externas, problemas financeiros, ou seja, para ele, a relação se configuraria como uma relação de amor e proximidade, impedida pela dificuldade de prover adequadamente.

"SANGUE" e "AMOR" são categorias encontradas por TÂNIA DAUSTER, em estudo publicado em 1988, sobre o significado da família em camadas médias urbanas, zona sul do Rio de Janeiro, e demonstra que, para essas famílias, o significado imputado aos laços biológicos, mais especificamente à categoria sangue, tem efeitos sociais e culturais que rompem seus próprios limites.*

*Para ABREU FILHO (1973), a categoria sangue (ou consanguinidade), à medida que se articula com outras categorias que delimitam o universo do parentesco, não somente designa a substância, como também possui valor simbólico.

Uma das pessoas entrevistadas por DAUSTER fala de sua idealização de família como sendo um grupo solidário de pessoas com fortes vínculos afetivos, que na sua família do origem não existem e diz:

"A família... é definida em cima de laços afetivos e não laços biológicos. O dado biológico pode ser reforçado ou minimizado. Não quero dizer que não existam, mesmo quando não se vê a sua importância. Por exemplo, na relação com a minha filha, os laços afetivos podem ou não se desenvolver. A passagem não é tão demarcada. A emoção biológica de ter gerado é uma vibração que passa e é mais importante para os pais do que para o filho. É importante porque, através dela, o pai se sente sobrevivendo no filho".

Em outra situação descrita no trabalho de DAUSTER, uma das mulheres entrevistadas descreve que, após a morte do pai, a mãe se casa novamente e o padrasto é incorporado com os filhos do primeiro casamento. Enquanto sua mãe rejeitava estas crianças, ele incluía as delas em sua vida afetiva. Esta pessoa dá-se conta, então, que o "padrasto gostava de nós e nós éramos uma família para ele".

Dessa forma, tanto os dois pais entrevistados neste trabalho como aqueles no trabalho de DAUSTER, demonstram que a categoria "sangue" dos laços biológicos depende de como ela é simbolizada para os indivíduos, reforçada para alguns (como o pai que se diz egoísta por não adotar, ou pela mãe que rejeita os enteados) ou minimizados como no caso do pai em P2, ou do padrasto que incluía os filhos da mulher em sua vida afetiva.

Assim como a pessoa entrevistada coloca que a emoção biológica de ter gerado é mais importante para os pais do que para o filho, porque estes se vêem sobrevivendo nele, a mãe que fala ao profissional de saúde tem a fantasia do momento em que seu filho adotivo saiu de sua barriga. A emoção de se sentir ligado, ou sobrevivendo no filho, fica novamente associada ao biológico, e não a vínculos afetivos e trocas de identificação que dão o prazer da realização nos filhos, como explicitado pelos pais atuais em P. Como o pai em MA6 considera, no entanto, você cria um corpo e uma cabeça ou seja, com o filho adotivo pode-se criar a cabeça que, por sua vez, leva até mesmo à fantasia do vínculo de sangue.

6.4.3. O PARTO, A GRAVIDEZ, PRIMEIROS CUIDADOS

Em termos gerais, vale assinalar que nenhum dos pais do grupo P assistiu ao parto de seus filhos. No grupo MA, três pais assistiram a quatro partos, e quatro pais não o fizeram em onze nascimentos.

No grupo P, as respostas eram sempre parecidas e expressas de forma natural: levavam a mulher para o hospital, às vezes esperavam, ou iam embora para depois telefonar para saber notícias e então ir buscá-los, mãe e filho, adaptando-se naturalmente à rotina do atendimento público.

No grupo MA, que certamente tem acesso à informação, ou à possibilidade de acompanhar o parto de seus filhos, aqueles pais que não assistiram ao parto se expressam de forma semelhante. Em MA5, pergunto se assistiu ao parto:

"Deus me livre. Uma amiga, depois que o neném nasceu, estava contando o que aconteceu, fiquei na porta, não consigo, passo mal. Muita gente tem esse negócio, quer filmar e tal, eu passo mal. Vão ter que cuidar de mim lá, passando mal. Nunca tive essa curiosidade. Não me diz nada. Tem gente para quem diz alguma coisa. Perguntaram se eu queria assistir. Não, não quero, passo mal".

Em MA4, quando comento que, ao tempo que teve seus filhos, pais não acompanhavam o parto, comenta:

"Mesmo hoje eu não participaria. Jamais. Fico do lado de fora, nervoso, não quero participar de nada, não, tá doido. Eu cairia duro na hora. E ela não ia querer. Acho que ela acha que não é negócio muito estético. Também acho. Amigo meu veio mostrar as fotografias... digo, começa a mostrar daqui, tá? Antes, deixa pra lá. Não é coisa bonita".

Em MA3, pergunto se assistiu ao parto:

"Não, não tenho coração para isso. Não sei se coração ou estômago. Não é coisa que devo fazer. Devo ficar do lado de fora e deixar para quem sabe fazer e depois mostrar o resultado".

Em MA1, MA2 e MA7, os pais estiveram presentes em partos de filhos, e descrevem da seguinte maneira a experiência: em MA2...

"Só no terceiro pude ir. No primeiro até queria, mas morria de medo. Foi uma coisa deslumbrante. Hoje acho que não estava preparado no segundo. No terceiro já estava mais escolado, mais velho, mais cansado da vida, mais experiente com as coisas, é algo que não me sai da cabeça; eu filmei, de vez em quando a gente vê".

Em MA1, a presença foi facilitada pela vivência do pai na área de saúde. No entanto, por essa mesma experiência, atribuiu sua intensa preocupação com a criança, no primeiro parto:

"A preocupação no parto era inteiramente em ver a criança perfeita. O que era para estar fechado, estava fechado, o que era para estar aberto, estava aberto".

Admite ainda que, no segundo parto, sentiu muito mais tranquilo (essa preocupação com possíveis anomalias no primeiro bebê manifesta-se antes mesmo da gravidez confirmada, como veremos mais adiante).

Para o pai em MA7, o parto foi experiência que viveu cinco meses antes da entrevista, e descreve-o assim:

"Eu nem fiquei tão emocionado, porque preocupação maior ,

preocupação era com X (mulher), nem vi quando saiu, só vi quando puxaram... Foi até bom, semana da Páscoa tranquila, sem trabalho, não posso largar tudo no trabalho, mil pessoas, tenho que estar presente por causa da época, fiquei o tempo todo. Agora, sinto paixão muito maior, acho um barato. Uma paixão muito diferente".*

Este pai, o único que não desejava filhos no grupo MA, e concorda com o desejo de sua mulher, ainda está mais voltado para ela no momento do parto. É só à medida que tem oportunidade de interagir com o bebê, liberado de suas obrigações profissionais, que passa então a desenvolver uma relação com seu filho que, agora, classifica como "uma paixão nunca sentida antes".

Em MA2, o pai caracteriza as emoções no momento do parto como um processo de maturação do homem, ele fica mais preparado à me-

*Este pai, hoje, é quem todo o dia dá a mamadeira da meia noite (me convida para assisti-lo trocar e alimentar a criança) porque "tudo que sou apaixonado me atrai e eu tô". Este pai, ao final da entrevista, prepara a mamadeira e troca o bebê, de forma, eu diria "masculina", com movimentos "firmes"; demonstra grande prazer ao fazê-lo e o bebê responde de forma muito tranqüila e simbólica, sem qualquer ressentimento pela falta de uma "suavidade feminina" em seu manuseio. Como figura de apego, no sentido de BOWLBY, esta interação pai-filho foi absolutamente perfeita, apesar de, para um observador, tratou-se de uma interação "desajeitada" em comparação a um estereótipo que, aliás, ainda não existe para o bebê. U. DE AJUKIAGUERRA escreve à esse respeito: "de tanto aceitar um fato evidente, de tanto igualmente idealizar o amor materno, não se insiste suficientemente no amor paterno, amor direto e sem intermediário, trazido por outras mãos que não as da mãe, pois sabemos que as carícias do homem embora mais rudes, são por vezes gratificantes e que as mulheres nem sempre tem as unhas curtas". (pag. 819)

dida que está "mais velho", "mais experiente", "mais cansado da vida". No primeiro filho tem a ambivalência de querer, mas morre de medo; medo, podemos inferir, pela sua própria reação e sentimentos durante uma experiência totalmente desconhecida; no entanto, fantasiada de alguma forma, como fica explicitado na fala dos pais que não assistiram ao parto de seus filhos: já sabem de antemão que "vão passar mal", "não têm estômago para isso", "não é algo que se deve fazer". Expressam uma visão de mundo, onde o parto é algo terrível de se ver, é algo que não devem fazer, devem ficar do lado de fora, esperando, nervosos; para as mulheres, no entanto, ou as coisas correm bem, e só, ou ocorrem problemas mais sérios, que relatados retrospectivamente, não caracterizam emoções mais fortes, ou ainda, como comentado por uma mãe do grupo MA, sentiu-se muito só, porque "no primeiro filho todo mundo estava em volta, no segundo, passei a primeira noite sozinha no hospital. Fiquei triste , queria um colo".

O que aparece nos relatos dos homens é sempre uma recordação no nível de emoções fortes, e não de procedimentos, detalhes de horas, detalhes médicos, etc. Há grande preocupação com a mulher de quem estava mais próximo afetivamente. mais do que do filho; preocupação com o filho por temer que este nascesse com algum defeito ("destrói o ego da pessoa", comenta), ou de como foi deslumbrante e são momentos que não saem da cabeça, ou ainda como algo que não se deve fazer, porque participar os faria passar mal fisicamente (uma fuga para evitar uma ameaça física de mal estar e tensão , no sentido de dois dos três Fs (flight e fear) citados por PARCEVAL).

Para as mulheres, é natural, anti-estético, às vezes complicado, mas "resolvido" emocionalmente e o que fica, em um caso, é a solidão de não ter o companheiro após uma experiência na qual gostaria de um "colo", por uma sensação de fragilidade que podemos considerar corriqueira após um parto, como ele é vivido no mundo ocidental (o parto medicalizado, em oposição ao "parto natural" após o qual a mulher continua envolvida em suas atividades cotidianas, como ocorre em outras culturas, principalmente naquelas aonde existe o resguardo ritual masculino).

O período de gravidez é descrito pelos pais de forma muito sucinta em ambos os grupos; em P, alguns pais falaram na preocupação ou com naturalidade de as mulheres estarem trabalhando. Em MA há menções sobre a fragilidade da mulher grávida, perigo de cair ou dirigir. Em um caso, o pai disse: "lembro dessa fase como não sendo agradável. Não há nenhum fato que tenha sido negativo. Bonito, cresce a barriga, você sabe que é o filho... sem problema".

Um dos pais em MA refere-se ao fato que nunca deixou de ter relações sexuais durante a gravidez. No entanto, outro pai comenta:

"A gravidez para a mulher é muito difícil, a primeira, principalmente... porque a mulher começa a se deformar e é muito vaidosa... é natural que o homem não tenha o mesmo apetite sexual, que acho até doentio. Homem que gosta de transar com mulher grávida é até doença. Eu acho que é uma questão ... proteção... preservada... certo, além disso a estética não é a mesma, o que incomoda mais na mulher do que no homem".

Assim como também o parto, a gravidez é algo que não é estético, bonito de ver, ou atraente sexualmente, e quando o é, parece doença. Existe alguma coisa de repugnante que passa, através desses pais, em relação à gravidez e ao parto. No entanto, outro pai nota que nada mudou em termos sexuais, se expressando de forma espontânea, ou seja, denotando a sua vivência em oposição a outras. Este mesmo pai tem a "visão de mundo" do parto como experiência deslumbrante após sentir-se mais maduro - ou como experiência a ser registrada com filmes e fotos e compartilhada com pessoas do círculo de amizades - um rito de passagem público, alegre, como uma festa de aniversário, ou casamento - e não uma "passagem" privada, restrita à mulher e à equipe médica.

Há dois casos interessantes de nota: em MA1, o pai preocupado com o bebê no momento do parto, descreve da seguinte forma o período de gravidez de seu primeiro filho:

"Antes mesmo da gravidez confirmada, fomos a um bar, e conversei com ela; disse que se alguma coisa acontecesse com o bebê, não tinha importância, nosso relacionamento continuaria o mesmo. Ela rejeitou o que eu dizia, não queria pensar nisso, mas eu fiquei desesperado durante a gravidez. Algo destrói o seu ego, criança sofre duplamente, acabaria com a alegria dela".

Não cabe aqui interpretar tais fantasias negativas em relação a um futuro filho ainda nem concebido. No entanto, podemos admitir que esse receio passa pelo que o pai descreveu como "algo que destrói o seu ego", ou seja, que representaria uma "ferida na

císica" como coloca PARCEVAL.

Um último caso, descrito por um pai do grupo P para ser perguntado se assistiria ao parto dos filhos, declara que não o faria "medicina é coisa séria, a gente não está acostumado com aquilo mesmo, é coisa desagradável para a pessoa leiga, que não faz parte do assunto", e diz:

"Eu soube por telefone. Interessante, que no nascimento dos meus filhos eu fiquei doente, todos os três. É impressionante, eu tive até princípio de pneumonia, tive uma febre tremenda. Não sei se é aquela angústia, aquela ansiedade, o nervoso, aquela espera, o primeiro pensamento é pra que nasça normal, que não tenha defeito, a gente reza muito... Nos três filhos foi febre, a mesma coisa, mas no terceiro foi pior, me senti mal mesmo (primeira filha mulher depois de dois homens). Passava logo, depois daquele dia ficava tubo bem. Era só um dia só, um dia que eu ficava ruim".

Não há como não associar estas manifestações às descritas por PARCEVAL em relação ao resguardo patogênico.

Este pai refere-se a "angústia", "ansiedade", "nervoso", sugerindo um "stress" que pode levar a queda de resistência do organismo. Além do mais, o fato de ser um episódio recorrente por três vezes - "no quarto filho estava mais tranquilo - de forma tão semelhante - era só por um dia" - e associada ao parto -

mento de seus filhos pelo próprio pai, indica que, através de seu corpo, manifestou uma reação, precipitada pelo ato de tornar-se pai.

No entanto, atribui o mal estar à angústia, ansiedade pela saúde da criança, mas só ficava com febre depois de ligar para a maternidade e saber que tudo tinha corrido bem. Ainda, descreve o episódio mais severo de febre no terceiro filho, mas a primeira menina assim:

"Fui ao médico no dia seguinte, ele disse que tive princípio de pneumonia; eu que parecia com a cabeça toda estourada. Coisa tremenda, estava sozinho em casa, quase morri, a água que botei ao lado da cama foi minha salvação, eu não conseguia levantar da cama".

Novamente, a alusão a um momento de solidão, que não cabe aqui interpretar como ciúme da mulher que está com o filho e não com ele (como seria a interpretação psicanalítica dos impulsos agressivos de rivalidade com o bebê), mas sim de uma sensação de abandono, de solidão como com a mãe em MA que passa a noite só no hospital; são situações onde as três pessoas envolvidas - pai, mãe e filho - encontram-se separados.

Em relação aos primeiros cuidados com o bebê, os pais em geral tem receio de deixá-lo cair, nos dois grupos* (alguns deles relatam que pegam depois de maiorzinhos, já com um ano). No entanto, nos dois grupos, como em "Protetor e figura de apego" a aproximação física com os filhos é muito maior, e alguns deles participam diretamente em cuidados com o bebê, ou porque a mulher trabalha, no caso descrito em MA2, ou porque a mulher tem sono pesado

*No entanto, algumas mulheres em MA relatam o mesmo temor e inabilidade de lidar com o primeiro bebê.

(MA4) ou, ainda, pelo desejo de participação do próprio pai (MA7).

Um deles, em MA3, descreve o seguinte:

"... O primeiro banho fui eu quem dei... e depois larguei. Trocar fraldas, não sei se troquei... É muito desagradável essa parte, enfim... o primeiro banho da criança ninguém queria dar... eu fui... peguei e dei banho na criança. Até aí tudo bem, mas a partir daí é outro departamento. Você põe esse negócio de machismo e tal... também tem o lado prático da coisa... cocô em fralda de criança nunca é experiência agradável... dar banho sem afogar também não é.... preferi deixar isso para a sensibilidade de minha mulher, ou da enfermeira, quem quer que seja..."

Este homem encaixa-se no estereótipo descrito por PARCEVAL nos livros de Puericultura, principalmente no que se refere à "sensibilidade feminina" em relação ao "cocô em fralda de criança". No entanto, caracteriza também a associação dos primeiros cuidados do bebê à sensibilidade feminina, e só deu o primeiro banho, porque ninguém queria dar (provavelmente tão inseguros quanto ele em manipular um recém-nascido na água sem afogá-lo). Esse pai que pegou muita intimidade com seus filhos, "intimidade de pegar, de carinho" deu o primeiro banho movido por uma necessidade, teve mais "coragem" do que as outras pessoas presentes, apesar de não ser uma experiência agradável.

Conversando com o Dr. Pedro Solberg, pediatra de grande experiência no Rio de Janeiro, sobre a dificuldade de aproximação do pai em relação a seu bebê pequeno, ele a atribui ao verdadeiro cerco feito à criança por figuras femininas, que vão da enfermeira, à mãe, à avó, que impedem e, às vezes, ridicularizam o pai quando

pega o bebê. Essa situação é literalmente explicitada por um pai, em P6 quando lhe pergunto se ajudou a cuidar:

"Ajudava porque às vezes só estava eu, ela e o X (filho mais velho). O mais novo não ajudei não. Primeiro ajudei porque nós morava lá em cima, então tinha esses negócio de dar mamadeira e começava a chorar aí eu pegava e - le, né. Já o outro não, quando ele nasceu tinha muita gente pegando, né, então..."

Poderíamos resumir esse período do nascimento de um filho-gravidez, parto e pós-parto - da seguinte maneira, no grupo MA:

Em primeiro lugar a gravidez não representa período especial para os pais, atribuído muito mais como um momento feminino: a deformação do corpo é mais lamentada pela mulher, ela fica mais frágil, ela fica desejável ou não, sexualmente; ou ainda, é encarada "naturalmente". No entanto, o pai em MA1 fica muito ansioso pela saúde do bebê (muito mais do que aquele reportado por todas as mulheres ouvidas) e em MA2 sempre mudam de residência. São duas situações que podem ser consideradas dentro da categoria de acting como PARCEVAL.

Em P, novamente a gravidez não é período especial para os pais. No entanto, o pai em P4 tem febre ao saber do nascimento de três dos seus filhos - ou seja, uma manifestação física associada pelo pai aos nascimentos; e o pai em P7 - como descrito por sua mulher, citada em "Desejo de um Filho" - "chorou a noite inteira" após o nascimento da menina e do menino que fantasiou ter; podemos deduzir que estes são casos de "resguardo psicossomático" e acting da pa-

ternidade, respectivamente, como PARCEVAL descreveu.

Assim, mesmo não admitido culturalmente entre nós, estes são exemplos de "resguardo em surdina" e percebidos pelos interessados como manifestações relacionadas ao nascimento de seus filhos, mais intensas em MA1 no primeiro filho, e em P4 na primeira filha mulher, como nas pesquisas citadas por PARCEVAL (lembrando ainda que em P4, no quarto filho não ocorreu episódio de febre, segundo o pai "porque já estava mais tranquilo").

Vale lembrar apenas um caso; em MA2, é relatada uma situação que ilustra a importância das atitudes do pai, ao lado de sua mulher que está grávida aqui, pela segunda vez:

"Eu não queria dividir o amor que tinha por aquela coisa linda (primeira filha) e a experiência de ter uma criança mais parecida fisicamente comigo (a primeira não era). Eu renego a gravidez integral. Eu criei para minha mulher uma situação muito difícil. Eu não olhava para ela, não encostava, não fazia carinho. Aí começo a me apaixonar pela segunda".

Aqui, em contraposição à ausência de lembranças à época da gravidez de seus filhos, este pai ilustra uma série de fantasias e expectativas que levaram à uma situação difícil para sua mulher porque a evitava de todas as formas.

MALDONADO (1986) afirma, a esse respeito, em PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ;

"Infelizmente, a maioria dos trabalhos sobre o aspecto grávido puerperal concentram-se quase exclusivamente nas modi

ficações da mulher e atentam pouco para a paternidade como transição e a interinfluência do casal nas respectivas maneiras de vivenciar a gravidez. Na realidade, as atitudes do marido em relação à mulher grávida contribuem imensamente para sua aceitação ou rejeição da gravidez, para a maneira como vai vivenciar uma série de outras modificações como, por exemplo, as alterações do esquema corporal. E as atitudes da mulher em relação ao marido, principalmente (...) no encorajamento de sua participação máxima durante e após a gravidez, contribuem enormemente para atenuar ou intensificar sentimentos de abandono, de ciúmes e rivalidade para com o bebê. É fundamental, portanto, enfatizar as interações de toda a unidade familiar na medida em que cada membro desta unidade sofre transformações significativas sob o impacto da gravidez." (pag. 25)

No entanto, essas modificações em um processo de transição para o pai, decorrente do nascimento de um filho, são pouco explicitadas, configurando apenas como um período do qual se lembra pouco, é mais significativo para as mulheres, e ele só tem oportunidade de se aproximar na medida em que o trabalho e as figuras femininas em torno da criança o permitirem e incentivarem.

CAPÍTULO 7 - A CONSTRUÇÃO DO PAPEL PATERNO

"... Embora o estoque social do conhecimento represente o mundo cotidiano de maneira integrada, diferenciado de acordo com zonas de familiaridade e afastamento, deixa opaca a totalidade desse mundo. Noutras palavras, a realidade da vida cotidiana sempre aparece como uma zona clara atrás da qual há um fundo de obscuridade. Assim como certas zonas da realidade são iluminadas, outras permanecem na sombra. Não posso conhecer tudo o que há para conhecer a respeito dessa realidade... Há sempre coisas que passam 'por traz de mim'... Meu conhecimento da vida cotidiana tem a qualidade de um instrumento que abre caminho através de uma floresta e enquanto faz isso projeta um estreito cone de luz sobre aquilo que está situado logo a - diante e imediatamente ao redor, enquanto em todos os lados do caminho continua a haver a escuridão. Esta imagem é ainda mais adequada, evidentemente, às múltiplas realidades nas quais a vida cotidiana é continuamente transcendida. Esta última afirmação pode ser parafraseada, poeticamente mesmo quando não exaustivamente, dizendo que a realidade da vida cotidiana é toldada pela penumbra dos nossos sonhos".

BERGER & LUCKMAN, in A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Este trabalho não tem um ponto que possa ser exatamente definido como final, em razão da riqueza do material colhido por intermédio das entrevistas, e da consideração teórica de BERGER & LUCKMAN acima transcrita.

Ainda mais, seu objetivo foi principalmente propor uma forma de pensar sobre um "fluxo relacional" na família que tem sido surpreendentemente negligenciado na forma aqui proposta.

Mais do que responder questões, a intenção foi justamente questionar uma falta e oferecer indicações, sinalizar caminhos que pos

sam ser retomados.

Não há como descrever um processo que se pretenda completo de construção do papel paterno porque acima de tudo ele é individual e próprio a cada homem. O objetivo aqui foi iluminar certas zonas da realidade que 14 homens do Sul da cidade do Rio de Janeiro vivem no cotidiano familiar em seu papel de pais. Apesar de viverem geograficamente muito próximos, diferenciam-se profundamente na maneira como vivenciam a realidade da vida cotidiana. No entanto, o fato comum de desempenharem determinado papel, num mesmo tempo, em uma região particular, faz com que, dentro de suas individualidades, aspectos muito semelhantes e coincidentes no desenvolvimento de suas relações com filhos em nível conscientemente afetivo e cognitivo nos ofereçam alguma compreensão do processo de tornar-se pai.

A partir das descrições nas diversas categorias, podemos depreender claramente que o desenvolvimento do relacionamento paterno está diretamente implicado na história infantil destes indivíduos e nas suas relações com os outros significativos, principalmente pai, mãe e figuras masculinas.

Durante o período de socialização primária, o menino constrói sua identidade e valores nas experiências que classifica como boas ou más, mas que lhe darão parâmetros para julgar e atuar na vida adulta como pais. Se a socialização primária do indivíduo constroi primeiramente a sua visão de mundo para a totalidade das relações sociais, isso é especialmente relevante na visão de mundo para o seu pa

pel de pai.

Os filhos vêm por acaso, por consentimento, com naturalidade, mas vêm especialmente porque são desejados, no caso destes grupos. A característica de controle social e de conhecimento, no grupo MA, torna o filho que "vem desejado", ainda mais marcante. Porque são desejados, eles são amados, providos, educados e "moldados em suas personalidades"; proporcionam emoções intensas na vida destes homens, oferecem oportunidades de reparação das vivências infantis consideradas insatisfatórias, ou de repetição do prazer proporcionado pela presença de outros significativos. Mais ainda, esse prazer é proporcionado pela verdadeira "criação" de um outro significativo, quer seja essa criação diretamente atribuída a si próprio, quer seja atribuída ao acaso, à natureza, à mulher, a Deus.

Os filhos fazem parte da realização pessoal de seus pais, como também da realização conjugal. A necessidade de prover faz com que o homem se empenhe na produção de bens para seus filhos, assim como na educação e, conseqüentemente sinta-se gratificado no seu sucesso quando o consegue, mas representa também um grau variado de renúncia a seus próprios desejos. Representa ainda uma fonte de ambigüidades, principalmente por viverem em mundo de mudanças sociais aceleradas que põem em choque valores, sentimentos e padrões de comportamento adquiridos na infância, no primeiro processo de socialização, mais marcadamente em MA. Esse processo de modernização, no entanto, vai permitir que haja oportunidades de reparação de experiências infantis insatisfatórias com seus pais.

A possibilidade de oferecerem oportunidade de escolhas a seus filhos na vida futura e profissional, é marcadamente contrastada com uma vivência de imposição paterna vivida na infância. No entanto, quando o exemplo do pai que oferece o "livre arbítrio" é aceito, passa a existir um processo de aproximação e identificação que pode estar associado a comportamento de gênero, e a diferentes idades, mais marcante nos pais atuais de MA e caracterizado como mudança no grupo P, com a educação das filhas.

O pai como protetor é acima de tudo o pai provedor. Ele também protege dos castigos da mãe que está mais em contato relacional com o filho. O pai protege, conversando e orientando, conversando mais com seus filhos, principalmente sobre orientação sexual — apesar de alguns filhos nos dois grupos, ainda preferirem as mães para isso; pela maior aproximação corporal do pai atual com seus filhos — "o pai de hoje que pega os filhos" — ele também pode significar uma figura de apego, de proteção física para seu filho, o que passa a representar, para si próprio, também uma relação de apego significativa.

Nesse sentido, exercer a autoridade necessária para que os filhos se preparem para a vida futura, para a internalização de limites é problemática em MA. Ainda, por situações diversas, alguns pais nos dos grupos vêem no social uma inversão completa daqueles valores considerados desejáveis e que promovem junto a seus filhos. "Ser um aproveitador", "ser um bandido" são exemplos no cotidiano do social

desses dois grupos que, ao contrário do que seria desejável, aparecem como valores apropriados, na medida em que para MA é compensado "que leva vantagem em tudo", e em P há o mito "Robin Hood", que tira dos ricos para dar aos pobres, que protege, provendo benefícios, enquanto a autoridade policial agride indiscriminadamente e os coloca todos na categoria de bandidos, porque pobres.

Impor limites é também alguma coisa desagradável, na medida em que há uma relação de amor mais marcada, mais próxima. O filho como produção de si, criação que faz uma aproximação com o divino—por que em si próprio ou porque concedido—associado com a situação de exigência no trabalho, intrínseca ao papel de provedor, torna o exercício da autoridade mais problemática e fonte de ambivalência, principalmente quando a autoridade é exercida na interferência do castigo materno.

Novamente o filho como produção de si é enfatizado na questão do filho de sangue e do filho de amor. A idéia do filho adotivo é pouco trazida, e quando mencionada, recusada, por causa de um egoísmo (filho de sangue é natural, filho adotivo é despreendimento) no grupo MA, mas admitida para um relacionamento significativo no grupo P. Podemos considerar, no entanto, que se trata de uma valorização que depende de investimentos afetivos da parte dos pais (e mães) a partir de manifestações individuais.

A gravidez e o parto são vividos como algo exclusivamente

das mulheres, e causam, em geral, afastamento por parte dos homens, o que, reconhecido por um pai, "provoquei uma situação difícil para ela".

No entanto, há uma aproximação, de intensidade variada, entre pai e bebê, que depende principalmente da não interferência de figuras femininas que tradicionalmente assumem os primeiros contatos com a criança.

A partir dessas considerações e das categorias (ou temas) que surgiram nas entrevistas, podemos delinear alguns pontos importantes na construção do papel paterno:

- A maneira como as primeiras relações significativas na infância ocorreram para estes homens, em especial a relação com seu próprio pai e outras figuras masculinas.
- A concepção de uma determinação natural em ter filhos, de "homem que também deseja filhos" em sentido intra-psíquico.
- A escolha conjugal, "a mulher certa" com quem se tem um filho, em oposição a situações onde o filho "seria um desastre" na vida de alguns homens.
- Apesar do desejo de ter filhos, eles são cuidadosamente programados, principalmente pelos pais, em detrimento do desejo das mães, sobretudo no grupo MA, enquanto que no grupo P o filho "vem", lhe é dado, caracter

rizando uma falta de domínio ou de controle direto propriamente dito . Quando esse controle é bem sucedido, há um alívio de poderem adequar suas necessidades ao longo da vida com a vinda de mais uma pessoa ao mundo, sob sua responsabilidade.

- Gravidez é fonte de alegria inicial, porém nunca aparece como algo agradável. A barriga é essencialmente feminina, há o aspecto protetor da fragilidade que representa, entre nós, a gravidez.

- A expectativa ou ansiedade de um filho normal é preocupação paterna durante a gravidez, em maior ou menor grau, na medida em que um filho defeituoso representaria uma "destruição do ego", ou uma ferida narcísica, como utiliza PARCEVAL (da mesma forma como um defeito paterno pode se tornar para o filho).

- O parto é algo de que não se deve participar, ou porque há impedimento institucional ao qual o pai se adapta naturalmente, como em P, ou porque representa uma ameaça de mal estar físico para os pais. No entanto, também pode representar uma experiência deslumbrante, algo "que não sai da cabeça".

- Expressões de sentimentos de solidão ocorrem às vezes, quando, em razão da hospitalização, há uma separação do casal em momento tão significativo para os dois cônjuges.

- Devido a motivações internas, às mudanças sociais, e/ou à falta de outras figuras femininas na família nucleada para auxiliarem nos primeiros cuidados, passa a existir um espaço aberto, em maior ou

menor grau, para que o pai possa encontrar um prazer, classificado por alguns, tão importante e tão especial comparado em ordem, à sua própria existência, na relação com seus filhos.

- A aproximação física e atitudes carinhosas de pai para filhos podem ser expressões que foram, primeiramente experimentadas com as suas mães, porém não obrigatoriamente, como enfatizado pelos resultados do grupo P, aonde atitudes paternas de carinho são reeditadas no relacionamento com os filhos; o fato de certa forma contraria uma dada posição psicanalítica que considera o carinho e amor paternos originários de um aspecto homossexual reprimido no homem, já que esse carinho também existiu em família de origem em P, onde os papéis de gênero eram profundamente delimitados, e ser carinhoso com os filhos era motivo de admiração na comunidade e não ridicularizado como não masculino.

- A necessidade de inculcar limites através da educação dos filhos está aliada a sensações de culpa diversas - como não se sentirem bons pais - agravadas por uma valorização da impunidade ou mesmo da promoção de atividades ilegais no cotidiano social de pais e filhos. Ainda, exercer autoridade é difícil porque não se conhece propriamente os limites (nem 8 nem 80) aonde o psicologismo prega uma livre expressão de criança para o seu desenvolvimento emocional e entra em choque com a necessidade de organização das atividades domésticas e do futuro, profissional e social dos filhos.

- A vinculação tardia dos pais aos filhos mesmo quando estes já

são jovens adultos é expressa pelos pais na preocupação em oferecer - lhes melhores oportunidades e maior proximidade afetiva, em contraposição ao que acontece nos países anglo-saxões onde o pai torna-se um "estranho para o filho", sem oportunidade de maior expressão física de carinho; por outro lado, é admitida uma atitude que continua a manter controle sobre os filhos impedindo-lhes de viver sua própria independência mesmo quando já alcançada juridicamente. Assim, a relação pai-filho que se estabelece ao longo da vida, como MORIN, aqui se expressa ainda como o pai provendo economicamente a seus filhos, e não apenas como relacionamento entre adultos próximos e íntimos*.

Vivendo em famílias nucleadas, estes homens naturalmente desejaram seus filhos como parte importante nas suas histórias de vida. Se a realidade da vida, no âmbito público do trabalho, é muitas vezes forte o suficiente para compor parte de suas personalidades, estes homens também dedicam grande parte do produto desse trabalho a mulher e filhos e são estes que, muitas vezes, o promovem em maior empenho para construir seu patrimônio**.

*Este fato acomoda-se à análise de ROBERTO DA MATTA em *Família como Valor*, que, sob muitos ângulos, analisa a família brasileira no ponto de vista da manutenção do sistema de classes, onde o nepotismo, ou familiarismo, sempre influenciou a vida pública brasileira.

** (do latim *patrimoniu*) 1) herança paterna; 2) bens de família; 3) dote dos ordinandos; 4) fig. Riqueza: patrimônio moral, cultural, intelectual, etc. (HOLLANDA, 1986).

Os filhos representam oportunidades de reparação e reedição de relações prazerosas, além de reafirmações narcísicas e realização pessoal, enfatizado muitas vezes como possibilidade de "liberdade" e "felicidade".

Paga-se ainda um preço não pecuniário por filhos: perda de individualidade, do "tempo", do controle e da paciência que, por sua vez, induz a ambiguidades, culpas, mas também à naturalidade de um fluxo contínuo que representa a VIDA.

8 - CONCLUSÃO

A partir da noção de naturalidade atribuída à mulher na relação com a criança, discuti aspectos socio biológicos e ontogenéticos na relação do homem com a criança para relativizar os papéis paterno e materno na reprodução.

Como PARCEVAL, discuti a redução do papel do pai ao coito fecundante e/ou ao pai cumprindo apenas um papel social, ampliando-o ainda ao aspecto intrapsíquico relacional, onde haveria uma dialética pai-filho e não apenas um vetor filho-pai, como teorizou a Psicanálise que, a exemplo de outras áreas do conhecimento foi construída a partir de uma visão de mundo masculina.

Sob perspectiva mais próxima, discuti aspectos de nossa língua que revelam uma falta de opções de simbolização e derivação do vocábulo PAI na relação privada com o filho; no entanto, as dimensões de autoridade e proteção, que seriam atributos do papel paterno, encontram-se em palavras derivadas, relativas ao âmbito público.

Justifiquei a importância do trabalho, baseando-me em publicações e dados demográficos da ONU e do IBGE, em problemas levantados por DURHAM e BOLTANI, a partir dos quais é possível constatar que há um aumento crescente no número de crianças que nascem em nosso país, com vínculo paterno biológico desconhecido (900 000 bebês, em 1988). Isso ocorre apesar do índice de natalidade da população estar

decrecendo rapidamente ou seja, enquanto menos crianças nascem, mais crianças nascem sem vínculo com o pai biológico.

Levando-se em conta que o principal aspecto do papel paterno - o de PROVIDOR* - é extremamente problemático em contexto social de crescente empobrecimento das classes baixas e, entre estas, o aumento no número de famílias monoparentais - especialmente de mulheres de origem negra, esse aspecto revela-se um fator importante a contribuir para o crescente número de crianças abandonadas à própria sorte nos grandes centros urbanos do país, em proporção nacional de milhões.

Como BERGER & LUCKMAN afirmam que "a realidade subjetiva de uma coisa da qual nunca se fala torna-se vacilante", e constatando a falta de elaboração linguística, falta em nível demográfico e, principalmente, falta no nível de idéias, decidi, nesta pesquisa, trabalhar com a categoria PAI como um processo de construção de parte da subjetividade do homem, a fim de "iluminar" aspectos relacionais entre pai e filhos.

Contribuição a determinado "campo semântico" que inclui o homem numa relação de amor não genitalizado como o é a relação pai-

*O mais freqüente nas análises etnológicas; aquele previsto por lei onde o filho ilegítimo poderá acionar o pai em segredo de justiça - (art. 4º da LEI nº 883 de 21 de outubro de 1949) e o único absoluto na pesquisa aqui empreendida, confundindo-se inclusive ao aspecto de proteção.

filho, este trabalho, se por um lado, entra em choque com aquela realidade aonde o filho "é da mãe", por outro também nos leva a refletir sobre relações praticadas no meio social mais amplo que, para muitos, se origina na instituição da família, e nos aspectos que GEORGE HERBERT MEAD qualifica como "simpatia" no trecho que se segue:

"(...) The attitude that we characterize as that of sympathy in the adult springs from the same capacity to take the role of the other person with whom one is socially implicated(...) We tend to term "sympathetic", however, for those kindly acts and attitudes which are essential binding cords in the life of any human group. Whether we agree with MACDOUGALL or not in his contention that the fundamental character of tenderness which goes out into whatever we denominate as humane, or human in the sense of humane, has its source in the parental impulses, there can be no doubt that the fundamental attitude of giving assistance in varied ways to others gets its striking exercise in relation to children. Helplessness in any form reduces us to children, and arouses the parental responses in the other members of the community to which we belong... the human adult has already come into society through the door of childhood of some sort, a self that has arisen through assuming various roles. He turns to his or her children therefore with that we term sympathy. But the mother and the father exercise this attitude most constantly in their parental responses. More than in any other sense, psychologically, society has developed out of the family."

GEORGE HERBERT MEAD in *Mind, Self, Society* -
1934

BIBLIOGRAFIA
(consultada e citada)

- ABERASTURI A. & SALAS, E. - A Paternidade, um enfoque psicanalítico; Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- ARAGÃO, L.T. - "Em Nome da Mãe", Perspectivas Antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro, Zahar, 1983 - vol. 3.
- BADINTER, E. - Um Amor Conquistado-O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BERGER P. & LUCKMAN, T. - A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Vozes, 1987. 7ª ed.
- BLOS., P. - "Son and Father", Journal of the American Psychoanalytic Association, vol. 32, 1984. pp.301-324.
- BODGAN, R. & TAYLOR, S.J. - Introduction to Qualitative Research Methods. New York, Wiley & Sons, 1975.
- CLULOW & MATTINSON - Marriage Inside Out. London, Penguin, 1989.
- DA MATTA, R. - A Família como Valor-Considerações não familiares sobre a Família Brasileira. mimeo, 1986.
- DAUSTER, T. - "Código Familiar: uma versão sobre o significado da família em camadas médias urbanas", Rev. Bras. Est. Pop. v.5, nº 1, São Paulo, ABEP, 1988.

- DIMENSTEIN, D. - A Guerra dos Meninos. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- DONZELOT, J. - A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro, Graal, 1986 .
2ª.
- DURHAN, E. - "Família e Reprodução Humana". Perspectivas Antropológicas da Mulher, vol. 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- _____ - A Caminho da Cidade: a Vida Rural e Migração para S.Paulo. S.Paulo, Perspectiva, 1978.
- FIGUEIRA, S.A. - "O'Moderno' e o 'Arcaico' na Nova Família Brasileira", Uma Nova Família?. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- FOGEL, LANE & LIEBERT e col. - Psicologia Masculina, novas perspectivas psicanalíticas. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
- FREUD, S. - "Tres ensayos para la teoria sexual", terceira edición, Obras Completas, Tomo II, Madrid, Nueva, 1981. 4ª ed.
- GOLDANI, A.M. - "Evolution de la famille et demande de politiques publiques au Brésil", Evolutions de la famille, Revue Internationale des Ciencias Sociales. UNESCO/ÉRÈs, vol. XLII, nº 4, 1990.
- GRACIANO, M. - O Conceito de Identificação na Aprendizagem Social. Te se de Mestrado, PUC/RJ, 1971.
- GREER, G. - Sex and Destiny-The Politics of Human Fertility, London , Secker & Warburg, 1984.

- LACAN, J. - Os Complexos Familiares. Rio de Janeiro, Zahar, 1990. 2ª ed.
- LAPLANCHE & PONTALIS - Vocabulário de Psicanálise. Lisboa, Moraes Ed., 1970. 5ª ed.
- MALDONADO, M.T. - Psicologia da Gravidez. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MORIN, E. - O Enigma do Homem-Para uma Nova Antropologia, Rio de Janeiro, Zahar, 1979. 2ª ed.
- MORRIS, D. - The Naked Ape. London, Cape, 1967.
- _____ - Manwatching-A Field Guide to Human Behaviour, London, Jonathan Cape Ltd., 1977. 7ª ed.
- MEAD, G.H. - Mind Self and Society. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1934.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. - Sujeito e Cotidiano-um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro, Campus, 1987.
- NEUBAUER, P.B. - "Efeitos recíprocos da 'Paternagem' sobre genitor e criança", Fogel, Lane & Liebert eds. Psicologia Masculina. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- PARCEVAL, G.D. - Psicologia Masculina - Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- RICHMAN, J., RASKIN, V., GAINES, C. - "Gender Roles, Social Support, and Post-partum Depressive Symptomatology-the benefits of caring" . The Journal of Nervous and Mental Disease. vol. 179, nº 3, 1991. pp 139-147

- RUSSEL, B. - Autobiography. London, Allan & Unwin Ltd., 1967.
- SADIK, N. - The State of World Population. New York, UNFPA, 1990.
- SALEM, T. - O Velho e o Novo-um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____ - "Mulheres Faveladas : com a venda nos olhos". Perspectivas Antropológicas da Mulher. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. vol. 1.
- _____ - "Filhos do Milagre". Ciência Hoje. vol. 5, nº 25, julho/agosto de 1986. pp 31-36.
- SIMÕES, C.C. & OLIVEIRA, L.A.P. - "O Papel do Planejamento Familiar na Recente Queda da Fecundidade". Perfil Estatístico de Crianças e Mães no Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 1988.
- THIS, B. - O Pai: ato de nascimento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- WILSON, E. - Sociobiology-Abridged Edition. Cambridge, London, Harvard University Press, 1980.

AUTORES CITADOS

(a partir de outras fontes)

ABREU FILHO, O. - "O Parentesco como sistema de representações: um estudo de caso; in Figueira Família, Psicologia e Sociedade. Rio de Janeiro, Campus, 1981.

AJURIAGUERRA, J. de - Manuel de Psychatrie de L'Enfant. Paris, Masson, 1973.

CARTRY, M. - "Attitudes Familiales chez les Gourtmantché". L'Homme . VI, 1966, nº 3.

COELHO, R. - "The Significance of the Couvade among the Black Caribs" Man, 49, 1949. pp 51-3.

CURTIS, H. L. - "A Psychiatric Study of 55 Expectant Fathers", USA Army Forces Medical Journal, nº 6, 1950, pp 937-50.

DARMON, P. - Le Mythe de la Procréation à L'Age Baroque. Paris, Seuil, 1980.

DOUGLAS, M. - "The Relevance of Tribal Studies". Journal of Psychosomatic Research. vol. 12, 1968, p 21-8.

FLANDRIN, J.L. - Familles Parenté, Maison, Sexualité dans L'Ancienne Société. Paris, Hachette, 1976.

FRAZER, J. - Le Rameau D'Or. Londres, 1890, 12 vols.

HÉRITIER, F. - "Fecondité et Sterilité: La Traduction de ces Notions dans le Camp Idéologique au Stade Pré-Scientifique". Le Fait Féminin, Fayard, 1978, p. 387-403.

INMAN, W.S. - "La Couvade dans L'Angleterre D'Aujourd Hui". Annales D'Ocultisme, 183, 1950. Publicado em Inglês no Brit. Journal of Medical Psychology, 1941, nº 19.

HARTMAN, A. & NICOLAY, R. - "Sexuality Deviant Behaviour in Expectant Fathers". Journal of Abnormal Psychology. vol. 71, nº 3, 1966. pp.232-4.

KOTELCHUCK, M. - "The Infants Relationship to the Father: Experimental Evidence" in Lamb, M.E. (Ed.) The Role of Father in Child Development. New York, Wiley, 1976.

KUPFERER, H. - "Couvade: Ritual or Real Illness". American Anthropologist, nº 67, 1965. pp. 99-101.

LEACH, E. - L'Unité de L'Homme et Autres Essais. Paris, Gallimard, 1980.

LEVI-STRAUSS, C. - "La Vie Familiale et Sociale des Indiens Nambikwara", Journal de La Société, des Americanistes, nº 37, 1948. pp.61-127.

_____ - "La Famille". Claude Levi-Strauss. Paris, Gallimard, 1979.

_____ - La Pensée Sauvage. Paris, Gallimard, 1962.

- MALINOWSKY, B. - Le Vie Sexuelle de Sauvages du Nord-Quest de la Melanesie. Paris, Petit Bibliothèque Payot, n° 156, 1970.
- MASTERS, W.H. & JOHNSON, V.E. - Human Sexual Response, Churchill, 1966.
- MAUSS, M. - in DUMONT, L. - Une Science en Devenir, L'Arc, 1972.p.10.
- MEAD, M. - "La Paternité, Invention Sociale?". L'Un et L'Autre Sexe . Paris, Denöel.
- MÉTRAUX, A. - "The Couvade". Handbook of South American Indians, vol.5 p. 369-74.
- MENGET, P. - "Temps de Maître, Temps D'Être: La Couvade". La Fonction Symbolique. Paris, Gallimard, 1979, p. 245-64.
- MUNROE, R. & MUNROE, R. - "Male Pregnancy Symptoms and Cross-Sex Identity in Three Societies". Journal of Social Psychology, n° 84, 1971 . pp 11-25.
- MUNROE, R., MUNROE, R. & WHITTING, J. - "The Couvade: A Psychological Analysis". Ethos, n° 1, 1973. pp. 30-74.
- PICHON RIVIÈRE, P. - "The Couvade: A Problem Reborn". Man, 9, n° 3 , 1974. pp. 423-35.
- RENOUX, M. - AspectsPsychopathologiques de la Paternité. Estrasburgo, 1965. (tese de medicina, mimeo.)

SALMAN, H. "Y a-t-il un Instinct de Paternité?. Paternité et Virilité, Convergence, Éd. Spes, 1963.

SMITH OBOLER, R. - "Is the Female Husband a Man? Woman/Woman Marriage Among the Nandi of Kenya". Ethnology, vol. 19, n° 1, 1980. pp.269-88.

THOMSON, D. - "Fatherhood in the Wik Woman Tribe". American Anthropologist, n° 38, 1936.

TRETHOWAN, W.H. - "Le Syndrome de la Couvade. Nouvelles Observations". Journal of Psychosomatic Research, vol. 12, 1969.

VAN GENNEP - Manuel de Folklore Français Contemporain. Paris, Picard, 1943.

WAINWRIGHT, W. - "Fatherhood as a Precipitant of Mental Illness". American Journal of Psychiatry, n° 10, 1966. pp. 926-62.

ZILBOOG, G. - "Depressive Reaction Related to Parenthood". American Journal of Psychiatry, n° 10, 1931. pp. 926-62.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, pela aluna Ana Maria Stingel, intitulada A Construção do Papel Paterno, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Maria Eucharis de Senna Motta

Prof. Maria Eucharis de Senna Motta
(Professor orientador)
PUC/RJ

Monique Rose-Aimée Augras

Prof. Monique Rose-Aimée Augras
PUC/RJ

Everardo Rocha

Prof. Everardo Rocha
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1991.

Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Prof. Ana Maria Nicolaci-da-Costa
PUC/RJ
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas